

Organização

Gustavo Cerqueira Guimarães

Luciana Cirino Lages R. Costa

Marcelino Rodrigues da Silva

**Problemáticas e solucionáticas
do futebol em Minas Gerais**



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2026

Diretora da Faculdade de Letras

Sandra Gualberto Bianchet

Vice-Diretor

Lorenzo Teixeira Vitral

Coordenação editorial e administrativa

Carolina Fenati

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Fellipe Carneiro

Revisão

Beatriz Alves

Flávia Kalazans Lucidi Miholo

Diagramação

Beatriz Alves

Thaíssa Neves

Revisão de provas

Thaíssa Neves

Yasmim Fernandes Hamdan

ISBN

978-85-7758-404-8 (digital)

978-85-7758-403-1 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

7 Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais

Gustavo Cerqueira Guimarães
Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa
Marcelino Rodrigues da Silva

Problemáticas históricas e sociais

15 O espetáculo em construção: oficialização do esporte mineiro e delimitação dos "circuitos" futebolísticos nos anos 1940

Raphael Rajão Ribeiro

25 Concreto, futebol e tropeiro: 55 anos do Mineirão

Thiago Carlos Costa

39 As inter-relações entre o Mineirinho e o Mineirão: o futebol que vai além do campo

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa

49 "Livrai-nos do *foot-ball*, amém": o esporte visto pelo *Lar Catholico*, em Juiz de Fora/MG (1920-1940)

Verônica Toledo Saldanha

Solucionáticas artísticas e culturais

- 67 Propriedade do povo: os bichos do futebol mineiro e a questão da autoria**
Marcelino Rodrigues da Silva
- 77 "Daqui a dez anos o Cruzeiro vai ter a maior torcida de Minas": Cruzeiro e a era Felício Brandi**
Letícia Costa Marcolan
Marcus Vinícius Costa Lage
- 87 A mão que parou Pelé**
Gabriel Canuto Nogueira Gama
- 103 Experiências didáticas e educativas no Museu Brasileiro do Futebol**
Anderton Taynan Rocha Fonseca
- 117 Marcelo Gomes Dolabela: três poemas futebolísticos entre o rigor e a circunstância**
Gustavo Cerqueira Guimarães
Rafael Castro de Souza
- 133 Sobre os autores**

Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais

Gustavo Cerqueira Guimarães

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa

Marcelino Rodrigues da Silva

Concebido com a finalidade de divulgar a produção do FuLiA (Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais) e promover o debate em seu campo de investigação, este livro reúne ensaios de curta extensão de autoria dos membros do grupo, incluindo pesquisadores, docentes e discentes de graduação e pós-graduação, atuantes em outras instituições. No seu conjunto, os textos abordam diferentes aspectos do futebol em Minas Gerais, considerando o esporte não apenas como uma prática esportiva, mas, sobretudo como um complexo fenômeno cultural, que estabelece relações com diversos outros campos, como a linguagem, as artes, a comunicação, a história, o urbanismo e a política. A ênfase, portanto, recai sobre essa dimensão cultural do fenômeno esportivo, em trabalhos que exploram o modo como a prática do futebol tem se desdobrado nas diferentes formas de assimilação, representação e recriação por meio das quais ele se atualiza no contexto mineiro.

O título do livro – *Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais* – faz referência ao bordão criado e repetido inúmeras vezes pelo centroavante Dario, que jogou por muitos anos pelo Atlético e se tornou uma figura lendária do futebol brasileiro. Numa crônica publicada no *Jornal do Brasil* em 17 de agosto de 1971, o escritor Carlos Drummond de Andrade reproduziu a frase, em uma de suas muitas variações: “Não me venha com problemáticas, pois tenho solucionáticas”. Entre seus comentários sobre o achado poético do jogador atleticano, Drummond

observa que “dizendo apenas sobre futebol”, “Dario disse mais do que disse”, acrescentando logo em seguida: “porque não o disse com o propósito de generalizar, de emitir um alto pensamento, abrangente de questões mais complexas que as referentes à bola de couro, sua frase me parece digna de ser inscrita entre as manifestações autênticas de sabedoria”¹. Para justificar seu elogio, o escritor explica:

Pois os problemas estão nos afogando com sua maré montante; problemas verdadeiros, falsos problemas, problemas imaginários. Como se não bastassem os primeiros, esforçamo-nos por inventar os demais, complicando a complicação no limite de nossas capacidades complicatórias. As próprias soluções que formulamos são outros tantos problemas. [...] E na incerteza, na ambiguidade, na oscilação entre afirmar, negar e complicar, navegamos em uma onda de problemas ainda mais problematizados pelo uso de linguagem em código, privativa de problematizadores brevetados. Dario, sem querer, mas certo, reagiu contra isso, respondendo à altura. Atacam de problemática? Retruca de solucionática. E, com isso, ensina à gente uma atitude positiva, de bom senso e realismo².

Forjada no caldeirão da sabedoria popular e glosada finamente por Drummond, a frase lapidar de Dario pode ser tomada como uma cifra meio irônica e jocosa da tarefa infinita a que se entregam os pesquisadores do fenômeno esportivo, em seu trabalho de aprofundar a reflexão e o conhecimento sobre as relações entre o esporte, a sociedade e a cultura. Inspirados por essa possibilidade, dividimos os textos que compõem o livro em dois grupos que assinalam suas afinidades temáticas e teórico-metodológicas, embora a linha demarcatória nem sempre seja nítida, dado o caráter eminentemente interdisciplinar dos estudos sobre o futebol. Ao primeiro grupo demos o título de “Problemáticas históricas e sociais”, enquanto o segundo recebeu o nome de “Solucionáticas artísticas e culturais”.

A primeira parte do livro reúne textos dedicados às relações do futebol com diferentes aspectos da vida social mineira, trabalhando com alguns dos espaços e redes de sociabilidade em que o esporte se fez presente ao longo de sua história no estado. Em “O espetáculo em

¹ ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 120.

² ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 120-121.

construção: oficialização do esporte mineiro e delimitação dos 'circuitos' futebolísticos nos anos 1940", Raphael Rajão Ribeiro estuda o processo de constituição do futebol de várzea em Belo Horizonte, examinando os interesses, conflitos e questões que marcaram a segregação entre clubes profissionais e amadores. Nos dois ensaios seguintes, o foco se volta para a principal praça esportiva do futebol profissional no estado, o Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido como Mineirão. A história de sua construção, os eventos esportivos mais marcantes que lá aconteceram e a iguaria típica mineira tradicionalmente consumida pelos torcedores no estádio são abordados no texto "Concreto, futebol e tropeiro: 55 anos do Mineirão", de Thiago Carlos Costa. O Gigante da Pampulha continua em cena no ensaio "As inter-relações entre o Mineirinho e o Mineirão: o futebol que vai além do campo", em que Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa parte de suas memórias pessoais para falar da importância do estádio para a configuração urbanística de Belo Horizonte e de suas relações com outros espaços dedicados ao esporte e ao lazer na cidade. Fechando a primeira seção do livro, o texto "'Livrai-nos do foot-ball, amém': o esporte visto pelo *Lar Catholico*, em Juiz de Fora/MG (1920-1940)", de Verônica Toledo Saldanha, nos transporta para esse importante polo industrial do interior mineiro, concentrando suas atenções no modo como, nas primeiras décadas do século XX, o esporte foi objeto de forte resistência por parte de certos grupos sociais que o viam como símbolo de um estilo de vida moderno, incompatível com os padrões mais conservadores de ordem, moral e civilidade.

Na segunda parte do livro, escalamos os textos mais voltados para as representações artísticas e culturais do futebol mineiro, enfatizando os processos de interpretação a que personagens, instituições e acontecimentos do mundo esportivo são submetidos quando se tornam objeto do discurso de artistas, jornalistas, historiadores, museólogos e educadores. Abrindo a seção, temos o ensaio "Propriedade do povo: os bichos do futebol mineiro e a questão da autoria", de Marcelino Rodrigues da Silva, que coloca em foco o trabalho do cartunista Fernando Pieruccetti, criador das famosas mascotes dos clubes mineiros, e sua malsucedida luta para ter reconhecidos os seus direitos sobre a reprodução de suas criações. No texto seguinte, intitulado "'Daqui a dez anos o Cruzeiro vai

ter a maior torcida de Minas': Cruzeiro e a era Felício Brandi", Letícia Costa Marcolan e Marcus Vinícius Costa Lage exploram a historiografia cruzeirense, discutindo as razões da importância atribuída à atuação do cartola Felício Brandi, durante os anos 1960 e 1970, nas narrativas sobre a grandeza do clube. Em seguida, vem o ensaio "A mão que parou Pelé", em que Gabriel Canuto Nogueira Gama nos conta sobre a entrevista que realizou com o ex-goleiro Renato Valle, alternando-se entre as histórias desse personagem importante da história atleticana e suas próprias impressões como um jovem jornalista que sonhava em levar para o esporte as estratégias do jornalismo literário. O texto seguinte, intitulado "Experiências didáticas e educativas no Museu Brasileiro do Futebol", também parte das experiências pessoais do autor, Anderton Taynan Rocha Fonseca, que nos fala sobre suas atividades como educador museal do Museu Brasileiro do Futebol, onde atuou mediando visitas e oficinas direcionadas à crianças. Fechando o livro, Gustavo Cerqueira Guimarães e Rafael Castro de Souza assinam o artigo "Marcelo Gomes Dolabela: três poemas futebolísticos entre o rigor e a circunstância", voltado para a leitura de alguns poemas do escritor lajinhense que tematizam o esporte mais praticado no mundo, buscando um equilíbrio entre a trivialidade do jogo e a precisão do poema.

Aos que se interessam pelos estudos sobre o futebol, pela história cultural mineira e pelo trabalho dos pesquisadores aqui reunidos, desejamos uma boa leitura, ainda que nem sempre uma boa solucionática possa ser encontrada para toda problemática. Mas é isso, afinal, que faz a bola continuar girando.

Referências:

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Falou e disse" (1971). In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 119-121.

Problemáticas históricas e sociais

O espetáculo em construção: oficialização do esporte mineiro e delimitação dos “circuitos” futebolísticos nos anos 1940

Raphael Rajão Ribeiro

O presente texto parte de reflexões sobre a constituição do futebol de várzea em Belo Horizonte como um “circuito” próprio¹. O que significa dizer, um espaço simbólico organizado com base em práticas compartilhadas, notadamente disputas esportivas, que articulam um fluxo entre equipes que circulam pelos mesmos campos e se encontram, ainda que eventualmente, em embates atléticos, e que mobilizam formas de fazer similares, de modo a se perceberem como integrantes de um mesmo universo, mais conhecido como “a várzea”.

Tal configuração não é imanente. Pelo contrário, possui uma historicidade que abarca múltiplos eventos que levaram a ela, em especial aqueles que tiveram lugar em meados do século XX. Foi em diálogo com as reestruturações do meio esportivo nacional e regional, com a dinâmica do mercado e do mundo do trabalho, com as transformações da cidade, com as expressões culturais populares e com as estratégias de controle e de luta política que essa expressão futebolística se moldou e se reinventou na experiência cotidiana dos seus adeptos.

Um processo que se deu em paralelo à estruturação do espetáculo futebolístico, com o qual a várzea esteve em diálogo todo o tempo. Dois “circuitos” que, apesar de distintos, influenciam-se mutuamente a todo o tempo, apropriando e resignificando as práticas um do outro

¹ MYSKIW. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*, p. 28; DAMO. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*, p. 49.

em diferentes momentos. Um intercâmbio simbólico, por certo, assimétrico, considerando-se a indiscutível hegemonia da versão de mercado da modalidade.

A exemplo da várzea, o futebol espetáculo – ou simplesmente futebol, associação semântica que sublinha a sua dominância sobre os demais formatos – também se constituiu por meio de uma trajetória histórica, implicando em um “processo inacabado e diversificado”, segundo a leitura de Arlei Damo². Um fenômeno que teve na oficialização do profissionalismo de seus atletas, em 1933, tão somente um dos marcos de um percurso muito mais longo de configuração, que se estende para antes e depois desse período.

Nessa perspectiva, é possível pensar o reconhecimento da profissionalização dos atletas como parte do fenômeno mais abrangente de criação de um “circuito” do futebol espetáculo em diferentes cidades brasileiras. A possibilidade da cobrança de entradas e da geração de um mercado de consumo voltado para o fomento de disputas futebolísticas remonta ao início do século XX, momento ainda embrionário da modalidade no Brasil³. A constituição de uma elite de agremiações que capitaneou esse processo, especialmente por meio das entidades dirigentes, e que concentrou o poder de definir as condições para o ingresso no “circuito” que se consolidava, pôde ser observada desde a fase inaugural dessa prática atlética.

Sob esse prisma, a distinção de uma série de clubes ou de tipos de clubes que estariam apartados de um “circuito” que se consolidava remonta à própria estruturação do “campo esportivo”⁴ nas diferentes cidades. A oposição entre agremiações profissionais e amadoras que consagraria tal separação não seria instituinte dessa segregação, se não que um desdobramento de um fenômeno de bases anteriores. Uma divisão que, em diversos momentos, passou por situações tênues, a exemplo da condição semiprofissional experimentada por inúmeras equipes de

² DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, p. 171.

³ GAMBETA. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*; SANTOS, *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*.

⁴ BOURDIEU. *Como é possível ser esportivo?*, p. 136-153.

futebol, em especial entre os anos 1930 e 1950, período no qual um mercado esportivo incipiente não era capaz de gerar rendas suficientes para o pagamento de salários de tempo integral aos atletas⁵.

É como contribuição para compreender os diferentes fenômenos que se desdobraram ao longo da configuração dos “circuitos” futebolísticos em Belo Horizonte e em Minas Gerais que o presente texto se propõe a examinar a oficialização do esporte na passagem dos anos 1930 para os anos 1940, sob a luz da regulamentação da profissionalização dos atletas e da criação de uma política desportiva nacional. Para tanto, procura-se refazer o percurso que levou à separação institucional, com a criação de instâncias diretivas distintas entre os clubes aderentes a um regime amadorista e àquele que previa a remuneração dos jogadores.

A oficialização do futebol amador

Como apontado antes, a formação de uma elite de clubes que lideraram a conformação de um “circuito” do futebol espetáculo, os quais assumiram o controle sobre as entidades diretivas e estabeleceram limites à participação das demais agremiações em suas competições, remonta ao período inaugural da modalidade em diversas cidades brasileiras. São inúmeras as referências a separações entre equipes, com a fundação de ligas alternativas para driblar as vedações impostas pelos grupos hegemônicos nos meios esportivos⁶. Nessa medida, a segregação de agremiações originadas da associação de trabalhadores braçais, de negros, de pobres e de moradores das áreas suburbanas foi observada desde as primeiras décadas da prática no país.

No caso belo-horizontino, a organização de clubes dedicados ao exercício do futebol em bairros populares observou-se poucos anos após a criação das agremiações mais tradicionais. Em 1910 – ou seja, apenas dois anos após a fundação do Atlético, a primeira associação a se

⁵ WITTER. Futebol... futebol, p. 84.

⁶ GAMBETA. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*; PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*; SANTOS JUNIOR. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*; SOUZA. *"Adiantam-se bastante nos subúrbios": o desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924)*; SOUZA; CAPRARO. *"Mercadorias postas em leilão": tensões sociais no prematuro processo de reconhecimento do profissionalismo no futebol paranaense.*

consolidar na cidade –, surgiu no bairro operário do Barro Preto o *Yale Athletic Club*⁷. Em 1913, registrava-se a existência de equipes em bairros suburbanos como a Floresta e a Lagoinha⁸. Com um número limitado de times na cidade, alguns mais bem estruturados, como o *Yale*, participaram das primeiras edições da competição organizada pela Liga Mineira de *Sports Athleticos* (LMSA), o que perdurou até o início dos anos 1920.

No médio prazo, a tendência foi a de acomodação das equipes suburbanas na incipiente segunda divisão da Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT). No campeonato de 1928, por exemplo, além de Atlético, América, Cruzeiro – então, Palestra Itália – e Sete de Setembro, apenas outros dois clubes belo-horizontinos, ambos do bairro da Lagoinha, Fluminense e Guarani, integravam a primeira divisão, ao lado do Vila Nova, de Nova Lima, e do Alves Nogueira, de Sabará. As demais associações da capital mineira concentravam-se na divisão inferior⁹. Estrutura semelhante à observada alguns anos depois, no início da década de 1930¹⁰.

A distinção representada na organização da liga local se expressou na passagem ao profissionalismo¹¹. Inicialmente, apenas Atlético, América e Palestra Itália, dentre os clubes belo-horizontinos, aderiram à regulamentação da remuneração de atletas, em 1933, seguindo filiados à entidade dirigente hegemônica. O Sete de Setembro, que, por sua vez, se articulou com outras agremiações para a criação de uma liga amadora, terminaria por ingressar no novo regime no ano seguinte¹². Assim, as demais equipes da capital mineira passaram a se organizar, à parte, para promover as disputas específicas entre aquelas que se mantiveram no amadorismo.

⁷ RIBEIRO. *A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal*: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921), p. 70.

⁸ RIBEIRO. *A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal*: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921), p. 79.

⁹ Cf. ASSIS, Anatólio Alves de. Recordações de BH do passado, do “footing” ao “football”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 23 jul. 1981. p. 9.

¹⁰ MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940, p. 166.

¹¹ LAGE; MEDEIROS. Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930, p. 1-14.

¹² MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940, p. 214-216.

Os anos que se seguiram foram de tentativas de criação de entidades dirigentes capazes de agregar os clubes que permaneceram ligados à expressão amadora da prática futebolística, como rememorou matéria do *Diário da Tarde*:

[...] Surgiu, então sob os auspícios do DIÁRIO DA TARDE, numa iniciativa brilhante de Menotti Mucelli, cuja memória reverenciamos, a primeira liga de amadores da capital – L.A.F. (Liga Amadorista de Futebol. *(sic)*) [...] Posteriormente, apareceu o D.A. (Departamento Amadorista), entidade prestigiada pela então Liga de Futebol de Belo Horizonte ou Liga Mineira de Desportos Terrestres, que se transformou, posteriormente, na Federação Mineira de Futebol¹³.

Se num primeiro momento a alternativa foi a criação de uma liga totalmente autônoma, ainda nos anos 1930, a Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT) passaria a incorporar o amadorismo em um setor próprio, o Departamento Amador (DA). Uma trajetória parecida àquela apresentada na tese de Sarah Soutto Mayor, que igualmente aponta para criação de uma entidade voltada às disputas amadoristas atrelada à estrutura institucional vinculada às agremiações profissionais, no caso, a Liga de Futebol de Belo Horizonte (LFBH)¹⁴. Uma tendência de subordinação institucional que só se consolidaria ao longo da década seguinte, a partir de 1942, como parte de um fenômeno maior de remodelação esportiva nacional.

O início da década de 1940 foi um momento central para a estruturação da política de esportes no país, a qual se expressou, principalmente, na edição do Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941. Tal legislação, além de criar o Conselho Nacional de Desportos (CND), ao qual se subordinava toda a rede de entidades diretivas do setor, estabeleceu outras orientações para o desenvolvimento das modalidades atléticas no Brasil, reproduzindo a mesma lógica de unicidade que se via no controle das associações sindicais¹⁵.

¹³ *Diário da Tarde*, 16 maio 1956, p. 8.

¹⁴ MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*, p. 217.

¹⁵ LINHALES. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*; SOARES. *Justiça desportiva: o Estado Novo entra em campo (1941-1945)*; SOUZA. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*.

Sob o novo regime, cabia ao CND a regulamentação da organização e das práticas esportivas no país, o que ocorria por meio de uma série de normativas do órgão que tinham por objetivo complementar as diretrizes gerais apresentadas no Decreto-Lei n. 3.199/41. Foi sob essa prerrogativa que o conselho estabeleceu em outubro de 1942 que: “Numero 13 – Cada Federação manterá um Departamento de Futebol Amador, com Organização própria, dirigido por um delegado por escolha do presidente [...]”¹⁶. Seguindo a imposição do órgão superior federal, em 16 de dezembro de 1942, foi instalado o Departamento de Futebol Amador (DFA)¹⁷, como parte da estrutura da Federação Mineira de Futebol (FMF), entidade criada em 1939¹⁸.

Em seu esforço de pesquisa, Sarah Soutto Mayor inventariou 197 clubes amadores que atuaram em Belo Horizonte na década de 1940, número muito superior aos 76 filiados ao DFA em seu primeiro ano¹⁹, o que demonstra que a estrutura oficial não era capaz de abarcar toda a diversidade do novo universo de agremiações que se formava. Este se trata de um ponto fundamental para a compressão do arranjo que se criou entre os anos 1930 e 1940, após a oficialização do profissionalismo e a estruturação de um sistema nacional de esportes.

Como citado, o estabelecimento de um espetáculo futebolístico é muito anterior ao advento do profissionalismo. A perspectiva de jogos com ingressos pagos no futebol de Belo Horizonte remete aos anos 1910 e ao uso do Hipódromo do Prado Mineiro como palco das disputas²⁰. Até então, clubes da capital com interesse em ingressar nos campeonatos integravam o mesmo “circuito”, independente da forma como remuneravam os seus atletas. A regulamentação de um regime de pagamento aos jogadores impediria, a partir de 1933, que clubes de estatutos diferentes

¹⁶ *Diário da Tarde*, 18 jul. 1956, p. 8.

¹⁷ Cf. DFA – legenda do amadorismo de Belo Horizonte. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 3º caderno, 12 dez. 1956.

¹⁸ MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*, p. 217.

¹⁹ MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*, p. 218, 227-228.

²⁰ Cf. SPORT. *O Bello Horizonte*, Belo Horizonte, p. 2, 25 de jul. 1915.

ingressassem nos mesmos torneios, gerando a necessidade de um novo arranjo institucional para abrigar os grupos distintos.

Além disso, essa regulamentação criava, por um lado, um afastamento entre clubes filiados às entidades dirigentes, conforme o seu regime de remuneração, se oficializado/profissional ou informal/amador; enquanto, por outro lado, aproximava agremiações federadas e não federadas, que desde então passavam a se considerar como parte de um mesmo universo, denominado "várzea". Nessa perspectiva, é interessante observar o caso do Sete de Setembro, que, ao resistir à profissionalização em seu primeiro ano, ajudou a fundar uma liga amadora e, no ano seguinte, ao rever sua posição, descolou-se completamente desse universo, afirmando sua adesão ao "circuito" de espetáculo.

Algo parecido ocorreu pelo interior de Minas Gerais, com a criação do Departamento de Futebol Amador da Federação Mineira de Futebol, em 1942. Este setor tornou-se responsável não apenas pela organização do amadorismo na capital, como passou a coordenar as ligas municipais, que eram a ele filiadas. Considerando-se que a maioria das agremiações pelo estado não migrou para o regime oficial de remuneração, essas associações esportivas passaram a se subordinar ao mesmo departamento que organizava torneios para a várzea belo-horizontina, estabelecendo relações mais diretas com os clubes desse universo, principalmente por meio de excursões, do que com aqueles do "circuito" de espetáculo.

Toda essa situação refletia-se na própria expressão profissional do jogo, com grande dificuldade para o estabelecimento de um campeonato mineiro de clubes profissionais na década de 1940, com menos de uma dezena de participantes nas primeiras edições²¹. A ausência de clubes aderentes ao novo regime fragilizava as equipes, que não conseguiam pagar adequadamente seus atletas. Por outro lado, a necessidade de oficialização de uma remuneração, que já acontecia de maneira informal entre agremiações da capital e do interior, afastava possíveis interessados em se bater contra Atlético, Cruzeiro e América, já que aqueles clubes não queriam assumir as implicações legais da transição ao profissionalismo.

²¹ Cf. EM 49, a criação da II divisão da F. M. F. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4-5, 20 dez. 1948.

Do ponto de vista da abrangência da atuação do Departamento de Futebol Amador, a filiação de uma entidade a esse setor da Federação Mineira de Futebol implicava numa série de burocracias, que iam desde o registro de estatutos em cartório e constituição de pessoa jurídica até o pagamento de taxas regulares. Nessa medida, foram recorrentes as tentativas de criação de ligas paralelas que ofereciam formas mais simplificadas de articulação entre os clubes²². Essas, contudo, sucumbiam à organização de um sistema nacional de esportes que preconizava a unicidade institucional, ou seja, apenas uma entidade poderia representar o meio amadorista local e essa já era o Departamento de Futebol Amador.

Não por acaso, a várzea local constituiu uma longa tradição de auto-organização apartada do órgão oficial, articulando amistosos, excursões, festivais e torneios avulsos, sem qualquer tipo de institucionalização²³. Uma situação que colocava em contato clubes federados e não federados, que passaram a circular pelos mesmos espaços e se encontrar, eventualmente, em disputas com diferentes configurações, mas, ainda assim, integrantes de um mesmo “circuito”.

Conclusão

Ao se examinar a organização institucional do futebol mineiro nos anos 1940, emerge um cenário ainda bastante fluído de articulação dos clubes. Se a oficialização do profissionalismo, por um lado, levou à necessidade de criar uma distinção entre as entidades diretivas, de modo a estabelecer ligas voltadas a um ou outro regime de remuneração dos atletas, por outro, a artificialidade da separação de clubes não oferecia um acúmulo de debates sobre as bases em que se daria o novo arranjo. Como demonstra a bibliografia²⁴, o impacto das decisões internacionais e dos meios carioca e paulista foi o fator mais determinante da adesão mineira ao profissionalismo ainda em 1933.

²² Cf. ANDARAÍ, legitima glória do amadorismo. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 15 jan. 1949; APOIO da Diretoria de Esportes ao C. A. D. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 5 ago. 1949.

²³ RIBEIRO. A “Federação” ou o dribble da várzea de Belo Horizonte sobre o controle burocrático na Ditadura Militar.

²⁴ MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*.

Nessa medida, a estruturação de um sistema nacional de esportes, a partir de 1941, cumpriu um papel central, determinando as balizas para a reorganização da liga profissional como Federação Mineira de Futebol, que passaria a abrigar um departamento dedicado ao amadorismo. Apesar de várias tensões vivenciadas nas décadas seguintes, é esse o arranjo que vigora até os dias de hoje, articulando a prática oficial na capital e no interior do estado.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. p. 136-153.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez., 2019.
- “DEIXEM Côrtes trabalhar”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 18 jul. 1956.
- GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LAGE, Marcus Vinícius Costa; MEDEIROS, Regina de Paula. Aspectos sociológicos da profissionalização do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 9, n. 23, p. 1-14, mar. 2014.
- LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- MYSKIW, Mauro. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Rio de Janeiro: Drible de Letra/Multifoco, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. A “Federação” ou o drible da várzea de Belo Horizonte sobre o controle burocrático na Ditadura Militar. *Revista Cantareira*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 7-22, jan. 2020.
- SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de*

Bangu e Andaraí (1914-1923). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOARES, Jorge Miguel Acosta. *Justiça desportiva: o Estado Novo entra em campo (1941-1945)*. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Glaucio José Costa. *"Adiantam-se bastante nos subúrbios": o desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907-1924)*. 2018. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

SOUZA, Jhonatan Uewerton; CAPRARO, André Mendes. "Mercadorias postas em leilão": tensões sociais no prematuro processo de reconhecimento do profissionalismo no futebol paranaense. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. (Org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015. p. 235-263.

UM POUCO da história do futebol amador de Belo Horizonte. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 16 maio 1956.

WITTER, José Sebastião. Futebol... futebol. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião. *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982. p. 71-85

Concreto, futebol e tropeiro: 55 anos do Mineirão

Thiago Carlos Costa

No dia 5 de setembro de 2020, o Estádio Mineirão completou 55 anos de sua inauguração. Em torno de suas 88 colunas, devidamente preservadas, o Gigante da Pampulha guarda milhões de memórias ao longo de mais de quatro mil partidas disputadas em seu gramado. Nesse texto, pretendo visitar um pouco dessa memória do estádio, ao longo de três partes. Na primeira parte, chamada “Concreto”, darei destaque à construção do estádio. Na segunda parte, abordarei o futebol, com algumas menções aos momentos esportivos marcantes do estádio. E na terceira e última parte, falarei do tropeiro, prato fundamental para o entendimento da experiência de se ir ao Mineirão.

Para o título do texto pensei em remeter ao livro clássico *Feijão, angu e couve: ensaio sobre a comida dos mineiros*, de Eduardo Frieiro (1889-1982), professor de literatura da UFMG. Nesse livro, Frieiro propõe a questão: há uma cozinha tradicionalmente mineira? Seu percurso mapeia ingredientes que ajudam a relacionar hábitos alimentares com tradição e cultura. Pensando na escrita desse texto, resolvi mesclar minha própria experiência pessoal e profissional com o Mineirão no intuito de mostrar como o estádio se consolidou num lugar de memória e tradição para os mineiros.

Frequento o estádio desde meados de 1985, como torcedor levado por meu pai, e depois com tios e amigos para ver os jogos do time de coração. Nestes dias, os jogos eram eventos ritualísticos, cercados de hábitos como chegar cedo, sempre os mesmos locais para comer e beber,

e o mesmo setor para assistir aos jogos e torcer. Construí uma memória espacial e afetiva em torno desse estádio. Anos mais tarde, tive a oportunidade profissional, já como historiador de museus, em trabalhar na construção e coordenação do Museu Brasileiro do Futebol que fica dentro estádio, remodelado para a Copa do Mundo. Tinha a importante missão de ajudar na pesquisa, preservação e difusão da memória de um estádio que representa a identidade do povo de Minas Gerais. Aqui tentarei contar um pouco dessa história.

Concreto

O Estádio Mineirão representa um marco de engenharia e arquitetura para Belo Horizonte, Minas Gerais e Brasil. Inaugurado em 5 de setembro de 1965, diante de aproximadamente oitenta mil pessoas no Gigante da Pampulha, que estavam maravilhados com aquele colosso de concreto. A demanda por uma praça esportiva de médio para grande porte em Belo Horizonte remete a meados dos anos de 1950, em consonância com crescimento populacional da cidade. Mas também em resposta ao anseio dos clubes da capital, seus torcedores, cronistas esportivos e demais entusiastas do futebol. Belo Horizonte tinha, antes da inauguração do Mineirão, estádios dos clubes América, Atlético e Cruzeiro, com capacidade máxima para dez mil torcedores. Além disso, havia também o estádio Raimundo Sampaio – o Independência –, que fora inaugurado para sediar jogos da cidade na Copa de 1950, mas que confortavelmente não abrigava mais que vinte mil torcedores. Um marco interessante para o ímpeto de construção de um grande estádio para Minas Gerais ganhava força no contexto do primeiro título da conquista da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, como aponta a pesquisa de doutorado de Georgino Jorge de Souza Neto:

Da frustração decepcionante da perda do título em 1950 à alegria eufórica da conquista em 1958. Este parece ser o lapso de tempo que demarca a distância entre o estádio Independência e o estádio Minas Gerais. Embora a inauguração deste último ocorra em 1965, o ano de 1958 surge como o momento em que o discurso sobre a necessidade de um novo estádio ganha força e presença. Os periódicos apontam, em vários sentidos, a falência dos estádios da capital, embora o Independência não tenha completado sequer uma

década e os outros principais estádios tenham passado por profundas reformas e melhoramentos, notadamente na década de 1940¹.

Vale ressaltar aqui que a pesquisa de Georgino Neto traça um importante panorama histórico dos estádios de futebol no início do século XX até a inauguração do Mineirão.

Somando-se a força da crônica esportiva que mobilizava a construção de um novo e grande estádio em Belo Horizonte, o fator político entrava em campo. Particularmente na figura do deputado estadual Jorge Carone, que abraçou a ideia de um novo estádio. Entre viagens para o Rio de Janeiro em estudos para viabilização do projeto, mais reuniões com dirigentes de clubes e federações, mais apoio de outros políticos, conseguiu pôr em votação no ano de 1959 o projeto de construção do novo estádio.

Após a composição política, o projeto levou o número de 117, 11 de maio de 1959, torna-se a lei de 1947, assinada pelo governador Bias Fortes, em 12 de agosto do mesmo ano. A lei que gerou o Mineirão contemplava ainda, a criação de uma Comissão de Administração e de uma autarquia denominada Administração do Estádio Minas Gerais (AEMG). Na comissão estavam todos aqueles que, de alguma forma, atuaram pela construção².

O projeto da construção do novo estádio saía assim da esfera municipal para as mãos do Governo Estadual e amplo apoio de deputados, crônica esportiva e entidades esportivas.

O Estádio Minas Gerais se tornaria assim, o inaugural investimento totalmente público do governo de Estado em uma obra desta natureza. Obviamente, a assinatura do governador Bias Fortes que sanciona a lei do Estádio é revestida de grande cobertura midiática. A imprensa explícita, com destacada proeminência, aquilo que parecia ser definitivamente o começo de um projeto que iria garantir a concretização de um forte anseio de parte da população belo-horizontina, notadamente dos sujeitos afeitos ao universo esportivo e principalmente futebolístico³.

A Comissão para a construção do novo estádio chefiada por Jorge Carone, se detém sobre o projeto dos arquitetos Eduardo Mendes

¹ SOUZA NETO. *Do Prado ao Mineirão*: a história dos estádios na capital inventada, p. 135.

² SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO. *Mineirão 40 anos*: paixão e emoção, p. 55.

³ SOUZA NETO. *Do Prado ao Mineirão*: a história dos estádios na capital inventada, p. 171.

Guimarães e Gaspar Garreto que tinham o desenho de um estádio universitário para trinta mil espectadores. A legislação amparava a construção de um estádio de maior capacidade, e assim o projetaram para algo em torno de cem mil lugares. O outro passo prático era escolher um local para a construção desse colosso de concreto. Várias localidades foram visitadas de norte a sul da cidade, mas então o jovem engenheiro-chefe da Comissão, Gil César Moreira de Abreu, sinalizou a existência de um terreno na região da Pampulha com cerca de 300.000 m² e que atenderia à demanda do projeto, porém, o terreno pertencia à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O então reitor, Pedro Paulo Penido, tinha interesse na construção dessa praça esportiva na região, pois ajudaria na mobilização e visibilidade em torno do *campus* universitário, na então isolada região da Pampulha.

Mais uma vez, a política entrava em campo, pois a cessão do terreno não dependia apenas da vontade do reitor, mas do apoio do Governo Federal, que foi dado pelo Ministro da Educação Clóvis Salgado e pelo presidente Juscelino Kubistchek. Assim, em fevereiro de 1960, o contrato de comodato entre o Governo de Minas Gerais e a UFMG estava assinado para a concessão do terreno para a construção do estádio. Uma das contrapartidas do Governo Estadual para a comunidade universitária era a construção do Centro Esportivo Universitário (CEU), obra que foi executada e entregue no início dos anos de 1970 para a UFMG. Os serviços começaram em 1960 em um ritmo acelerado, com trabalhos de terraplanagem e primeiras fundações do Estádio Minas Gerais. Mas, em 1961, após uma disputada corrida eleitoral, o banqueiro Magalhães Pinto foi eleito para o Governo Estadual. Rival de primeira ordem de Bias Fortes, o seu antecessor, Magalhães Pinto desacelerou as obras do novo estádio motivado por rixa política, e afirmou que precisava ser feita uma auditoria nas obras para analisar a situação. Mas, das coisas da vida e do futebol, em janeiro de 1963, a Seleção Mineira venceu a Seleção da Guanabara em pleno Maracanã. Tal feito no então tradicional e disputado Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais levou a torcida mineira ao delírio na recepção dos campeões.

Como sempre, a política e o futebol andam de mãos dadas nos jardins da história, assim sendo, vislumbrando uma carona na popularidade

do esporte e aconselhado por assessores próximos, Magalhães Pinto resolve abraçar a construção do Estádio Minas Gerais. Entrava-se então em uma nova fase, com articulações políticas para financiamento da construção do estádio. Com este novo aporte, a AEMG, na figura do engenheiro Gil César Moreira, lançava mão de uma força-tarefa para finalização das obras. Divididas em três turnos, as obras transcorreram em jornadas de 24 horas diárias, com o envolvimento de mais de três mil operários. Nesse ritmo, o estádio saiu de uma frase experimental de agosto de 1964 para a finalização das obras em julho de 1965. Ao todo mais de 7.200 operários trabalharam na obra do estádio⁴, com um volume assombroso de sacos de cimento, tijolos, ferro, dentre outros materiais de construção para erguer esse colosso com capacidade para cem mil pessoas.

A inauguração do Estádio Minas Gerais parou Belo Horizonte, com uma programação extensa a partir das nove horas da manhã, com uma salva de tiros canhões na Pampulha e abertura dos portões às dez. Até o início da partida inaugural, houve show de paraquedistas, exibição de cães amestrados, desfile de balizas, benção, orações, show da banda da Polícia Militar e show aéreo da Esquadilha da Fumaça. Eis que por volta das quinze horas, o capitão da seleção de 1958, Hideraldo Bellini, conduziu uma tocha e acendeu a chama da pira no estádio. Pouco depois, a Seleção Mineira entrava em campo juntamente com o River Plate, diante de quase oitenta mil pessoas. Sobre o público presente no estádio, a não lotação é atribuída ao astrólogo e bruxo de nome Saturno, que vivia em Contagem e que disse que o novo estádio desabaria em sua inauguração. Algumas pessoas naquela época ainda acreditavam em astrólogos e não compareceram ao jogo inaugural.

Futebol

Vamos falar de futebol, começando pelo jogo inaugural entre a Seleção Mineira e o River Plate, em um jogo emocionante decidido aos dois minutos do segundo tempo com o histórico primeiro gol do Mineirão que saiu dos pés do volante mineiro Bougleux. A partida teve até teve duas expulsões, Tião do time mineiro e Sarnari do time argentino, nesse encontro

⁴ VIEIRA; RASO. *Mineirão: o maior gol de Minas*, p. 45.

ainda estiveram em campo as jovens promessas Tostão e Dirceu Lopes, além do lendário goleiro argentino Gatti. Este jogo inaugural abriu uma sequência de quatro partidas comemorativas para a abertura do Mineirão. Foram disputadas na sequência: em 7 de setembro, Brasil (Palmeiras) 3X0 Uruguai; 12 de setembro, Seleção Mineira 2X3 Botafogo; 15 de setembro, Seleção Mineira 2X1 Santos. Desde os quatro jogos inaugurais para cá, mais de quatro mil partidas foram disputadas no Gigante da Pampulha, sendo de campeonatos regionais, nacionais e internacionais, como a Copa Libertadores, além de jogos de Copas do Mundo (2014) e da Olimpíada de 2016. Um dos grandes argumentos dos clubes mineiros para a construção de um novo e grande estádio para o futebol do estado se justificava na tese de que com grandes rendas de público os times poderiam manter seus grandes talentos e assim obter êxito esportivo. De certa maneira, o argumento se mostrou sólido, pois já em 1966, o Cruzeiro da brilhante geração de Tostão, Dirceu Lopes, Raul, Procópio, Piazza e Zé Carlos venceu o Santos de Pelé, Pepe, Zito e cia. por 6 a 2, para delírio dos mais de oitenta mil torcedores presentes e assombro da crônica esportiva. Esse resultado abriu caminho para o primeiro título nacional do Cruzeiro que foi a Taça Brasil.

O desempenho vitorioso do Cruzeiro marcou os primeiros anos do Mineirão, o time celeste conquistou o pentacampeonato estadual entre 1965 e 1969, coroando a brilhante geração de Tostão, Dirceu Lopes e Natal. Essa hegemonia cruzeirense motivou o Atlético a formar um elenco à altura do seu rival e recuperar o protagonismo no futebol estadual. Assim, o Atlético já em 1969 dava mostras de que estava montando um time forte ao vencer em amistoso a Seleção Brasileira recém-classificada para a Copa de 1970. As “Feras de Saldanha” foram derrotadas pelo time do Atlético:

Naquela noite de três de setembro de 1969, o Atlético entrou em campo vestindo a camisa da Seleção Mineira. O amistoso era comemorativo aos quatro anos de inauguração do Mineirão, que passava a receber uma nova iluminação com lâmpadas de mercúrio. Apesar de tanto craque em campo, a grande atração do confronto estava era no banco de reservas, pois Yustrich, técnico do Atlético, era desafeto declarado de João Saldanha, que comandava a Seleção Brasileira. [...] Na etapa final, Dario fez 2 a 1, Carlos Alberto

apelou e foi expulso [...] A festa iniciada no Mineirão tomou as ruas da cidade⁵.

Anos depois, em 1971, o Atlético venceu o campeonato brasileiro, disputando um triangular final contra São Paulo e Botafogo. Nos mesmos anos 1970, o Mineirão foi palco da brilhante geração atleticana, comandada por Reinaldo, que viria a ser o maior artilheiro do Mineirão anotando 152 gols. Em 1976, o Mineirão sediou a primeira partida das finais da Copa Libertadores, com o placar de Cruzeiro 4X1 River Plate, decisão que somente terminou com a conquista celeste em jogo desempate disputado no Estádio Nacional do Chile. Neste mesmo ano, o Cruzeiro empatou em 0 A 0 com o Bayern de Munique no Mineirão, e viu escapar a chance de se tornar campeão Mundial Interclubes diante de 113 mil pagantes.

O Galo participou de uma das mais dramáticas decisões de campeonato brasileiro ao perder nos pênaltis para o São Paulo a decisão do certame nacional de 1977, levando a profunda decepção os mais de cem mil torcedores presentes, afinal possuía o melhor ataque, com Reinaldo sendo o artilheiro do campeonato com 28 gols, e um time invicto. Porém esta mesma geração deu ao Atlético a maior sequência de títulos estaduais no Mineirão, a hegemonia alvinegra levou o clube a conquista do hexacampeonato entre 1978 e 1983. No início da década de 1990, o Mineirão foi palco do ressurgimento do forte Cruzeiro com grandes times que venceram as Supercopas de 1991 e 1992, as Copas do Brasil de 1993 e 1996 e a Copa Libertadores de 1997. Em paralelo, o Atlético no Mineirão venceu as Copas Conmebol de 1992 e 1997 e a Copa Centenário de Belo Horizonte em 1997. Neste mesmo ano, ocorreu no Mineirão o jogo com o maior público pagante de sua história, com a presença de 132.834 pessoas, na decisão do Campeonato Mineiro entre Cruzeiro 1X0 Villa Nova.

No início dos anos 2000, o América Futebol Clube, que já havia conquistado os títulos estaduais de 1971 e 1993 na Era Mineirão, venceu a Copa Sul-Minas de 2000 sobre o Cruzeiro, e o estadual de 2001 diante do Atlético. Em 2003, o Mineirão foi palco de um ano mágico para a torcida celeste, a Raposa conquistou o campeonato mineiro, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro e recebeu o título simbólico da Tríplice Coroa.

⁵ SIMÕES; XAVIER. *50 anos Mineirão: 50 jogos – 50 craques*, p. 30.

Após a conclusão da reforma de readequação para a Copa do Mundo de 2014, o Mineirão foi palco de fortes emoções neste novo momento. Em 2013, o Atlético conquistou a Copa Libertadores da América na disputa de pênaltis, após uma vitória dramática por 2 A 0 contra o Olímpia. Não por menos, o Cruzeiro venceu os campeonatos brasileiros de 2013 e 2014 confirmando a qualidade de seu elenco. Ainda em 2014, o Atlético venceu de forma inédita a Copa do Brasil. Após uma emocionante campanha, fez uma final histórica contra o Cruzeiro em que venceu por 1 a 0.

Preparado para grandes eventos internacionais, o Mineirão recebeu três partidas da Copa das Confederações de 2013, inclusive a emocionante semifinal entre Brasil 2X1 Uruguai, que encaminhou a conquista brasileira. No ano seguinte, em 2014, o estádio recebeu seis jogos da Copa do Mundo, quatro na fase de classificação e mais dois jogos das fases de oitavas e semifinais. Sendo que nestas fases finais, o Mineirão sediou a dramática classificação brasileira sobre os chilenos nos pênaltis, porém, em 8 de julho de 2014, foi palco do maior vexame da história da Seleção Brasileira que foi massacrada pela seleção alemã por 7 a 1, pelas semifinais do mundial. Dois anos depois, em 2016, o Mineirão foi palco de dez partidas de futebol pelos Jogos Olímpicos daquele ano, seis partidas do feminino e quatro do masculino. A partida de maior destaque foi a emocionante classificação nas quartas de finais da seleção brasileira feminina diante das australianas, na disputa de pênaltis, diante de mais de 56 mil espectadores. Em 2019, o estádio ainda recebeu cinco partidas pela Copa América, quatro jogos na fase de grupos e uma semifinal na qual o Brasil venceu a Argentina por 2 a 0, exorcizando o “fantasma do 7 a 1” e abrindo caminho para a conquista brasileira no Maracanã. Assim, por este breve relato, podemos dizer que dirigentes e cronistas esportivos mineiros tinham uma certa razão: o futebol brasileiro ganhou muito com a construção do Mineirão, o futebol mineiro então, esse evoluiu vigorosamente.

Tropeiro

Chegar ao Mineirão pra mim sempre foi um ritual, um dia diferente. Como torcedor, gostava de chegar cedo, praticamente via o pessoal abrir os portões para o jogo, como naquele clipe da banda mineira Skank que, em

1997, lançou a música “Uma partida de futebol”, e eternizou visualmente e sonoramente essa experiência de ir ao Mineirão para gerações. Ver o movimento da chegada dos torcedores e dos times era uma tradição. Se tem algo a que os mineiros são apegados afetivamente são suas tradições, como algo que os difere. Pelo senso comum, muitos não têm a percepção de que as tradições são hábitos e costumes inventados, que nos remetem à noção de pertencimento, identidade e cultura.

Ao longo das décadas, desenvolveu-se no Mineirão a cultura do entorno, das pessoas, movimento e alimentação dentro e fora do estádio, com barracas tanto no lado de fora, quanto nos bares internos. As multidões de torcedores tinham a disposição muita comida de estádio, como espetos de tudo quanto era sabores, bolinho de feijão, salgados, e claro, ele: o feijão tropeiro. Sobre o feijão tropeiro, ele faz parte da história local e ficou tão marcado que, em certos momentos, pessoas que não frequentam o estádio sabem da existência do famoso “tropeirão do Mineirão”. A relação dos mineiros com o feijão é antiga, ela remete ao século XVII, quando da formação das primeiras vilas e cidades na região das Minas Gerais, quando da busca do ouro, tropas de colonizadores e escravizados abriam caminhos nestas terras. O prato atualmente típico e tido por uns como uma receita imutável, na verdade passou por uma série de transformações ao longo da história. A origem do nome:

[...] desse destacado prato da cozinha tradicional mineira, associa-se aos desbravadores dos sertões da época da mineração, que, em suas viagens longas, precisavam carregar um alimento que tivesse uma longa durabilidade (ou seja, que não se deteriorasse facilmente), o que é garantido, nesse prato, pela combinação do feijão com a carne seca e a farinha. Em função da atividade desenvolvida pelos tropeiros, sua dieta deveria ser substanciosa, apesar de pouco variada e simples. Nela figurava prioritariamente o feijão, acompanhado da farinha de mandioca, do toucinho e da carne-de-vento ou seca, além do café. Outros itens podiam ser adicionados no preparo do feijão tropeiro. Ao longo do tempo, são encontrados na composição do prato típico: torresmos, farofa molhada e a couve picada, além da pimenta, que poderia já ser misturada à comida ou em forma de molho⁶.

⁶ TRIGUEIRO. O feijão tropeiro do Mineirão: aspectos culturais e a apropriação simbólica do território, p. 217.

Neste artigo a professora e pesquisadora Karla Trigueiro, em sua tese de doutorado em geografia faz uma etnografia do entorno do Mineirão, mapeando as relações de territorialidades e identidades construídas no entorno do estádio a partir de 1965. Historicamente falando, o autor Eduardo Frieiro, em seu livro *Feijão, angu e couve*, faz um mapeamento dos hábitos alimentares dos mineiros desde os primeiros passos em suas terras até meados do século XX, e apresenta também essa relação dos mineiros com o feijão. Frieiro assim detalha:

[...] o feijão, “pai de todos”, ocupa o primeiro lugar, segue-se o angu. Depois o torresmo. [...] Vimos em certo periódico a receita de um feijão tropeiro, assim denominado, gostoso talvez, mas inteiramente descaracterizado. Entravam na sua composição, além de feijão propriamente dito (cozido em panela de pressão), linguiça, ovos, couve, farinha de mandioca, banha e cebola e, o que era mais estranhável, machucavam-se bem os grãos com colher de pau. Errado, positivamente. Só se era tropeiro de asfalto⁷.

Esta receita desdenhada por Frieiro acima é a mais próxima da atual receita de feijão tropeiro feita em Minas Gerais, e talvez a leitura dessa crítica do escritor tenha doído em certas pessoas, mas, vale lembrar novamente, tradições são construídas e não conceitos prontos e acabados em si. Mais adiante, Frieiro traz a receita histórica de feijão tropeiro:

Ao antigo tropeiro deve a cozinha típica mineira, nota-o José Alípio Goulart, esse prato cujo nome é um preito de homenagem ao valente perlustrador de sertões. A dieta do tropeiro tinha que de ser necessariamente pouco variada. Nela entrava em primeiríssimo lugar o feijão, seguido da farinha de mandioca, do toucinho, da carne de vento ou seca e do café. Para o homem da tropa, assim como em geral para rarefeitas populações do Brasil Central, a carne seca supria a falta de sal, caríssimo então, e a da carne fresca, cuja provisão era muito difícil. Impunha-se uma dieta simples e nutriente. Nada melhor que o feijão substancioso, o toucinho salgado, para os chorumentos torresmos, a farinha de mandioca, para a gostosa farofa, a carne de sol, frita ou assada, e a couve picada. E tome pimenta⁸.

⁷ FRIEIRO. *Feijão, angu e couve*: ensaio sobre a comida dos mineiros, p. 155.

⁸ FRIEIRO. *Feijão, angu e couve*: ensaio sobre a comida dos mineiros, p. 156.

Sobre o feijão tropeiro do Mineirão, o hábito de consumo do prato está conectado à territorialidade no estádio. Antes da reforma do estádio, eu tinha por hábito comer um prato de feijão tropeiro antes do jogo começar e se desse tempo, levava um para casa ao final do jogo. A minha identidade de torcedor se formou lá, perto do portão 7A, quando com meus tios e amigos acessávamos o Bar 13 na arquibancada inferior do Mineirão, e por ali formava-se um ponto de encontro e sociabilidades. Havia a turma que queria um pedaço do seu bife, o pessoal que parecia estar lá mais para comer e beber, o torcedor que somente queria ver o jogo e nada consumir.

O tropeiro passou por transformações também no Mineirão, desde os anos 1960, quando os primeiros pratos começaram a ser produzidos dentro e no entorno do estádio, até a atualidade, com uma nova receita que para alguns é diferente da "original". Mas o que é originalidade? Para as novas gerações que conhecem o Mineirão pós-reforma, esse é o único tropeiro que conheceram, e em breve para eles este será o "original". De fato, a relevância do tropeiro é identidade e resistência local, o prato foi servido no cardápio oficial para torcedores na Copa do Mundo, resistindo de algum jeito a sanha higienista da FIFA.

Após a reforma do Mineirão para Copa do Mundo, entradas, portões de acesso e seu entorno foram repaginados, trazendo consigo ressignificações e uma nova territorialização do espaço para lazer e sociabilidade. Como bem pontua Priscila Campos em sua tese de doutorado sobre os impactos da reforma no Mineirão:

Nessa reformulação, percebemos que os administradores do estádio e do clube fizeram a opção por um grupo de torcedores que, além de disporem do capital econômico para a aquisição do ingresso, é necessário incorporarem os novos hábitos vinculados no estádio. Isso faz com que novas performatividades de torcedor se destaquem no estádio em tensão com as performatividades praticadas antes da reforma. Os dados demonstraram, porém, que os torcedores têm um sentimento dubio em relação à reforma do Mineirão, pois, ao mesmo tempo em que reconhecem as melhorias em termos de conforto, limpeza e segurança, alguns reconhecem que ela retirou atributos da mineiridade, expressos nos encontros que formavam as narrativas do/sobre o jogo, propiciados pelos barraqueiros⁹.

⁹ CAMPOS. *As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma*, p. 239.

Teria aqui mais algumas páginas para falar sobre usos, apropriações e representações do Mineirão e de seu entorno, fica para uma próxima ocasião. Sobre esta sociologia do esporte que está conectada com o tempo histórico, que em si é uma máquina de ressignificações e reconstruções, ao longo destes 55 anos o Mineirão saiu de uma abstração, para desejo, espaço de lazer e futebol e símbolo do futebol em Minas Gerais e no Brasil. Para o Mineirão podemos lançar o olhar da perspectiva histórica que inventa e reinventa símbolos e lugares de memória. Encerro aqui com a análise do sociólogo Luís Otávio Assumpção sobre o Mineirão:

O Estádio-objeto de nosso estudo – o Mineirão – tem como função manifesta a realização de jogos de futebol. Entretanto, como função latente, o estádio estimula uma infinidade de outras interpretações. A postura modernizante do país envolve o estado de Minas Gerais e sua capital, Belo Horizonte. A construção de marcos que celebrassem e comemorassem o novo momento se fazia necessário. Espaços onde poderia ser resguardada a memória do importante momento que se vivia foram construídos. A edificação não se tratava exclusivamente de celebração do novo instante. Sua monumentalidade representava não apenas um espaço de amplificação e ressonância dos sentimentos identitários da sociedade mineira como uma reatualização da grandeza histórico-cultural das Geraes na formação da identidade nacional¹⁰.

Neste breve texto quis abordar e enunciar um pouco de uma memória em torno dos 55 anos do Mineirão, e como um estádio de futebol apresenta uma fonte inesgotável de apropriações e interpretações. Assim, os estádios de futebol se apresentam como profícuas fontes de pesquisa e análise da cultura do futebol, com suas representações, memórias e apropriações.

Referências

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. *O tempo das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Unimontes, 2004.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. *As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2016.

¹⁰ ASSUMPÇÃO. *O tempo das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*, p. 11.

FRIEIRO, Eduardo. *Feijão, angu e couve*: ensaio sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da UFMG, 1966.

SEIXAS, Wagner; SIMÕES, Alexandre; RIBEIRO, Carlos Henrique. *Mineirão 40 anos*: paixão e emoção. Belo Horizonte: ADEMG, 2005.

SIMÕES, Alexandre; XAVIER, João Vitor. *50 anos Mineirão*: 50 jogos – 50 craques. São Paulo: BB Editora, 2015.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Do Prado ao Mineirão*: a história dos estádios na capital inventada. Tese (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

TRIGUEIRO, Karla. O feijão tropeiro do Mineirão: aspectos culturais e a apropriação simbólica do território. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 13, 2019, São Paulo.

VIEIRA, José Flávio Dias; RASO, Afonso Celso. *Mineirão*: o maior gol de Minas. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1978.

As inter-relações entre o Mineirinho e o Mineirão: o futebol que vai além do campo

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa

Ao organizar as informações para fazer a escrita deste texto, em que apresento algumas relações (nem sempre evidentes) entre o Mineirinho e o Mineirão¹, me dei conta de que desde a minha infância eu já transitava na região próxima a esses dois espaços públicos de esporte e lazer, a Pampulha. Ainda pequena, já na virada dos anos de 1970 para os anos de 1980, minha família se mudou para um bairro mais periférico da cidade, na atual região Norte de Belo Horizonte, o bairro Floramar. Como naquela época a Avenida Cristiano Machado não fazia a ligação dos bairros da região com o centro da cidade, como ocorre atualmente, o caminho que o ônibus percorria era passar pelos bairros Planalto e Itapoã, chegar até a Avenida Pedro I, passar pela barragem da Pampulha e seguir a Avenida Antônio Carlos até o centro. E este percurso sempre me aproximava daquela região, nem que fosse só de passagem!

Como não tínhamos carro, sempre que saía com alguém da minha casa para lugares mais distantes íamos utilizando o ônibus. Gostava quando dava para sentar no capô que tinha ao lado do motorista. Lembro-me que era quente e que quando o tempo estava frio ele me aquecia. Acho que eu conseguia ficar sobre ele porque era criança e provavelmente porque o ônibus muitas vezes estava cheio. Também gostava de ficar na primeira cadeira, perto da escada de entrada do ônibus. De lá

¹ Equipamentos públicos de esporte e lazer vinculados ao Governo de Minas Gerais, denominados Estádio Jornalista Felipe Drummond e Estádio Governador Magalhães Pinto, respectivamente.

a visão era muito melhor, olhar a janela e viajar na paisagem! Mas isso só era possível quando o ônibus estava vazio, porque sempre que todas as cadeiras eram ocupadas meu pai nos retirava, para dar lugar para outras pessoas.

Foi nessas viagens do bairro ao centro ou para outros bairros que, durante a minha infância, transitei pela cidade e pelas bandas da Pampulha. Como o ônibus passava sempre pela Avenida Antônio Carlos, o Mineirão e o Mineirinho não eram visíveis para mim. O máximo que eu podia ver da Pampulha era a água que ladeava a travessia que ligava as avenidas Antônio Carlos e Pedro I, próxima à cabeceira do Aeroporto.

Durante a minha infância não me lembro de ter ido a jogos no Mineirão, ou mesmo de ter entrado nele. Meus pais não tinham muita ligação com o futebol. Já em relação ao Mineirinho, me lembro de que fui a uma festa, um evento grande com muita gente em um grande espaço. Mas o que era aquele evento, de fato, eu não sei ao certo. O que me recordo desse dia é que fui com minha família e minha madrinha, e que saímos de lá com uma caneca de louça, acho que era para consumir bebida no local.

Já na adolescência, foram ampliados o meu campo de visão e os deslocamentos em outros espaços da Pampulha. Fosse com amigos ou familiares, de carro, de ônibus ou de bicicleta, o meu trânsito no entorno da lagoa e na região se expandiu, indo além da barragem. Como eu estudava em uma escola próxima à Pampulha, durante a caminhada era possível ver a lagoa em parte do trajeto de casa para a escola (Escola Estadual Três Poderes). Durante os três anos em que morei no bairro Santa Amélia, a visão da lagoa era parte do meu percurso.

Um aspecto curioso daquela época é que ainda havia muitos lotes vagos nos bairros na região da Pampulha e também em outras regiões próximas a ela, como Venda Nova. Lembro-me que próximo à região onde passei parte da minha infância, o bairro Floramar, havia até mesmo uma fazenda que contornava uma parte desse bairro, localizada onde atualmente é o bairro Jardim Felicidade. Naquela época, nos anos 1980, eu estudei da primeira à quarta série em uma escola no bairro vizinho, o Jardim Guanabara. Eu e os meus dois irmãos íamos juntos para a aula. Algumas vezes seguíamos até o final da nossa rua e, três quarteirões

depois de nossa casa, existia um grande descampado, com árvores, campo de cerrado e até uma nascente. Passávamos pelo meio do mato para sair no outro bairro. Esse era um dos caminhos para a escola. Se subíssemos a primeira rua do segundo quarteirão, era possível passar por vários lotes vagos perto de nossa casa. E o curioso é que, na época, eu achava estranho que essa parte com vários lotes vagos tinha até asfalto e a parte onde eu morava ainda não tinha.

Só mais tarde vim a entender que essa era uma estratégia do mercado imobiliário para ganhar mais dinheiro com a venda dos lotes remanescentes, uma vez que à medida que os moradores iam ocupando os outros locais, estes passariam a ter mais valor ao longo dos anos. Fosse por este motivo ou por outros, tanto no entorno da Lagoa da Pampulha como nos bairros próximos a ela, era possível observar muitos lotes sem moradia.

Muitas também eram as possibilidades de lazer que a Pampulha oferecia. Tendo sido idealizada para atender à demanda de abastecimento de água de Belo Horizonte nos anos de 1930, também foi moldada para o divertimento da população, com a construção de locais como a Casa do Baile, o Cassino e o Iate Club, nos anos 1940². Mas, com o passar dos anos, a diversão na Pampulha iria além desses espaços de lazer. A própria lagoa se constituiu como espaço de diversão e práticas esportivas aquáticas na cidade³. À medida que os anos foram passando, surgiram próximos à Lagoa outros locais públicos e privados direcionados ao lazer da população: clubes recreativos, o zoológico e dois grandes equipamentos públicos que impulsionariam o esporte mineiro, o Mineirão e o Mineirinho.

Ambos são palcos importantes para as competições esportivas e para grandes eventos culturais. E, ainda que cada um tenha sua especificidade no fomento ao esporte, uma vez que um se constitui como um palco especial para o futebol de campo e o outro para variadas modalidades esportivas, dentre as quais o futebol de salão, ambos estabelecem interconexões que vão além do esporte.

² CARSALADE. *Pampulha*.

³ VIANA. Do remo à pesca: o prescrito e o imprevisto na constituição da Lagoa da Pampulha como um espaço de lazer moderno em Belo Horizonte (1942 a 1968).

Dois gigantes para o esporte: o futebol de campo e as inter-relações do Mineirão e do Mineirinho

Além de serem vizinhos na Pampulha, o Mineirão e o Mineirinho também compartilham outros aspectos relativos às suas trajetórias de construção e de administração. O contrato de comodato firmado entre o Governo de Minas Gerais e a UFMG em 1960 permitiu o uso de terreno pertencente à Universidade para a construção do estádio de futebol (que foi inaugurado em 5 de setembro de 1965), e algum tempo depois impulsionaria a construção do Centro Esportivo Universitário e do Palácio dos Esportes, como contrapartida do Governo Estadual. Assim, em 1970 o Centro Esportivo Universitário foi inaugurado, e anos mais tarde, em 15 de março de 1980, ocorreria a inauguração do Palácio dos Esportes, o Mineirinho.

Criada em 1965⁴, ano de inauguração do Mineirão, a autarquia Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais (ADEMG) foi o órgão responsável pela administração desse estádio de futebol, assumindo também a construção do Mineirinho e a sua administração após a inauguração, em 1980. Vinculada ao Governo de Minas Gerais, coube à ADEMG a gestão desses dois equipamentos públicos de esporte e lazer ao longo de vários anos, até sua extinção, no ano de 2013⁵, durante o governo de Antônio Anastasia (PSDB). Nesse contexto, o Mineirão tinha acabado de passar por obras destinadas à adequação do estádio às normas da FIFA para a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. A administração do Mineirão deixou de ser vinculada diretamente ao Governo do Estado de Minas Gerais, passando a ser feita pela concessionária Minas Arena, que em dezembro de 2010 assinou o contrato de Parceria Público-Privada (PPP) com o Governo de Minas.

Com a extinção da ADEMG, o Mineirinho, que também estava vinculado a essa autarquia, passou a ser administrado pela Secretaria de Estado de Turismo e Esportes (SETES). Essas relações, que criaram interconexões na trajetória do Mineirão e do Mineirinho, podem ser melhor compreendidas por meio de análises da política e da história de Minas

⁴ Lei nº 3.410, de 8 de julho de 1965.

⁵ Lei nº 21.083, de 27 de dezembro de 2013.

Gerais, por meio de fontes orais, leis e outras fontes documentais⁶. Algumas dessas fontes, que são documentos oriundos de décadas de gestão da ADEMG, ficaram sob a guarda da SETES e foram arquivadas no próprio Mineirinho, sendo significativo o volume de materiais relativos ao Mineirão.

Mas há outras conexões entre estes dois equipamentos de esporte e lazer que podem ser identificadas nos dias atuais, sobretudo no que diz respeito à forma como eles vêm sendo apropriados antes, durante e depois de atividades como competições esportivas. É possível também observar essa inter-relação em eventos culturais ou na Feira do Mineirinho, realizada na área de estacionamento. No período em que fiz o levantamento documental no arquivo do próprio Mineirinho, para a condução de pesquisa de doutorado, tive a oportunidade de acompanhar um pouco da rotina de eventos e competições que aconteciam nele, e também de perceber como algumas atividades que eram realizadas no Mineirão demandavam o suporte de parte da estrutura do Mineirinho.

Por vezes, no final da tarde, enquanto estava na sala de arquivo dentro do Mineirinho, fazendo a busca de documentos, ouvia gritos e cantorias que ecoavam lá fora. Eram torcedores e torcedoras, em especial de times de outras cidades de Minas Gerais, ou mesmo de outros estados, que vinham para acompanhar a realização de jogos no Mineirão envolvendo o time do coração e algum time de Belo Horizonte. Vi parte dessas festas em dias de jogos que ocorreram em duas edições da Copa do Brasil. Em 2017, após encerrar uma tarde de pesquisa no arquivo, quando sai da parte interna do Mineirinho e cheguei ao seu estacionamento, me deparei com um grupo de torcedores gremistas. Vestidos com a camisa do time, conversando, rindo e cantando, homens e mulheres compartilhavam a festa e a expectativa de alcançar um bom resultado contra o Cruzeiro naquela noite que estava só começando.

Já em 2018 tive a oportunidade de acompanhar a festa e a concentração de outra torcida no estacionamento do Mineirinho. A torcida palmeirense, que tinha chegado de São Paulo para acompanhar o jogo entre

⁶ COSTA. *Mineirinho, dos planos ao concreto: memória e história do Palácio dos Esportes de Belo Horizonte (1959-1980)*.

o Cruzeiro e o Palmeiras, estava aguardando o momento de se dirigir ao Mineirão e incentivar o time a alcançar uma vitória em partida válida pela Copa do Brasil.

Conversando com um dos funcionários que usualmente me acompanhava até o arquivo, consegui compreender que em dias de jogos no Mineirão envolvendo times de fora, em que havia um grande volume de torcedores que chegavam nos ônibus fretados, era comum que a torcida visitante ficasse esperando, no Mineirinho, o momento de entrar no estádio. Esta era uma medida de segurança, em especial para evitar o confronto com os torcedores adversários.

Esta ação de utilizar o Mineirinho para separar torcidas adversárias antes dos jogos também foi utilizada antes de partidas entre Cruzeiro e Atlético Mineiro. Em um dia em que fui ao Mineirão como torcedora para assistir ao clássico envolvendo os dois times, enquanto estava caminhando em direção a um dos portões de acesso ao estádio, próximo à passarela que liga o Mineirão ao Mineirinho, observei que havia um grupo de torcedores atleticanos se deslocando sobre essa passarela. Eles iam em direção ao estádio, cantando músicas e festejando. E, ainda que a passarela separasse as duas torcidas, era possível ouvir ofensas e provocações da parte de torcedores dos dois times.

O Mineirinho ainda era utilizado para a venda de ingressos de jogos no Mineirão, para atender as torcidas de times que vinham de fora de Belo Horizonte. Neste caso, abria-se uma bilheteria no local e os torcedores desses times podiam comprar os ingressos para o jogo. Essas experiências vividas durante a realização da pesquisa e também na condição de torcedora, e que explicitaram aspectos que usualmente não são tão evidentes sobre a inter-relação entre Mineirinho e Mineirão no fomento ao esporte, contribuíram para observar que a estrutura de atendimento ao futebol de campo disposta pelo Governo de Minas ia muito além do Mineirão e contava também com o suporte do Mineirinho.

A inter-relação entre Mineirinho e Mineirão acontecia também, como foi dito acima, por meio da Feira de Artesanato, uma vez que o evento era frequentado pelos torcedores e torcedoras que iam aos jogos no Mineirão. Naquele contexto, a Feira funcionava às quintas-feiras, durante a noite, e aos domingos, de manhã e de tarde.

O Mineirinho como espaço para o fomento aos futebóis

Mas, além dessa inter-relação entre esses dois estádios públicos no fomento ao futebol de campo, há que se destacar também a atuação que o Mineirinho vem desenvolvendo no fomento a outras modalidades esportivas. Idealizado em projetos elaborados nos anos de 1970, para incentivar o desenvolvimento dos esportes ditos especializados⁷, após a sua inauguração, em 1980, coube a este equipamento o papel de se tornar um irradiador de outras modalidades esportivas. Assim, ao longo de três décadas, diversas ações foram implementadas visando a realização desse objetivo, entre as quais a transferência da sede de várias federações esportivas, que passaram a ocupar salas no local.

Assim, as federações tiveram o uso franqueado de salas no Estádio do Mineirinho. Em 2018, entre as federações que estavam alocadas em espaços desse estádio se encontravam a Federação Mineira de Arco e Flecha, a Federação Mineira de Sorvebol, a Federação Mineira de Boxe, a Federação Mineira de Judô e outras três, relacionadas a algumas variações do futebol: as federações de Futebol Society de Minas Gerais e de Futebol 7 de Minas Gerais, além da Federação Mineira de Futebol de Mesa.

Ao identificar que entre as federações relacionadas como ocupantes do Estádio Mineirinho estavam três que representam modalidades que são variações do futebol, percebe-se que, mesmo entre os esportes denominados especializados, o futebol ainda se fazia presente.

Isso pode demonstrar a potência do futebol no meio esportivo, o alcance que ele tem entre praticantes e sua inserção cultural em nosso país, seja nos campos com gramas naturais ou sintéticas, nas quadras de concreto ou de areia, ou fora, nos tabuleiros ou mesas onde competições de modalidades como o futebol de mesa acontecem. Ou ainda no Totó, com as disputas entre amigos que acontecem no tempo de lazer. Mesmo no universo digital existem algumas variações de futebol que são praticadas por meio de jogos eletrônicos, como o FIFA ou PES, nos quais cada jogador define o seu time, podendo selecionar equipes que são baseadas

⁷ Ao longo do levantamento de fontes na pesquisa de doutorado, a expressão “esporte especializado” foi recorrente, em especial nas falas de depoentes. “Esporte especializado” pode ser compreendido enquanto as diversas modalidades esportivas, com exceção do futebol de campo.

em times de ligas e seleções de diferentes países. Ou mesmo fazer o treinamento de habilidades como chute, passe e cobrança de falta.

Voltando para os futebóis presentes no Mineirinho, outra modalidade esportiva que se destacou nesse equipamento público foi o futebol de salão. Foi nele que o time de futebol de salão do Atlético Mineiro alcançou o bicampeonato da Liga Nacional de Futsal no ano de 1999, ao vencer a equipe Rio Miécimo (placar de 5 A 0), em partida que lotou a casa e obteve o recorde de público na época, contando com a presença de 25.712 pessoas.

Após a extinção da ADEMG e durante a obra de adaptação do Mineirão para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, o Mineirinho também foi utilizado para alojar operários dessa obra. Após a finalização dos trabalhos e a desocupação do espaço, ele terminou ficando fechado para também ser reformado. Desde então, deixou de cumprir um dos papéis para que foi idealizado: alojar delegações esportivas em competições na cidade de Belo Horizonte, em especial as que demandam mais suporte, entre as quais as diferentes variações de futebol.

Nessa inter-relação entre os dois estádios, o espetáculo do futebol de campo foi privilegiado por ambos, sendo o Mineirão o grande palco de diversos jogos. E o Mineirinho foi um grande apoiador, que favoreceu de diferentes modos a realização de muitos desses jogos e a presença de torcedores, ainda que nem sempre esse apoio fosse notado. E, indo além do futebol jogado dentro do Mineirão, encontramos no Mineirinho outros futebóis e outras possibilidades de estimular o seu desenvolvimento. Além do incentivo a outras possibilidades de torcer e de vivenciar o universo futebolístico.

Referências

CARSALADE, Flávio de Lemos. *Pampulha*. Belo Horizonte: Conceito, 2007.

COSTA, Luciana Cirino Lages Rodrigues. *Mineirinho, dos planos ao concreto*: memória e história do Palácio dos Esportes de Belo Horizonte (1959-1980). 468 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/31511>. Acesso em: 11 dez. 2019.

MINAS GERAIS. Lei nº 3.410, de 8 de julho de 1960. Autoriza a aquisição de imóvel destinado à Imprensa Oficial e cria a Autarquia “Estádio Minas Gerais”. Belo Horizonte, 8 jul. 1965. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/3410/1965/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MINAS GERAIS. Lei nº 21.083, de 27 de dezembro de 2013. Extingue a autarquia Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais – ADEMG – e dá outras providências. Belo Horizonte, 27 dez. 2013. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/21083/2013/> Acesso em: 28 mar. 2025.

VIANA, Juliana Alencar. Do remo à pesca: o prescrito e o imprevisto na constituição da Lagoa da Pampulha como um espaço de lazer moderno em Belo Horizonte (1942 a 1968). LICERE, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 1-34, jun. 2013.

“Livrai-nos do *foot-ball*, amém”: o esporte visto pelo *Lar Catholico*, em Juiz de Fora/MG (1920-1940)

Verônica Toledo Saldanha

"Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais."

"Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. A cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades."

Eduardo Galeano

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, nas duas primeiras décadas do século XX deixou de ser uma prática restrita às classes mais abastadas e conquistou as massas, tornando-se uma verdadeira febre entre os brasileiros¹. Também não é nenhuma novidade que a mídia cumpriu um papel importante nesse processo, anunciando e repercutindo os jogos, alimentando polêmicas e rivalidades, popularizando o vocabulário, criando competições e premiações².

Porém, embora fosse tomado muitas vezes como símbolo de modernidade, progresso e civilidade, o futebol também gerou desconfianças e rejeições por aqui. O caso mais famoso talvez seja o do escritor Lima Barreto, que enxergava o futebol como uma prática segregadora e fútil, expressão de um projeto de modernidade excludente³. Graciliano Ramos foi outro a desprezar o futebol, considerando-o uma moda passageira, mero “fogo de palha”, e apontando, ironicamente, a rasteira como o esporte nacional. Já Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Antônio de

¹ Sobre essa trajetória inicial do futebol no Brasil, há diversos bons trabalhos, como: PEREIRA. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro; SANTOS. *Revolução vascaína*: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934); SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte*: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930).

² Ver, por exemplo: MELO. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro no século XIX e década inicial do século XX; SILVA. Futebol Brasileiro, invenção modernista.

³ CORREIA; SOARES. Lima Barreto e o futebol: as críticas de um literato ao jogo de bolapé.

Alcântara Machado tiveram uma relação ambígua com o esporte bretão. Em um primeiro momento, prevaleceu o silêncio, talvez pelo futebol não se adequar ao ideário de autenticidade nacional perseguido pelos modernistas. Em seguida, entretanto, o elemento estrangeiro fica em segundo plano, e o futebol – metamorfoseado em prática popular, “brasileiríssima” – passa a ser explorado como síntese entre o local e o universal⁴.

Neste texto, pretendo lançar luz sobre críticas menos conhecidas e ainda pouco abordadas na historiografia relacionada ao esporte. Trata-se daquelas publicadas no *Lar Catholico*⁵, semanário da Igreja Católica criado em 1919, em Juiz de Fora/MG. Meu objetivo é resgatar o posicionamento do jornal nas décadas de 1920 e 1930, identificar o eixo de suas críticas ao futebol, e localizá-las no contexto das disputas e particularidades locais. Desta forma, este estudo busca explorar as possibilidades abertas pelos estudiosos da Nova História, como Jacques Le Goff e Pierre Nora, e abordar temas, fontes e lugares que muitas vezes escapam à história oficial, como, por exemplo, o futebol em cidades do interior de Minas Gerais. Para isso, foi feita a leitura integral das edições em que apareceram o termo “*foot-ball*”, “*football*”, ou futebol durante esses 20 anos, buscando compreender como o jornal se posicionava frente à crescente popularização do esporte.

O cenário: Juiz de Fora no início do século XX

“Manchester mineira”, “Farol de Minas”, “Princesinha de Minas”, “Primeiro sorriso de Minas”, são muitos os apelidos que Juiz de Fora recebeu ao longo de sua história. Nascida de um povoado à beira do Caminho Novo, estrada aberta pelos portugueses para melhor escoar o ouro mineiro, a cidade é marcada por certo hibridismo cultural. A prosperidade da produção cafeeira, e o precoce desenvolvimento industrial, aliados à proximidade com o Rio de Janeiro, favoreceram uma dinâmica urbana própria, que a afastava em alguns aspectos das mineiridades barrocas.

Na passagem do século XIX para o século XX, os ideais de modernidade, higiene, e educação, tão em voga na Capital da República,

⁴ HOLLANDA. Ecos da Semana de arte moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930.

⁵ Acesso em: <http://bndigital.bn.gov.br/>.

também se fizeram presentes na cidade. Destaca-se a inauguração da Usina Hidrelétrica de Marmelos, em 1889, que permitiu a Juiz de Fora ser a primeira cidade da América Latina com iluminação pública hidrelétrica, a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (SMCJF) no mesmo ano, bem como diversas melhorias urbanas, como a implementação de bondes movidos a tração animal (1881), telefone (1883), telégrafo (1884) e água a domicílio (1885). Na economia, foram fundadas instituições financeiras, como o Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais (1887) e o Banco de Crédito Real de Minas Gerais (1889). No campo da educação, a fundação em 1889 do Juiz de Fora *High School and Seminary*, ligado à Igreja Metodista e rebatizado no ano seguinte como Colégio Americano Granbery, e da Academia de Comércio, primeiro instituto superior de comércio no Brasil, fundada em 1891 e transformada em escola de educação básica em 1901⁶, quando passou a ser administrada pela congregação católica do Verbo Divino.

No campo dos divertimentos, no início do século XX a cidade contava com teatros, destacando-se o Teatro Juiz de Fora (de 1889), com o primeiro museu de Minas, o Museu Mariano Procópio (1915), e com o Clube Ginástico de Juiz de Fora (1909). Além disso, a cidade pode ter sido palco de uma das primeiras partidas de futebol no país, justamente no Colégio Americano Granbery, em 1893 (um ano antes, portanto, do desembarque de Charles Miller no porto de Santos):

Inaugurou *Foot-ball and Tennis*. O primeiro field Day realizou-se em 24 de junho de 1893, com saltos, corridas, *indianclubs*, *tennis*, *football* entre gregos e troianos. Essa frase está no primeiro livro de Atas do Granbery. O que era aparentemente uma afirmação simples de nosso primeiro reitor, John McPhearson Lander, ganha destaque se lembrarmos que o primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizado em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Significaria arriscar dizer que, com base nos documentos históricos preservados até hoje, a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu na verdade aqui no Granbery, em 1893 [...] E, se desconsiderarmos o primeiro jogo de futebol, em 1893, ao menos a primeira partida do estado de Minas Gerais é nossa: em 1894, entre dois times de alunos da própria Instituição⁷.

⁶ SOARES; MORORÓ. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG.

⁷ *Granberriense*. Ano 76, n. 1.

A proximidade com o Rio de Janeiro, o pioneirismo do Granbery, bem como a presença significativa de imigrantes alemães que ali se instalaram desde a construção da estrada União Indústria, em meados do século XIX, favoreceu para que Juiz de Fora tivesse, desde cedo, uma intensa relação com o futebol. Carlos Fernando Cunha Júnior identifica no jornal *O Pharol* diversas matérias que relatam partidas na cidade, na primeira década do século XX, e indicam a crescente popularidade desse esporte⁸. Os relatos de partidas realizadas na cidade⁹, a fundação de clubes como o Athletic Club Juiz de Fora (1904), Tupynambás (1911), Tupi (1912) e Sport Club Juiz de Fora (1916), e a realização do primeiro campeonato citadino de futebol (1918) indicam a consolidação desse esporte na preferência local.

Nem todos os jornais e instituições, porém, viam com bons olhos esse processo de difusão do futebol pela cidade. Esse parece ser o caso da Congregação do Verbo Divino, editora do jornal *Lar Catholico*. A congregação era formada por padres alemães que se estabeleceram na cidade em 1899, a pedido de Dom Silvério, arcebispo da Diocese de Mariana, com objetivo de levar adiante o processo de romanização¹⁰ e reforma católica ultramontana¹¹, iniciado na cidade desde os anos 1890. A congregação tomou posse do colégio Academia de Comércio, em 1901, e o transformou em um centro importante de educação das elites com bases católicas e conservadoras¹².

Guiada por esse espírito pedagógico e conservador, a congregação funda, em 1919, o jornal *Lar Catholico*. Um periódico ilustrado, semanal,

⁸ CUNHA JÚNIOR. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915).

⁹ DIAS et al. Esportes nos sertões das Gerais.

¹⁰ O termo romanização da Igreja Católica remete a uma forma de afirmação da autoridade, reforma e hierarquia da Igreja, no Brasil, que ocorreu de forma mais marcada no fim do século XIX e início do XX, e pretendia-se combater o Catolicismo popular e reafirmar o poder da Igreja Europeia e do Papa (GOMES. *Ordens Terceiras e o ultramontanismo em Minas: catolicismo leigo e o projeto reformador da Igreja Católica em Mariana e Ouro Preto (1844-1875)*).

¹¹ O Ultramontanismo, no fim do século XIX e início do XX, se caracterizou por atitudes e discursos da Igreja Católica visando enquadrar os fiéis no modelo de Catolicismo europeizado (PEREIRA. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*).

¹² PEREIRA. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*.

de quatro a oito páginas, associado à ideia de Boa Imprensa¹³, que visava difundir valores caros aos preceitos católicos, como a defesa da família, da moral e dos bons costumes. A criação da diocese de Juiz de Fora, desmembrada da arquidiocese de Mariana, em 1924, sugere ainda a intenção de a igreja ampliar sua presença no dia a dia da sociedade juiz-forana. Ao criar o jornal, os verbitas seguiram orientações do episcopado brasileiro, defendendo a doutrina da religião católica romanizada, e enfrentando tudo que era visto como inimigo da Igreja, como o Comunismo, filmes e livros que fugiam dos padrões católicos e alguns esportes, como boxe e futebol. A seguir, passo a analisar mais detalhadamente o jornal e sua postura frente ao futebol.

O futebol no *Lar Catholico*

Na edição de número 26 (1921), encontramos um texto intitulado “Sincera camaradagem”, que conta a história de Herberto.

Herberto sempre dera que fazer a seus pais e irmãos com suas travessuras impossíveis: era um endiabrado, desses de quase por fogo em casa ou de virá-la de pernas para o ar. Sua vida, depois de preparadas as lições (pois era caprichoso nos estudos e sempre obtinha boas notas) era jogar *foot-ball*, brincar de cabra-cega na sala de visitas, no meio dos jarrões de porcelana e estatuetas, armar ciladas aos empregados e muitas e muitas outras <artes> que os leitorezinhos sabem muito bem para estar eu aqui a especificar como si fossem termos técnicos.

Pois bem, uma bela tarde de maio, ao jogar seu querido *foot-ball*, quebrou Herberto a perna esquerda quando em uma defesa do *goal* de seu partido¹⁴.

A história segue com o relato do penar de Herberto com a perna quebrada, e conclui com uma lição de catecismo, na qual o vigário evoca o mandamento de que “a abstenção de tudo que é trabalho servil é coisa principal da ordem de Deus; que a profanação do domingo é um grave pecado e que devemos santificar o dia do Senhor ao menos pela audição

¹³ A “Boa Imprensa”, para a Igreja Católica, era uma forma de veicular notícias, opiniões e afins, de acordo com a doutrina e moral católica, combatendo a “má imprensa”, que, de acordo com as ideias do episcopado brasileiro, deseducava e envenenava o pensamento (PEREIRA. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*).

¹⁴ *Lar Catholico*. n. 26, p. 8. Grifos no original.

de missa”¹⁵. O conto destacado nos indica uma característica importante do jornal e sugere o primeiro eixo de suas críticas ao futebol.

Primeiramente, permite identificar a quem se dirige o jornal. Contos como o do menino Herberto, sempre concluídos com um ensinamento moral, segundo a doutrina católica, são comuns nas páginas do *Lar Catholico*. A temática das histórias demonstra a preocupação do periódico com temas familiares, principalmente com a orientação da educação dos jovens e crianças segundo os preceitos cristãos. As mulheres, por seu papel central em uma configuração tradicional de família católica, como esposas, mães ou avós, se tornavam o público-alvo prioritário do jornal. Lucena afirma que as mulheres eram vistas pela Igreja como suas maiores aliadas, por serem mentoras da educação religiosa das crianças¹⁶.

Também é possível encontrar no conto de Herberto a indicação de uma das motivações do combate do jornal ao futebol: o esporte favoreceria a profanação do domingo. Tal crítica reaparece em outros momentos nas páginas do *Lar Catholico*.

O domingo pode ser e é muitas vezes o dia do demônio. Parece um paradoxo afirmar isto, quando não é senão a expressão da verdade. O dia que devia ser para o cristão um exercício de virtude, tornou-se instrumento de muitos e grandes pecados. Cristãos ha, e não são esses em pequeno número que se esquecem dos seus deveres mais sagrados. Não vão à missa aos domingos, não ouvem a palavra de Deus. O domingo para muitos é o dia reservado aos divertimentos; As igrejas estão vazias, tanto mais se enchem os cinemas, os circos, os teatros. A missa não vai, porque organizaram um *pic-nic*, combinaram uma caça, um jogo de *foot-ball*. [...] A profanação do domingo é um crime, que provoca extraordinariamente o castigo de Deus. [...] A justiça de Deus não tardará e seus flagelos seguem ininterruptamente como sejam: doenças nas plantas, nos animais, revoluções, epidemias, guerra, etc¹⁷.

A primeira metade dos anos 1920 foi marcada por grande agitação operária na cidade. O aumento do custo de vida (principalmente o custo de aluguel e alimentação) degradou ainda mais as já precárias condições de sobrevivência do operariado local. Apoiados por organizações como

¹⁵ *Lar Catholico*. n. 26, p. 8.

¹⁶ LUCENA. “Nenhum Lar sem o Lar Católico!”: discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal *Lar Católico* (1954-1986).

¹⁷ *Lar Catholico*. n. 37, p. 290.

a Sociedade Beneficente Operária de Juiz de Fora, fundada em 1918 e transformada em seguida em Federação Operária Mineira, os trabalhadores e trabalhadoras da cidade protagonizaram grandes mobilizações, como duas grandes greves, em 1920 e 1924. Na pauta dessas mobilizações, além da reivindicação de aumentos salariais ou da criação de feiras livres (que permitiria à população comprar alimentos mais baratos), estava a luta pela limitação de 8 horas para a jornada laboral diária, bem como pelo direito ao descanso dominical¹⁸. A Igreja se mostrava preocupada com a conquista do tempo livre do trabalho e com a crescente diversificação da oferta de divertimentos.

Acaba de se realizar no Rio de Janeiro um movimento de opinião e sentimento em torno do descanso semanal ou, mais propriamente, do descanso dominical. Não sei que resultados trará esse movimento, mas uma coisa desde já deve ser posta em evidência: a de que a luta pela vida, e a preocupação pelo ganho e a sofreguidão pelos prazeres, deixam o corpo em petição de miséria. Porque o descanso a que me refiro, não é apenas o descanso do corpo, é também o descanso do espírito. Passar um domingo em regabofes, teatros, jogo de *foot-ball*, cinema à noite, etc. etc., poderá tudo isso ser o que os senhores muito bem o que quiserem, mas descanso que não é, nem aqui, nem na china¹⁹.

O domingo, dia de descanso e reflexão, segundo os preceitos católicos, se via cada vez mais ameaçado por uma variedade crescente de divertimentos e distrações, típicos da vida urbana, que se mostravam mais atraentes que a missa e afastavam os sujeitos da estrita doutrina religiosa. O *Lar Catholico* não poupou esforços, porém, para alertar sobre os perigos que estariam subjacentes a essa modernidade: “O foot-ball exigiu mais uma vítima. O filho do ex-prefeito D. Carlos Sampaio, moço de 20 anos, morreu em consequência de um choque fortíssimo da bola na região dos rins”²⁰.

A morte do jovem, filho de um ex-prefeito do Rio de Janeiro, seria apenas “mais uma” causada pelo futebol. Mesmo quando não levava à morte, a prática do futebol poderia levar a graves consequências:

¹⁸ DUTRA. Apontamentos sobre uma experiência de luta operária na Zona da Mata de Minas Gerais.

¹⁹ *Lar Catholico*. n. 47, p. 373-374.

²⁰ *Lar Catholico*. n. 37, p. 290.

- Seu vigário!
- Que deseja, D. Fifina?
- Trago-lhe aqui o meu Chiquinho, que me dá cabo da existência...
- Como assim?
- Briga, rouba, parece que tem o diabo no corpo.
- [...]
- E o que faz o rapaz aos domingos?
- Como, aos domingos?
- Não o manda assistir a missa?
- Mando, mas ele não vai, não quer.
- Ah! Ele não quer? E a senhora obedece? E ao catecismo, não o manda?
- Na hora do catecismo, o meu Chiquinho vai à *matinée*, ou ao *foot-ball*. Meu marido é muito amigo do esporte e quer ver os filhos educados à americana.
- Ah! Educados à americana? Assim como o Chiquinho, não é, D. Fifina?
- [...]
- E que conselho me dá, seu vigário?
- Meu conselho é um só, D. Fifina: vá reservar para seu idolatrado filhinho um lugar na casa de correção.
- Casa de correção?
- Ou então na cadeia; também serve.
- Na cadeia?
- Sim, Sra. Porque, mais dia, menos dia, o Chiquinho, o Chico, Chicão, há de vir parar nesse recinto, se a Sra. e seu marido continuarem com essa educação sem educação. O filho mandará os pais ao cemitério e os pais mandarão o filho para detrás das grades. Onde não há religião, não há consciência; onde falta a moralidade, falta o respeito, falta à ordem, falta à disciplina – temos o inferno em vida, compreendeu, D. Fifina?²¹

Nesse caso, a disputa entre a Academia de Comércio e o Colégio Americano Granbery pela direção da educação da elite juiz-forana se faz evidente. As críticas diretas do jornal à educação “à americana”, liberal e esportivizada do seu concorrente pretendem associá-la a uma vida desregrada, em que falta ordem, disciplina e respeito à hierarquia. Outro texto alertava para as consequências de uma educação não-religiosa, narrando a história de uma família que optou por matricular seu filho em uma escola que não exigia do aluno o catecismo.

²¹ *Lar Catholico*. n. 43, p. 340-341

Na escola sem deus o fedelho engoliu e assimilou leitura, escrita, aritmética, gramática, e todas as noites recitava as lições perante os pais. [...]

Além destes conhecimentos profundos, o rapazinho adquiriu muitas artes, nas idas e vindas para a escola e a casa. Ficou perito em dar pontapés numa bola de couro representada por uma laranja, num campo de *foot-ball* representado por uma calçada. De ver os cartazes dos cinemas, alojou na memória o nome das “stars” na moda. Assimilou da língua inglesa o suficiente para falar em *goals*, *shoots*, em *offside*, em *back* e outras expressões sublimes. Decorou a sequência dos vinte e cinco bichos do jogo e não deixava de fazer sua fé num animalejo, graças a um tostão roubado em casa. Não raro fazia gazeta, errando pelos subúrbios em companhia de garotos malandros como ele, á cata de pirraças divertidas. Aos doze anos, o aluno mostrava-se adiantado em muitas coisas, menos no amor de Deus. [...]

Estão vendo o encadeamento? O menino dispensado da moral divina ia fazendo pouco da moral humana, porque esta não tem base, quando a separam da lei celeste. A sensualidade começou, o roubo veio ao depois, e o desacato aos pais serviu de remate! [...] Meu Deus - exclamou a mãe, que vos fizemos para termos um filho tão desalmado?

Que fizeste a Deus, minha senhora? Essa é boa! Educastes - se isso pode chamar-se educar - educastes o filho fora do cristianismo. O menino principiou pagão, estudou numa escola pagã, adolesceu pagão e agora trata aos pais de um modo pagão. Quem semeia ventos colhe tempestades. Assim o quisestes, minha senhora, assim o tivestes. A pessoa que não é governada até aos doze anos, viverá desgovernada até morrer²².

Aqui vale destacar um pouco do contexto educacional da época. Ganhavam força no cenário nacional novas ideias pedagógicas, que seriam sintetizadas em 1932, no Manifesto dos Pioneiros da Educação. Entre outras questões, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo e os demais intelectuais que assinaram o documento defendiam a escola estatal, obrigatória, gratuita e laica. A Igreja Católica foi ferrenha opositora das ideias do Manifesto, afirmando que a escola laica seria

²² *Lar Catholico*. n. 50, p. 398. Grifos no original.

deseducadora. Sem religião não haveria educação moral²³. O futebol era associado a esse modelo de educação moderna, “à americana”, “sem Deus”, e sem autoridade que ganhava força:

Um livre pensador, arrotando grandezas, dizia possuir um filho que, apesar de não estar batizado, era forte e robusto, jogava maravilhosamente *foot-ball*, tirava excelentes notas na escola. Observou um sisudo: “Eu lá em casa possuo um galo que toma conta perfeitamente do terreiro, briga muito com outro galo, canta muitas vezes por dia e, contudo também não está batizado!...”²⁴.

Além de contribuir para a profanação do domingo, o futebol seria então relacionado a um estilo de vida “moderno”, tido como desregrado e sem moral, que não se nortearia mais pelos valores e códigos tradicionais. “Quem quiser brilhar nessa sociedade, não se suje no pó da biblioteca nem se peje com a honestidade: enfeite-se, mundalice-se a pena e a linguagem, e decore uns termos de *foot-ball*”²⁵. Para o *Lar Catholico*, o esporte seria um símbolo de uma vida fácil e vulgar.

Já em outro texto, de 1928, avó e neta conversam sobre as diferenças entre seus tempos. A avó reprova as moças de então por não possuírem virtudes domésticas, por vestirem roupas curtas, e se interessarem mais por cinema do que por rapazes. A isso, a neta retruca “E eles? Olha quem fala! Quase todos são uns inúteis, neurastênicos, só pensam em morfina e em *cabarets*, ou então não passam de uns selvagens com o *foot-ball* e outros jogos assim”²⁶. Mais do que atestar a popularidade do futebol entre os jovens, o trecho classifica a prática do esporte como “selvagem”, portanto incompatível com a civilidade que se esperava dos jovens bem-educados da elite de Juiz de Fora.

O modernismo, às vezes, é bem estúpido, bem grosseiro e sem alma. Desde que esta onda de materialismo invade o mundo, o senso cristão da vida vai desaparecendo aos poucos. É triste o

²³ SAVIANI. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Entre as três “agências educativas”, a família, a Igreja e o Estado, a prioridade deveria, segundo o argumento dos católicos, recair sobre as duas primeiras, consideradas “naturais”. A laicidade e o monopólio estatal do ensino atentariam, assim, contra a ordem natural e divina. Da mesma forma, a igreja se opôs à obrigatoriedade do ensino, afirmando que a massa dos analfabetos conservava as mais puras virtudes da alma brasileira, e taxou de “marxista” a proposta de gratuidade do ensino.

²⁴ *Lar Catholico*. n. 44, p. 346.

²⁵ *Lar Catholico*. n. 37, p. 290.

²⁶ *Lar Catholico*. n. 41, p. 326.

facto, mas é uma realidade, infelizmente. O cidadão moderno do século do Rádio e do Zepellin, não conhece a delicadeza de sentimento, esta fina sensibilidade que só as almas enobrecidas pela graça possuem. O ideal hoje é ter muque, dar coices, e como diz a gíria, bancar o atleta.

O negro americano campeão de Box é dos maiores ídolos de muita gente.

O cinema *yankee*, o *foot-ball*, *Box* e o *Far-West*, estragaram o bom gosto de nossos rapazes e meninas²⁷.

O futebol, que ganhou suas formas modernas nas escolas de elite inglesa, como prática pedagógica que buscava formar o jovem de acordo com os valores exigidos para a defesa dos interesses imperialistas britânicos, seria, segundo o *Lar Catholico*, prática perigosa, embrutecedora e frívola, que desviava os jovens daquilo que realmente era importante para sua formação.

Vês aquela figurinha esgalgada, que ali vai, perninhas fugais como varetas de cegonha, mal tocando o chão da avenida com os pés ligeiros e nervosos? Vês? Repara... repara em quão minguaado é o pano que a veste... é a Lili Palhares, o tipo melindrosa: débil, frívola, ignorante. Nela só uma coisa se salva: a inconsciência da própria condição. [...]

E essa frivolidade deu-lhe também a educação. Lili é incapaz de armar um silogismo e põe se de mãos geladas nos torneios de *foot-ball*. Entre Dickens e Chateaubriand ela prefere Ramon Navarro. Desconhece a vida de Zélia, e nunca desconfiou de Mme. Curie; mas imita, em celuloide, o que é em marfim uma lambisgoia qualquer dessa calamidade universal, que se chama cinema norte-americano. [...] Lili vai à praia com o corpo descoberto na mais impudica semi-nudez, e tem para com os rapazes de suas relações, uma certa largueza de consentimentos, uma perigosa generosidade de preconceitos, o que dá, quase sempre, o ultimo desabamento ao pudor natural. Suas amigas mais chegadas são esses almofadinhas tenros como alfaces, cujo cérebro só se distingue de uma cenoura pela incomedibilidade...

Nessa ambiência de densa opacidade mental em que se cuidam as costeletas, se vestem pantalonas a "príncipe" e se põem olhos em alvo com coisas de *foot-ball* – se consolida e estratifica a ignorância de Lili²⁸.

²⁷ *Lar Catholico*. n. 47, p. 320. Grifos no original.

²⁸ *Lar Catholico*. n. 35, p. 278.

Lili Palhares, a personagem do conto acima, talvez sintetize vários comportamentos que causavam horror à Igreja Católica naquele momento. Frequentava a praia com trajes de banho, tinha amizade com rapazes, gostava de moda e cinema, e ficava nervosa, de “mãos geladas”, na torcida em uma partida de futebol. Rompendo com o padrão de moça bela e recatada, dedicada exclusivamente ao cuidado familiar, Lili era uma “Mulher moderna”. O futebol, junto com outros divertimentos, transformava o dia a dia da cidade, despertava na juventude novos interesses e hábitos. O jornal, que vale lembrar, tinha como público-alvo preferencial as mulheres, via nesse comportamento uma séria ameaça à ordem que desejava manter, algo que precisava ser combatido.

À guisa de conclusão

No período em que o jornal *Lar Catholico* publicava suas críticas ao futebol, em Juiz de Fora, o pequeno Karol Józef Wojtyła se arriscava como goleiro, em partidas na longínqua Polônia. Já na Argentina, nascia Jorge Mario Bergoglio, que logo se transformaria em um famoso e apaixonado torcedor do San Lorenzo de Almagro. Demoraria ainda algumas décadas até que os dois meninos se transformassem em Papa João Paulo II e Papa Francisco e que a Igreja Católica modificasse sua visão sobre o futebol.

No início do século XX, Juiz de Fora era o mais importante polo industrial de Minas Gerais. O dinamismo de sua economia, bem como a proximidade com a capital da jovem República, favorecia a circulação de ideias e práticas. Cuidar da educação dos jovens e crianças, seja pela escolarização formal, oferecida pelo Colégio Academia de Comércio, seja difundindo suas ideias pelo jornal *Lar Catholico*, fazia parte da estratégia da Congregação do Verbo Divino, ligada à Igreja Católica, para manter sua influência sobre a elite local.

Entre os anos 1920 e 1930, período analisado neste estudo, o futebol é citado no semanário católico diversas vezes, como o símbolo de um estilo de vida “moderno”, que contrariava os valores da Igreja. O esporte bretão rompia com o sagrado descanso dominical, profanando o dia santo e afastando os jovens da missa. Além disso, estaria associado a uma educação pagã, que levaria à vida desregrada, embrutecida e frívola,

incompatível com os padrões de ordem, moral e civilidade preconizados pela Igreja.

Resgatar os textos do *Lar Catholico* nos ajuda a compreender melhor como se deu a difusão do futebol pelo interior do território brasileiro. Se, por um lado, nos fornece indícios da popularidade que esse esporte já tinha alcançado entre os jovens juiz-foranos da década de 1920, por outro, nos dá elementos para supor que tal prática não era bem aceita por parte da elite do país.

Uma versão estendida desse texto, produzida em co-autoria com Renato Machado Saldanha e Rafael Machado Saldanha, foi publicada na Revista de História Regional, no exemplar 28, do ano de 2023, disponível no link: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/21825>

Referências

AH!... *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 43, p. 340-341, 1933.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Lima Barreto e o futebol: as críticas de um literato ao jogo de bolapé. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 149-171, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3M4ZXxa>. Acesso em: 5 maio 2021.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, Campinas/SP, v. 22, n. 3, p. 51-65, 2011.

DIAS, Cleber; COUTO, Euclides de Freitas; CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; SILVA, Luciano Pereira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Esportes nos sertões das Gerais. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina. *História do lazer nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Apointamentos sobre uma experiência de luta operária na Zona da Mata de Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 54-98, 1985.

ESCOLHERÁ mais tarde. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 50, p. 398, 1938.

EVANGELHO. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 37, p. 290, 1926.

GOMES, Daniela Gonçalves. *Ordens Terceiras e o ultramontanismo em Minas: catolicismo leigo e o projeto reformador da Igreja Católica em Mariana e Ouro Preto (1844-1875)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Ecos da Semana de arte moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da. (Org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

HONTEM e hoje. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 41, p. 326, 1928.

LILI Palhares. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 35, p. 278, 1929.

LUCENA, Lili Paola. "Nenhum Lar sem o Lar Católico!": discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954-1986). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MELO, Víctor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro no século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Víctor Andrade de (Org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

O DESCANSO dominical. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 47, p. 373-374, 1929.

O GRANBERIENSE. *Granbericense*. Juiz de Fora, ano 76, n. 1, abr. 2007.

OUTROS estados. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 37, p. 290, 1926.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Mabel Salgado. *Romanização e Reforma Católica Ultramontana da Igreja de Juiz de Fora: projeto e limites (1890-1924)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PINGOS. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 37, p. 290, 1926.

PREGANDO. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 47, p. 320, 1937.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEMENTES. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 44, p. 346, 1934.

SILVA, Márcilio Rodrigues. Futebol Brasileiro, invenção modernista. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; AUGUSTIN, Günther Herwig; SILVA, Silvio Ricardo da (Org.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

SINCERA camaradagem. *Lar Catholico*. Juiz de Fora, n. 26, p. 8, 1921.

SOARES, Priscila Gonçalves; MORORÓ, Anderson. Futebol e práticas corporais no final do século XIX e início do XX em Juiz de Fora/MG. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, p. 1-17, 2011.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. Dissertação (Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Solucionáticas artísticas e culturais

Propriedade do povo: os bichos do futebol mineiro e a questão da autoria

Marcelino Rodrigues da Silva

Os torcedores mineiros mais velhos ainda devem se lembrar das kombis que ficavam estacionadas nas imediações do Mineirão, nos dias de jogo, e no centro da cidade, nos outros dias, uma para cada um dos três grandes times da cidade. Com as portas abertas e o som alto, reproduzindo hinos, músicas cantadas pelos torcedores e gravações da narração de gols e outros momentos emocionantes da vida esportiva, elas vendiam camisetas, bandeiras e uma infinidade de outros objetos, como almofadas para sentar nos degraus de concreto do estádio, canecas, bonés, chaveiros, cinzeiros e flâmulas, sempre decorados com as cores e os símbolos de seu clube predileto.

Entre as imagens que geralmente estampavam esses objetos, rivalizando com os escudos, bolas e estrelas, estavam os bichos que o cartunista Fernando Pieruccetti tinha inventado para representar os clubes nas charges que ele publicava, com o pseudônimo Mangabeira, nos jornais mineiros, desde a década de 1940¹. O Galo para o Atlético, o Coelho para o América e a Raposa para o Cruzeiro – bichos que, a essa altura, já eram

¹ As informações sobre a vida e a trajetória artística e profissional de Fernando Pieruccetti foram colhidas, em sua grande maioria, em consulta a recortes de jornais e outros materiais de arquivo conservados por sua família, aos quais tive acesso graças à generosidade de seus filhos Edmundo e Yedda Pieruccetti. Além disso, foram consultadas também outras publicações jornalísticas, encontradas em coleções e arquivos diversos, e a bibliografia sobre a história das artes plásticas em Belo Horizonte, particularmente os notáveis trabalhos da Profa. Ivone Luzia Vieira sobre o Salão do Bar Brasil. Trabalhando com esse material, realizei recentemente (2018-2019) uma pesquisa de pós-doutorado, sob supervisão do Prof. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV), que resultou num ensaio biográfico que será publicado na forma de livro.

considerados os mascotes oficiais dessas agremiações e que protagonizavam as charges de Mangabeira, junto com uma infinidade de outros bichos. Objetos semelhantes também eram vendidos por ambulantes, no estádio e em suas imediações, e por lojas diversas, em todo o estado.



Os bichos de Mangabeira, em sua primeira publicação.

Fonte: *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 15 de agosto de 1945.

Foi por essas e por outras que, lá pelos idos de 1967, Fernando Pieruccetti resolveu correr atrás dos direitos autorais sobre os “seus” bichos. Tímido e avesso à publicidade, até então ele não havia se lembrado de fazer isso. Mas, com a inauguração do Mineirão, em 1965, a reprodução, a deturpação e a exploração comercial de suas criações haviam passado para um novo patamar. Então, ele procurou assistência jurídica, reuniu desenhos de um bom número de bichos² e os registrou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A partir daí, Pieruccetti começou a mover ações judiciais, buscando controlar a reprodução e obter ganhos financeiros com suas criações.

Seus esforços, no entanto, não atingiram o resultado esperado. Com a popularização dos bichos, controlar sua reprodução era como tentar segurar água com peneira. Apesar do sucesso de algumas dessas ações, os ganhos obtidos eram sempre minguados e menores do que as despesas para manter os advogados em permanente estado de guerra contra uma verdadeira multidão de pequenos fabricantes e vendedores. Numa declaração para uma reportagem de Sérgio A. Carvalho, publicada pela revista *Placar* em 13 de fevereiro de 1976, o próprio Pieruccetti resume a história de seu fracasso: “É, tive de tirar dinheiro do bolso e

² Segundo seus filhos, Pieruccetti registrou, ao longo de sua carreira, 71 bichos, embora a lista completa de suas criações seja, certamente, significativamente maior.

juntar com o que recebi de indenização para pagar custas, advogado etc. Depois dessa fiquei quieto. Se eu continuasse ganhando minhas ações na Justiça, ia ficar arrasado.”

Esse curioso paradoxo mostra bem a maneira ambígua como Pieruccetti reagia a essa situação, visível nas entrevistas e reportagens publicadas sobre ele na imprensa mineira e nacional. Por um lado, ele se mostrava orgulhoso com o sucesso de seus bichos, com o modo como o público os havia abraçado. Porém, por outro, ele não escondia uma certa mágoa, não apenas porque não ganhou dinheiro com eles, mas também por não receber o justo reconhecimento artístico que por eles merecia. Sem falar nas deturpações que seus desenhos eventualmente sofriam, ao serem imitados ou reproduzidos por penas alheias.

Numa reportagem não assinada, publicada pelo jornal *O Sol*, em 4 de fevereiro de 1968, por exemplo, o redator afirma que Pieruccetti “não tem nenhuma mágoa dos clubes mineiros, que não o reconhecem como um dos grandes promotores do futebol mineiro”, sentindo-se “satisfeito pelo fato de seus símbolos terem atingido o povo”. Já numa matéria de Edison Rios, para a edição de 13 de março de 1988 do *Jornal de Casa*, depois de ter dito que nunca ganhou “um tostão com estes bichos”, Pieruccetti afirma: “Hoje, eu ando meio esquecido, se você encontrar comigo na rua, mexa comigo. Eu vou ficar muito alegre.” Vale a pena citar, ainda, uma reportagem publicada pelo jornal *O Debate* em 30 de julho de 1967, em que o jornalista Milton Colen nos conta que “sua raiva maior são publicações pornográficas envolvendo os seus ‘bichos’, que [...] são vendidas a peso de ouro, até mesmo para crianças”.

O título de uma matéria publicada em 1977, na edição inaugural (nº 0) do jornal *Galôôô* (veículo mantido na época por torcedores atleticanos), resume com precisão o resultado dessa história: “Galo: propriedade do povo”. Como contrapartida inevitável do sucesso dos seus bichos, Pieruccetti acabou perdendo completamente a autoridade, o controle e os direitos sobre suas criações. No texto de abertura de uma entrevista com o artista, publicada na edição seguinte do mesmo periódico (nº 1, de maio de 1977, a única a que tive acesso), o redator busca amenizar o evidente conflito de interesses: “Quando afirmamos ‘Galo: propriedade do povo’, de forma alguma estávamos negando os direitos de seu criador”.

A justificativa vem em seguida: “O Galo se transformou em propriedade do povo de uma outra maneira, ou seja, a massa comprou a ideia, se identificou com a ideia e identificou o seu clube com a ideia”. Colocando em segundo plano a questão financeira, o texto conclui que “esta deve ser a maior recompensa de seu criador”.

É interessante observar que a luta fracassada de Pieruccetti pelos direitos autorais sobre os bichos não é um caso isolado em sua trajetória, juntando-se a outros episódios que mostram uma relação truncada e contraditória com a condição de autor. Ainda no campo da *charge* esportiva, ele foi personagem de algumas controvérsias sobre a autoria de outros animais simbólicos do futebol, como o Canarinho da seleção brasileira, o Urubu do Flamengo (imortalizado pelo traço de Henfil e utilizado anteriormente por Pieruccetti para representar o Renascença, de Belo Horizonte), a Zebra (que ficou famosa como símbolo de resultados inesperados nos jogos da Loteria Esportiva) e até mesmo o Leão, símbolo do Villa Nova e da seleção inglesa. Geralmente, a reivindicação da autoria não era feita de maneira explícita, pois o artista não gostava de polêmicas e se mostrava constrangido ao falar do assunto, mas por meio de comentários, por vezes meio velados e alusivos, dos jornalistas que o entrevistavam e redigiam as matérias.

O caso mais famoso, com certeza, é o do Canarinho. Até onde foi possível apurar, Pieruccetti foi, sim, o primeiro a desenhar o pássaro como símbolo da seleção brasileira, tendo sido seguido depois por Ziraldo e outros artistas. Mas o apelido “Seleção Canarinho” parece ter sido criado pelo narrador e radialista Geraldo José de Almeida, motivado pela camisa amarela, desenhada pelo escritor Aldyr Garcia Schlee, que o time brasileiro começou a usar em 1954³.

³ Cf. o vídeo *A origem do Canarinho Pistola*, de Léo Gomes, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j04qNYTx1Rs>. Acesso em: 18 jul. 2021.



Inspirado pela
camisa criada por
Schlee, Pieruccetti
desenhou o
Canarinho.

Fonte: *Estado de Minas*.
Belo Horizonte, 31 de
agosto de 1971.

É oportuno lembrar, também, que o pseudônimo Mangabeira funcionava para Pieruccetti como uma espécie de disfarce, que lhe permitia circular e realizar suas atividades sem ser constantemente interpelado pelos turbulentos torcedores de futebol, entre os quais suas charges sempre repercutiam. Além de ilustrador de jornais e revistas e de artista de salões e exposições, como veremos adiante, Pieruccetti foi, por muitos anos, um conceituado professor de desenho, em escolas importantes da cidade de Belo Horizonte, como o Ginásio Mineiro (que hoje é o popular “Colégio Estadual Central”) e o Colégio Marconi. Com o pseudônimo, ele tentava evitar, por exemplo, que os alunos o reconhecessem como autor das *charges* e acabassem perturbando suas aulas com as intermináveis polêmicas do mundo esportivo.

Mesmo antes da invenção e do sucesso de seus bichos simbólicos, Pieruccetti já tinha vivido pelo menos um outro episódio de grande importância em sua biografia, no qual essa relação complicada com a posição de autor se fez presente. Trata-se de sua participação na “Exposição de Arte Moderna” de 1936, evento que passou para a história das artes plásticas mineiras com o nome de “Salão do Bar Brasil”. Realizado no saguão do bar que ficava no subsolo do moderno edifício do Cine Theatro Brasil, sob

a liderança de Delpino Júnior, o evento foi a primeira exposição coletiva de arte moderna realizada em Belo Horizonte, desafiando o academicismo que imperava no ambiente artístico da jovem capital mineira. O sucesso da empreitada foi tanto que levou o prefeito da cidade, Otacílio Negrão de Lima, a oficializar o evento e transformá-lo no Salão de Belas Artes, realizado pela Prefeitura nos anos seguintes. Iniciava-se ali um processo de valorização e institucionalização da arte moderna que culminaria, alguns anos mais tarde, na construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha e outras realizações do “prefeito furacão”, Juscelino Kubitschek.

Fernando Pieruccetti, que naquela altura ainda era apenas um jovem e promissor ilustrador em início de carreira, participou do Salão com uma série de desenhos, assinados com o pseudônimo Luiz Alfredo. Realizados a carvão em folhas danificadas de papel manilha, os desenhos representavam cenas de miséria e sofrimento da vida urbana, com uma atmosfera sombria e um traço deformante, que os críticos costumam associar ao cubismo e ao expressionismo. Do conjunto, que tinha pelo menos cinco obras (as informações sobre esse ponto são imprecisas), apenas duas foram encontradas e preservadas, fazendo parte, atualmente, do acervo do Museu Mineiro: “Miséria”, que recebeu o primeiro prêmio da categoria Desenho no Salão e representa uma família de indigentes abandonada a si mesma, numa calçada; e “Jornaleiros dormindo”, que mostra duas crianças deitadas no chão, perto de uma caldeira de derreter linotipos.

Por sua radicalidade estética, sua temática social e seu forte teor dramático, esses desenhos tiveram grande repercussão na imprensa e junto ao público, fazendo de Pieruccetti o principal destaque da exposição. Curiosamente, o artista não participou das novas edições do evento, promovidas pela Prefeitura da cidade a partir de 1937, ano em que ele assumiu a cadeira de desenho no Ginásio Mineiro, iniciando sua bem-sucedida carreira de professor. Seus desenhos ficaram guardados por muitos anos com o escritor Fritz Teixeira de Salles, possivelmente por receio de que sua temática social pudesse servir de pretexto para alguma forma de repressão ou perseguição política, naquele momento tenso e conflituoso da história brasileira.

Enfim, parece-me evidente que, nesse conjunto de episódios que mostram essa relação truncada de Pieruccetti com a questão da autoria, o que está em jogo não são apenas os louros da fama e os ganhos financeiros propiciados pela posição de autor. Ao se esquivar do assédio do público e das polêmicas entre torcedores, no campo esportivo, e das querelas estéticas e perseguições políticas, no campo artístico, Pieruccetti repete um gesto por meio do qual podemos entrever as ligações entre a posição de autor e os dispositivos de poder em ação no campo artístico e cultural. Pois a posição de autor implica também a necessidade de responder pela criação artística perante o público, as instituições e autoridades, com suas motivações nem sempre legítimas. No campo esportivo, as consequências não passavam de amolações causadas pelas eventuais reclamações de torcedores e dirigentes que se sentiam atingidos pelas charges. Mas, nos campos artístico e político, a questão era, evidentemente, mais séria. Curiosamente, o campo esportivo mais uma vez reflete, de maneira deslocada, as tensões e as contradições da sociedade em que ele se atualiza.

É bastante significativo, portanto, que tenha sido no campo esportivo que Pieruccetti tenha resolvido reivindicar o reconhecimento de sua condição de autor, assim como é significativo também que ele tenha fracassado. Divulgadas massivamente pela imprensa, uma espécie de zona fronteira entre as chamadas “cultura erudita” e “cultura popular”, suas criações tinham sido assimiladas de tal forma pelo público que passaram a fazer parte de um repertório coletivo, à disposição de todos para o uso e a recriação, num verdadeiro processo de desapropriação dos direitos do autor. Seus bichos haviam se tornado “propriedade do povo”, e por isso não tinham mais o mesmo estatuto nem estavam mais sob as mesmas injunções que regem a autoria no campo artístico.

Nos dias de hoje, quase oito décadas após a publicação dos primeiros desenhos e quase cinco depois do final da carreira de seu criador, os bichos de Pieruccetti continuam muito vivos e atuantes na vida esportiva mineira. Não apenas continuam sendo reproduzidos em suvenires e materiais de *merchandising*, como também foram incorporados à identidade oficial de alguns clubes, como no caso do Atlético, com sua “Loja do Galo” e seu logotipo, desenhado por Ivan Volpi. Além disso, eles foram e continuam

sendo recriados por artistas como Oldack Esteves, Henfil, Ziraldo, Son Salvador e Duke e seus nomes ainda são amplamente utilizados pelos jornalistas esportivos, em alguns casos quase como sinônimos dos nomes dos clubes. Principalmente, eles continuam na boca do torcedor. Depois de uma derrapagem, de uma buzinação mais forte ou de um foguete, especialmente se for o dia de um jogo importante, ainda é comum ouvir, nas ruas de Belo Horizonte, o tradicional grito de guerra inspirado na criação de Pieruccetti: “Galôôô!”



Nos autos da ação trabalhista, um último ato de Mangabeira.

Para registrar o final de sua carreira, Pieruccetti fez um desenho do funeral da bicarada.

Fonte: *Placar*, São Paulo, 13 de fevereiro de 1976.

Referências

- A SIMPÁTICA fauna do futebol mineiro. *O Sol*. Belo Horizonte, 4 fev. 1968, p. 11.
- AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In: AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 55-64.
- BATE bola. *Galôôô*: o jornal da torcida alvinegra. Ano 1, n. 1. Belo Horizonte, maio 1977, p. 2.
- CARVALHO, Sérgio Augusto. Noé ia ficar com inveja. *Placar*. São Paulo, 13 fev. 1976, p. 26-29.
- COLEN, Milton. Mangabeira nunca viveu de seus bichos, até hoje. *O Debate*. Belo Horizonte, 30 jul. 1967, não paginado.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura; música e cinema*. (Ditos e escritos, III). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 268-302.

RIOS, Edison. Mangabeira, o americano que batizou o Galo. *Jornal de Casa*. Belo Horizonte, 13 mar. 1988, p. 10.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Um lance de artista: Fernando Pieruccetti e a invenção dos bichos do futebol mineiro*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, mar. 2019. Relatório de pesquisa de pós-doutorado realizada sob a supervisão do Prof. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, aprovado pela Congregação da Fale-UFMG.

VIEIRA, Ivone Luzia. Emergência do Modernismo. In: RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da. *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro: Editora C/Arte, 1997.

VIEIRA, Ivone Luzia; LIMA, Luis Augusto de (Org.). Modernismo em Minas: o Salão do Bar Brasil/1936. *Suplemento Literário*, ano 22, n. 1084. Belo Horizonte, 29 ago. 1987. Edição Especial.

VIEIRA, Ivone Luzia. *O Modernismo em Minas: o Salão de 1936*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1986.

“Daqui a dez anos o Cruzeiro vai ter a maior torcida de Minas”: Cruzeiro e a era Felício Brandi

Letícia Costa Marcolan

Marcus Vinícius Costa Lage

Antes do apito inicial, gostaríamos de convidar o nosso estimado leitor a visitar a nossa série de textos, da qual este ensaio faz parte, publicada na Arquibancada do portal acadêmico Ludopédio¹. Essas publicações, que até o momento somam seis textos, questionam sobre as diferentes formas pelas quais os clubes brasileiros forjaram suas “grandezas”. O questionamento surgiu a partir da dessemelhante realidade dos autores desta série em relação às nossas paixões futebolísticas. Explico, de um lado, há uma fanática pelo Clube de Regatas Flamengo. Uma “nação”, costumeiramente representada como a maior torcida do Brasil. Um clube de tantas glórias e memórias, “campeão de terra e mar”. De outro lado, um adepto incondicional do América Mineiro. Um clube simpático, de uniforme vistoso, torcida diminuta, estádio moderno e performances discretas. Um clube muitas vezes esquecido e ofuscado pelos badalados Atlético e Cruzeiro. Nesse sentido, por motivações evidentemente distintas, temos nos perguntado: o que faz um clube ser grande? Portanto, em comemoração ao centenário do Cruzeiro Esporte Clube, celebrado em 2021, nos inspiramos a refletir sobre a polêmica em torno da “grandeza” do clube mineiro antes da década de 1960. Essa é a questão central deste texto. Que a partida comece!

Até 2019 o céu lá pros lados da Toca da Raposa parecia bem azul (desculpe-nos o trocadilho), afinal o Cruzeiro havia acabado de

¹ Disponível em: ludopedio.com.br.

ser campeão da Copa do Brasil pelo segundo ano seguido, tornando-se hexacampeão e o clube que mais venceu a competição. Contudo, os resultados positivos dentro de campo pareciam encobrir a situação fora dele. Apesar da conquista de títulos de expressão entre 2013 e 2018, nesse mesmo período a dívida do clube “saltou de R\$ 109 milhões em 2012 para R\$ 982,54 milhões em apenas oito anos”². Rapidamente a crise financeira foi revelada e somou-se a outras de cunho técnico e administrativo, virando inclusive caso de polícia. Toda essa tempestade não podia dar em outra: o ano de 2019 terminou com o clube mineiro rebaixado dentro de campo e afundado em crises fora dele. E 2020 também não foi nada animador. No estadual, o clube se viu fora das semifinais e na Série B brigou para não cair para a terceira divisão nacional, amargando, ao término da competição, o 11º lugar, convertendo-se no primeiro “grande” a não subir. 2021, o ano do centenário do clube celeste, não poderia ter começado de maneira mais desanimadora e até desesperadora, poderíamos dizer, a crise vivida pelo clube parecia estar longe de acabar³.

Apesar da crise sem precedentes no Cruzeiro, ninguém em sã consciência afirmaria que o clube mineiro se apequenou. Por outro lado, a posição de destaque atual (mesmo que desfavorável), trouxe à tona algumas polêmicas bem conhecidas em terras (ou bares?) de Minas, que tentam desmerecer o time celeste. Uma delas questiona, justamente, a “grandeza” do time da Raposa antes dos anos 1960, versão que, apesar de amplamente difundida, está longe de ser consensual, como aponta Marcelino Rodrigues da Silva⁴. Contudo, como pessoas à margem da hegemônica rivalidade futebolística mineira, mais do que responder se a polêmica procede ou não, nos inquietou saber de onde ela viria. Em outras palavras, nos perguntamos: quem inventou essa história de que

² WILKSON; PIO. Cem anos, sem festa: Tostão, Dirceu Lopes e outros ídolos lamentam centenário do Cruzeiro em crise na Série B.

³ No início de dezembro de 2021, foi aprovada a criação do Cruzeiro SAF. Em 18 de dezembro, a SAF do clube foi adquirida por Ronaldo Nazário, ex-jogador do Cruzeiro. Em 2022, a equipe conquistou o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro, sagrando-se campeã da Série B. O clube demonstrou sinais de recuperação e, em 2024, chegou até a final da Copa Sul-Americana, sendo derrotado pelo *Racing Club*, da Argentina. Em abril de 2024, a gestão da SAF passou para o empresário Pedro Lourenço.

⁴ SILVA. Picadinho de Raposa com sopa de Galo.

o Cruzeiro era pequeno antes de 1960? A que possíveis interesses essa narrativa poderia servir?

Inicialmente é preciso reconhecer que os anos de 1960 e 1970 foram mágicos para o Cruzeiro. Talvez seja dos anos 1960 o time mais lembrado da história do clube, com Raul, Procópio, Piazza, Natal, Dirceu Lopes, Tostão e companhia. Foram eles os responsáveis pelo pentacampeonato mineiro entre 1965 e 1969 e, principalmente, pela conquista da Taça Brasil de 1966, desbancando o Santos de Pelé depois de aplicar, no primeiro jogo da decisão, uma sonora goleada de 6 a 2 no Mineirão. Na década seguinte, alguns remanescentes dessa equipe conquistaram a Libertadores de 1976. Isso por si só já faria os anos 1960 serem considerados um divisor de águas na história do clube. No entanto, para a nossa “surpresa”, essa narrativa de que o Cruzeiro não era grande antes de 1960 não está apenas na boca dos rivais, nem tampouco ancorada apenas nas conquistas do clube. Então tem coisa aí!

Nossas pesquisas sobre a década de 1960 do Cruzeiro, invariavelmente, nos levaram ao nome de Felício Brandi, presidente do clube entre 1961 e 1981. A marcante presença de Felício Brandi nessa memória cruzeirense não seria possível se não houvesse entre seus torcedores um certo tipo ideal de cartola capaz de representar o clube e sua torcida. Um tipo ideal que Brandi parece ter encarnado com maestria⁵.

Nas memórias do clube, os primeiros ensaios da existência desse tipo ideal de dirigente remonta, ainda, aos anos 1920 e 1930, quando personagens como os Falci, os Noce, os Ranieri e os Savassi, comerciantes belo-horizontinos ligados à colônia italiana, financiaram o então Palestra Itália, integrando-o à disputa hegemônica da cidade naquela época, protagonizada por América e Atlético. Essa marca de origem ligada aos imigrantes italianos é parte tão importante da constituição da tradição do clube celeste que, nas palavras de Plínio Barreto e Luiz Otávio Trópia Barreto, autores de *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, uma das obras oficiais sobre a história do clube, é possível sentir até hoje “a contribuição dada pelo povo da península à cidade”⁶. Dessa herança,

⁵ ROCHA. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*.

⁶ BARRETO; BARRETO. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, p. 16.

analisa Silva⁷, valoriza-se, em especial, a capacidade de realização e de superação das dificuldades, um povo que, longe da terra natal, chegou a Belo Horizonte, muitos deles para exercer profissões de pouco prestígio e que, com o tempo, acabaram conquistando, “com trabalho e perseverança”, seu lugar ao Sol. Nesse sentido, os esportes, e sobretudo o futebol, eram mais uma forma de demonstrar os frutos do “trabalho duro” dessas pessoas:

O Palestra era a agremiação dos que arregaçavam as mangas nas indústrias da panificação, nos andaimes das construções civis, nas oficinas de calçados, nas serrarias, marcenarias e serralherias, na condução de carroças. Onde houvesse um setor cuja mão-de-obra – especializada ou não – fazia-se necessária, lá estava um palestrino – italianos e brasileiros – colaborando com o seu trabalho para o progresso da nova Capital. Lado a lado, clube e cidade caminhavam rumo ao progresso. Lado a lado, arregaçaram as mangas⁸.

Do mesmo modo, assim como acontece em terras mineiras, ao analisar os depoimentos orais dos dirigentes dos clubes de futebol profissional da cidade de Caxias do Sul, Deivid Ferreira em sua dissertação de mestrado *Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul: formação e memórias de uma elite regional (1968-1989)* percebe a valorização da italianidade como uma forma de, no presente, o descendente evocar todo um patrimônio simbólico ligado à experiência dos seus antepassados imigrantes, colocando-se como um verdadeiro elo, “cujo sucesso e empreendedorismo dos ancestrais lhe são transmitidos como virtudes étnicas, intrínsecas à italianidade”⁹. Nesse sentido, ao exaltar a raiz italiana presente em seu DNA, clube e dirigentes estão evocando toda uma memória ligada a um povo “[...] portador de uma história de sucesso [...], um grupo que manteve, apesar de todas as dificuldades, uma determinada ordem moral. Significa, em suma, ser uma pessoa boa, ordeira e, acima de tudo, trabalhadora”¹⁰. E foi assim que se forjou, na memória dos clubes ligados à colônia italiana, a ideia de que, do trabalho

⁷ SILVA. Picadinho de Raposa com sopa de Galo, p. 81.

⁸ BARRETO; BARRETO. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, p. 25.

⁹ FERREIRA. *Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul: formação e memórias de uma elite regional (1968-1989)*, p. 75.

¹⁰ ZANINI. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos, p. 61.

inspirado na vida daqueles que antes enfrentaram as dificuldades em uma nova e desconhecida terra, foi sendo construída pouco a pouco a sua grandeza. Exemplo nesse sentido pode ser encontrado em outro livro de memórias do Cruzeiro, o *Páginas heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*, de Jorge Santana:

[...] se fez grande [o Cruzeiro Esporte Clube] sem lances de heroísmo pungentes e sem heróis miraculosos, cuja grandeza foi plasmada no cotidiano, na simplicidade de um trabalho constante e reiterado, quase anônimo, cuja somatória, ao correr do tempo, conferiu a dimensão grandiosa, internacional, universal, de um dos maiores clubes do mundo!¹¹

Outro momento substantivo para construção identitária clubística cruzeirense, foi o surgimento da Raposa como mascote do clube¹². Criado por Fernando Pierucetti, o Mangabeira, teria se inspirado em Mário Grosso e, em seu modelo de gestão, para desenhar a mascote. O cultuado presidente, timoneiro do Cruzeiro durante a sua “nacionalização” em meados da década de 1940, teria dado sequência a essa linhagem de dirigentes que trabalharam arduamente ao longo dos anos pelo crescimento do clube celeste. Trabalhador e perspicaz, Grosso conseguiu apoio do então interventor municipal Juscelino Kubitschek para ampliar o estádio do clube e, em campo, montou uma equipe que voltou a conquistar o campeonato mineiro após uma década de jejum – campeão em 1940 e tricampeão entre 1943 e 1945. Por sua esperteza nos negócios, a figura de Grosso, acrescenta à imagem de “trabalho” a “astúcia”, formando assim o par explicativo da tradição clubística cruzeirense, a síntese, segundo Marcelino Rodrigues da Silva (2012), da “mitologia cruzeirense, projetando a imagem heroica de um povo que marcha triunfalmente em direção ao futuro”¹³. Mitologia que, de modo mais amplo, no plano ideológico, conversa com os desejos tanto ligados aos liberais pela “promessa capitalista de ascensão social [...] quanto para as utopias nacionalistas de progresso e os sonhos de uma revolução proletária”¹⁴.

¹¹ SANTANA. *Páginas heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*, p. 30.

¹² SILVA. *Picadinho de Raposa com sopa de Galo*, p. 83.

¹³ SILVA. *Picadinho de Raposa com sopa de Galo*, p. 84.

¹⁴ SILVA. *Picadinho de Raposa com sopa de Galo*, p. 85.

Dessa linhagem de dirigentes ideais, capazes de usar a “máscara clubística” cruzeirense, a ascensão definitiva do clube se deu pelas mãos de Felício Brandi, que aparece em boa parte das fontes encontradas como uma das chaves explicativas para todo o sucesso vivido pelo Cruzeiro durante aqueles anos de 1960 e 1970. Nas palavras dos escritores do livro *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias* (2000), na gestão de Felício, “uma nova era surgia na agremiação. Anteriormente conhecido como *Time do Barro Preto*, o Cruzeiro com o então jovem presidente iniciava uma caminhada que o colocaria no mapa do futebol mundial”¹⁵. Na memória cruzeirense há um marco, uma divisão entre períodos pré e pós Brandi, que foi quem pretensamente provocou uma verdadeira mudança de patamar do clube no cenário futebolístico nacional e internacional: “O sonho inicial de Felício Brandi era fazer do Cruzeiro o maior time de Minas Gerais, para disputar de igual para igual com as grandes equipes do Rio e de São Paulo. Tarefa árdua, mas, com paciência, dedicação e inteligência, não impossível”¹⁶. Desde a montagem daquele elenco mágico, passando pelo aumento do patrimônio do clube, até o crescimento da torcida cruzeirense, a gestão Brandi é reverenciada como um período “revolucionário”¹⁷, inclusive pela grande imprensa mineira atual.

Outro exemplo nesse sentido pode ser encontrado no portal CruzeiroPédia¹⁸, uma das principais manifestações historiográficas¹⁹ digitais sobre o clube – e feitas por torcedores cruzeirenses. Ali, Felício Brandi é representado como um “visionário” que, além de “am[ar] o Cruzeiro incondicionalmente a ponto de colocar dinheiro e o casamento em risco

¹⁵ BARRETO; BARRETO. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, p. 86.

¹⁶ BARRETO; BARRETO. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*, p. 87.

¹⁷ MORAIS. De Aurélio a Dalai: relembre todos os presidentes da história do Cruzeiro.

¹⁸ Disponível em: cruzeiropedia.org

¹⁹ Segundo Maria de Lourdes Janotti (1998, p. 120), as manifestações historiográficas são uma variedade de publicações de tipo histórico, que versam sobre o passado, e que, guardadas suas especificidades, seriam “susceptíveis de uma análise historiográfica.” De um modo geral, Janotti acredita que existem ao menos três grandes grupos de manifestações historiográficas: i. as “obras originais”, “fruto de pesquisa inédita”, “que deliberadamente recorreram a fontes documentais no esforço de compreender o passado vivido, dando-lhe inteligibilidade na compreensão presente”; ii. os trabalhos que, “sem empreenderem investigações originais, se utilizaram largamente desse conhecimento como premissa indispensável para fundamentar seus argumentos dando-lhes um novo anexo”; e, por fim, iii. os “escritos circunstanciais”, “de natureza jornalística, memorialística, biográfica e didática”, que “normalmente [estão] empenhados em defender uma causa política”.

pelo clube”, “participou de todo o processo de transformação do Cruzeiro, [de] clube provinciano, para clube respeitado e conhecido em qualquer parte do mundo”. Dentre suas realizações, destaca o portal, Brandi “usou de marketing para fazer aumentar em número de torcedores celestes, construiu o primeiro centro de treinamento de clubes do Brasil”, e, principalmente, “ganhou o seu título nacional, vencendo o temido Santos de Pelé, e conquistou sua primeira Libertadores em 1976”. Aliás, segundo a CruzeiroPédia, teria sido com Brandi que “começava a criação de um DNA celeste, um DNA vencedor, e de futebol ofensivo”²⁰. Não por coincidência, cartolas mais recentes, interessados em inspirar e legitimar suas ações, recuperam a memória cruzeirense de Felício Brandi.

Em 1990, por exemplo, a TV Cultura lançou uma reportagem sobre a “Era de Ouro” do Cruzeiro. Um dos entrevistados, Zezé Perrella, ainda um jovem presidente do clube, dizia se inspirar em Felício Brandi, “um exemplo de dirigente”. Mais do que isso, Perrella fazia questão de registrar sua relação pessoal com Brandi, afirmando ter se tornado “cruzeirense por causa daquela equipe que ele montou”. Mais recentemente, em 2020 o atual presidente do Cruzeiro Sérgio Rodrigues rebatizou a Toca da Raposa I de “Centro de Formação Felício Brandi”, afirmando o seguinte na cerimônia:

Desde que assumi a presidência falo sobre inovação, transparência, gestão profissional, paixão e transformação social. [...] E não podíamos deixar de lembrar e reconhecer neste momento a enorme contribuição e pioneirismo do Felício, criando o primeiro centro de treinamentos voltado exclusivamente para treinos e concentração de uma equipe de futebol no Brasil [...] Hoje anunciamos que o legado que esse homem visionário e apaixonado nos deixou, a Toca da Raposa I, será renomeada com louvor para Centro de Formação Felício Brandi²¹.

Bom, mas esta é só uma parte da história. Antes de concluir, gostaríamos de recuperar a reportagem de 1990 da TV Cultura. Logo na abertura, Brandi é caracterizado como um “ambicioso” e “jovem empresário”, que “queria transformar o Cruzeiro numa potência dentro

²⁰ FELÍCIO Brandi. *Cruzeiropédia*, não paginado.

²¹ PEREIRA. *O Tempo*.

e fora de Minas Gerais”. Como presidente do clube, continua o vídeo, ele teria iniciado “as mudanças que revolucionariam”, não apenas o seu Cruzeiro, como o próprio futebol mineiro, já que, segundo suas próprias palavras:

Quando nós começamos a trabalhar no Cruzeiro o futebol mineiro era bem devagar, e nós conseguimos imprimir assim um ritmo mais forte e logo em seguida Minas Gerais conquistou o título brasileiro de campeão e com isso o futebol mineiro foi evoluindo [...] Eu acredito que o Cruzeiro tenha sido um marco de visão de duas eras: antes e depois que a gente começou a trabalhar no clube²².

Mais do que isso, nesse especial da TV Cultura Felício Brandi recuperou uma historinha que é bem conhecida aqui em BH, que diz que antes de sua gestão:

O Cruzeiro não tinha uma grande torcida. Então o quê que nós fizemos? Vamos pegar a meninada porque daqui a dez anos o Cruzeiro vai ter a maior torcida de Minas. E começamos então a comprar lápis, caderno, borracha, fazer artigos de promoção do Cruzeiro. E com isso nós contamos com a boa vontade dos jogadores que iam nos grupos escolares fazer a distribuição desse material. Com isso, além da presença dos jogadores, que eram os ídolos, os garotinhos do grupo escolar recebiam caderno, régua, lápis, todo o material escolar²³.

Difícil precisar se essa narrativa foi criada por Felício Brandi e seus apoiadores. No entanto, é fácil presumir que ela contribuiu para forjar, em torno dele, a imagem de dirigente revolucionário, transformador, que tirou o Cruzeiro e o futebol mineiro do limbo, alçando-o à condição de protagonismo. E que havia, antes dele, um Cruzeiro, senão pequeno, “bem devagar”, sem “uma grande torcida”. E que sua gestão o engrandeceu. Verdade ou ficção? Talvez um pouco dos dois. De todo modo, o que sabemos é que Felício deu continuidade a uma linhagem de dirigentes cruzeirenses, sendo capaz de encarnar muito bem, em torno de sua figura, o que é ser cruzeirense.

²² HISTÓRIA do Cruzeiro Esporte Clube.

²³ HISTÓRIA do Cruzeiro Esporte Clube.

Referências

BARRETO, Plínio; BARRETO, Luiz Otávio Trópia. *De Palestra a Cruzeiro: uma trajetória de glórias*. Belo Horizonte: M & B Assessoria de Imprensa Ltda., 2000.

FELÍCIO, Brandi. In: CRUZEIROPÉDIA. Disponível em: https://cruzeiropedia.org/Fel%C3%ADcio_Brandi. Acesso em: 11 fev. 2025.

FERREIRA, Deivid da Silva. *Os dirigentes dos clubes de futebol em Caxias do Sul: formação e memórias de uma elite regional (1968-1989)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

HISTÓRIA do Cruzeiro Esporte Clube. [S.l.] 17 jan. 2011. YouTube: [baudocruzeiro](https://www.youtube.com/watch?v=baudocruzeiro). Disponível em: <https://bit.ly/3zoUTAw>, <https://bit.ly/3KrI7sk>, <https://bit.ly/3zmlw9t>, <https://bit.ly/3KoRiZv>. Acesso em: 1 abr. 2023.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 93-102.

MORAIS, Isabelly. De Aurélio a Dalai: relembre todos os presidentes da história do Cruzeiro. *O Tempo*, Belo Horizonte, 20 maio 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3MqM5Cb>. Acesso em: 1 abr. 2023.

PEREIRA, Josias. Homenagem: Toca da Raposa I passa a se chamar Centro de Formação Felício Brandi. *O Tempo*. Belo Horizonte, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/cruzeiro/homenagem-toca-da-raposa-i-passa-a-se-chamar-centro-de-formacao-felicio-brandi-1.2419549>. Acesso em: 11 fev. 2025.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SANTANA, Jorge. *Páginas heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Picadinho de Raposa com sopa de Galo. In: SILVA, Silvío Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira; SILVA, Tiago Felipe da. *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 67-91.

WILKSON, Adriano; PIO, Guilherme. Cem anos, sem festa: Tostão, Dirceu Lopes e outros ídolos lamentam centenário do Cruzeiro em crise na Série B. *Uol Esporte*, Belo Horizonte, 2 jan. 2021. Disponível em: www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/no-ano-do-centenario-cruzeiro-vive-a-maior-crise-da-historia/#cover. Acesso em: 25 jun. 2021.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos – Revista de Antropologia Social*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 53-67, 30 jun. 2004.

A mão que parou Pelé

Gabriel Canuto Nogueira da Gama

“Você quer jogar no Atlético?”

Com um toque gentil nos ombros e meias palavras, Telê Santana transformou a carreira de Renato naquela quinta-feira. Era o dia 2 de julho de 1970 e os jogadores do Uberlândia se preparavam intensamente no campo do Mineirão naquele princípio de tarde, diante da missão de enfrentar, horas depois, a poderosa equipe do Clube Atlético Mineiro.

Pouco antes da torcida alvinegra se acomodar nas arquibancadas e o habitual burburinho ecoar no estádio, Renato e seus companheiros do Triângulo Mineiro se dirigiam para os vestiários quando, repentinamente, Telê Santana irrompe na porta do *hall* principal do Mineirão e para o goleiro no meio do caminho. Em um tom informal e objetivo, ao seu melhor estilo, o treinador do Atlético faz um inesperado e surpreendente convite a Renato. “Quando terminar o Campeonato Mineiro, eu vou mandar contratar você. Eu te conheço, sei da sua postura e quero você no meu time”. Dois meses depois, estava Renato escrevendo suas primeiras histórias com o manto do Galo, aos 26 anos de idade.

Assim que atraquei no Triângulo Mineiro, na manhã de 25 de maio de 2012, me dirigi a um dos bairros centrais de Uberlândia para o meu primeiro dia de entrevistas com Renato, o goleiro atleticano campeão brasileiro de 1971 e carrasco do Rei de Belo Horizonte, havia deixado tudo previamente combinado. Seria um dia inteiro acompanhando a sua então rotina de

assessor de campanha de um candidato a vereador local e ouvindo as suas peripécias de jogador de futebol.



Vista do entorno
do Parque do
Sabiá, principal
estádio de futebol
de Uberlândia.

Fonte: Arquivo pessoal
do autor.

A minha primeira grande história de bordo como um jovem aspirante a jornalista. Aos vinte anos, estava à frente como idealizador, cofundador e editor-chefe do portal de notícias esportivo mineiro, Observatório do Esporte. Nossa equipe era composta por meia dúzia de jovens amantes de futebol extasiados pela experiência de viver a adrenalina da reportagem esportiva. Diariamente, cobríamos o factual dos times mineiros (Atlético, América e Cruzeiro), de uma redação improvisada na sala de minha residência alugada.

Seis meses antes, havíamos sido condecorados com o 2º lugar de um importante *reality show* da televisão brasileira na época, *O aprendiz*, da *Rede Record*. O programa ficou famoso pela condução durante anos do empresário Roberto Justus e que havia sido substituído, naquela edição de 2011, pelo também empresário João Dória Jr. Com a premiação recebida da emissora, meus sócios e eu montamos uma estação de trabalho mais aprimorada, remuneramos melhor a nossa equipe, contratamos outros colaboradores, compramos equipamentos modernos e ainda montamos uma rádio que ia ao ar às segundas-feiras após as rodadas do final de semana.

O projeto do Observatório do Esporte fluía, os furos jornalísticos foram se tornando mais frequentes, a audiência crescendo, mas ainda sentia que poderíamos ir mais além. Na época, minha grande inspiração jornalística, fora do universo esportivo, era a revista *piauí*, com suas pautas sempre muito arrojadas e corajosas, flertando com os horizontes ficcionais da literatura. Eu sentia que poderíamos ir para além da cobertura *hard news*, da veiculação de notícias factuais que todo o resto da imprensa mineira reproduzia.

Sonhava em ser um contador de histórias. Ou melhor, um catador de histórias embebido do pretenso propósito de, pelas palavras, emergir do passado à luz do presente as memórias mais subalternas que pudesse encontrar, tal como Penélope Keeling do romance de Rosamunde Pilcher, *Os catadores de conchas*, ou como o emblemático Jonathan Safran Froer, do homônimo escritor do livro *Uma vida iluminada*.

Sonhava em transpor a subjetividade e o viés analítico-descritivo do jornalismo literário para a cobertura esportiva. Eu sentia que poderíamos fazer diferente, e o modelo editorial da revista *piauí* era um chamariz para novas ideias, para darmos um salto a mais no Observatório do Esporte.

Foi, então, que veio a história de Renato. Um personagem futebolístico ignorado pela grande mídia, um ídolo esquecido por uma nação alvinegra, uma história nunca antes contada pelo *mainstream* do jornalismo. A história de Renato da Cunha Valle se encaixava perfeitamente àquela missão. Escutar o homem que parou Pelé e a sua história de peixe grande.



Onze anos atrás,
em 2012, em
frente ao Estádio
Municipal Parque
do Sabiá, no dia
da entrevista com
Renato Valle.

Fonte: Arquivo pessoal
do autor.

Personagem vívido dos tempos da bola de couro e das luvas esfarapadas, Renato traz consigo marcas indeléveis de um passado áureo do futebol brasileiro. Mais de quarenta anos depois, somos remetidos aos seus momentos de glória e à difícil trajetória até se tornar um profissional vencedor. Recortes amarelados, homenagens de fãs e fotos em preto e branco preenchiam as paredes de sua casa – naquele bairro central na cidade de Uberlândia – mantendo vivo o seu passado de vitórias.

No final da manhã daquele 25 de maio de 2012, Renato me recebia em seu escritório de trabalho. Até hoje, mais de dez anos depois, lembro do seu olhar atônito ao perceber que seu entrevistador era bem, bem, bem mais novo do que pensava quando havíamos conversado ao telefone.

Frente a frente, duas gerações separadas por décadas, todavia, unidas pela memória, pelo passado, pelo amor ao futebol. De um lado da mesa, aquele homem robusto com seu mais de 1,80 m e de semblante inabalável se acomodava envolto de infindáveis documentos técnicos e folhetos de propaganda política. Do outro, um jovem jornalista cruzeirense aguçava o ouvido, preparava o gravador e esperava pelos relatos heroicos daquele sujeito.



Ex-goleiro, Renato Valle, ídolo do Atlético de 1971, em nossa entrevista na sua residência, em Uberlândia, no ano de 2012.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Oriundo da classe média alta e filho de um oficial da marinha fascinado por futebol, Renato vivia um contexto bem diferente dos jovens talentos da época que enxergavam o esporte como uma forma de ascensão financeira e social. Durante sua juventude, acabou trilhando o caminho inverso da maioria dos garotos. Enquanto os meninos da sua idade brincavam nas ruas e mostravam às famílias aptidão para o futebol desde cedo, Renato só jogava escondido, nas praias do Rio de Janeiro, e sem o apoio pleno dos pais. Apesar dos entraves, ele não pensava em qualquer outra profissão. Seu principal foco era ser jogador de futebol e dizia para si mesmo que aquela vontade não era apenas um sonho de uma simples criança. Remando contra a mentalidade predominante das famílias conservadoras da década de 1960, Renato lutou por seu espaço e contra os preconceitos da família.

Minha mãe me apoiava e escondia do meu pai as coisas, pois, no começo, ele não queria. Já meu avô era uma pessoa muito séria, quando ele soube que eu tinha recebido o convite para jogar no Flamengo, ele me disse que jogador de futebol é coisa de vagabundo. Falei para ele que não importava o que eu fizesse, mas eu tinha que ser o melhor na minha categoria. Meu avô era comerciante e meu pai era filho único. O sonho dele era que meu pai fosse oficial de marinha. Por isso, falei para meu avô que, se ele correu atrás do sonho dele, eu também tinha direito de fazer o mesmo.

Em plena adolescência, Renato vivenciava um período de instabilidade política no país, ocasionado pela eclosão de vários estados ditatoriais na

América do Sul, dentre eles, o Regime Militar brasileiro. Em resposta ao novo panorama que se desenhava, movimentos estudantis e de vanguarda cresciam vertiginosamente. Era o início da década de 1960 e o futebol ainda era visto como uma forma de refúgio para a sociedade e um esporte movido pela paixão. Milhares de jovens clamavam pela liberdade, pela democracia, pelos direitos. Para Renato, no furor da juventude, o sonho era parecido. Lutar por seu espaço para vencer os preconceitos da família.

No começo de sua carreira, não houve qualquer tipo de empresário ou agenciador – hoje, símbolos arraigados e (quase) imprescindíveis de um futebol cada vez mais submetido ao mercado do capital. Enquanto construía sua carreira sozinho, à espera de uma chance, Renato contava com a sorte, na expectativa de alguém se interessar por seu jogo. E foi justamente isso que aconteceu:

Não fiz teste nenhum. Eu entrei no futebol, porque jogava nas praias do Rio de Janeiro e tinha um amigo que já jogava no juvenil do Flamengo. Um dia ele me chamou e eu aceitei treinar lá. Depois de um amistoso que fizemos, veio um auxiliar do Válder Miraglia [então treinador do Flamengo] me convidando. Só minha mãe sabia daquele convite, meu pai foi saber quando eu já estava na categoria júnior do Flamengo e os diretores queriam que eu fizesse um contrato de “gaveta”. Pedi para o meu pai não assinar, porque sabia que estava errado. Meu pai falou que não ia assinar e os dirigentes falaram que eu não ia receber ajuda de custo nenhum. Falei que não tinha problema.



A coleção de times de botão de Renato em sua residência em Uberlândia.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Renato não esqueceu o dia em que decidiu ser goleiro. Ainda menino, durante as brincadeiras com os amigos, ele sempre era escolhido para jogar no ataque. Hábil com os pés, costumava marcar muitos gols. Porém, bastou ir ao estádio uma vez, que tudo mudou. O destino de Renato parecia estar traçado.

Meu pai começou a me levar no Maracanã quando eu tinha nove anos de idade. Fiquei fascinado com um goleiro argentino chamado Roma. Só via o cara, não lembrava de mais nada. Era um goleiro espetacular. Não deu outra. Com doze anos, a gente estava assistindo a um jogo do Flamengo no estádio e na hora que o goleiro chutou a bola para frente, falei para meu pai que ele ainda ia me ver jogando no Flamengo e na Seleção Brasileira. Ele achou que era brincadeira e mandou eu estudar.

Pausa para o almoço e a promessa de mais histórias algumas horas depois.

Na saída de seu apartamento, sustei. Ao percorrer o corredor, um pôster pregado na parede direita roubou a minha atenção. Era a imagem do time campeão brasileiro de 1971. Ao me ver parado em frente àquela relíquia de contornos envelhecidos em amarelo, Renato sorriu e começou a me contar sobre o dia em que salvou o primeiro grande título da história do Clube Atlético Mineiro.

O almoço ficou para depois.

Faltava pouco menos de quatro minutos para o apito final. Contra-ataque do São Paulo puxado por Paraná. Humberto Monteiro corre desesperadamente para impedir a jogada, porém, fica no meio do caminho e o time paulista segue com a bola. Paraná avança pela lateral direita, rola para a área e acha Gérson. Ele entra na área. O Mineirão grita, grita, grita e grita. Está perto, faltam poucos metros, quase na marca do pênalti, o “canhotinha de ouro” prepara o chute e...

Acho que foi a mão de Deus. Botei a mão para a direita e consegui defender. Éramos quase campeões brasileiros.

Era a partida de estreia do Galo no triangular decisivo do Campeonato Nacional de Clubes de 1971, o primeiro Campeonato Brasileiro reconhecido: "São poucos que lembram desse lance", confidenciou Renato, se referindo ao instante em que a equipe do São Paulo quase marcou nos momentos finais daquele inesquecível 12 de dezembro. Renato salvou com a ponta dos dedos o que seria o gol de empate dos paulistas. O Atlético acabou derrotando o São Paulo por 1 a 0, gol de Oldair, e pôs a mão na taça.

Além da defesa milagrosa nos minutos finais, Renato garantiu a mim, enfaticamente, que o gol de falta alvinegro aconteceu graças a um rápido diálogo que teve com o capitão antes da partida, ainda nos vestiários. Renato e seus companheiros calçavam as chuteiras, arregaçavam as meias e ouviam as últimas instruções do mestre Telê. O goleiro chamou Oldair no canto e disse: "Se o Gérson entrar na barreira, você chuta na cara dele, entendeu? Porque ele tem um medo danado da bola! Não se preocupa com o gol, não!".

Era um prenúncio do que iria acontecer. Aos 30 minutos do segundo tempo, o Atlético avançava pela intermediária com o ágil Spencer, que só foi parar após Samuel cometer falta na risca da área, dentro da meia-lua. Tião fingiu cobrar, passou correndo sobre a bola e aconteceu o que Renato tanto esperava. Oldair seguiu os conselhos do goleiro e largou uma bomba em direção a Gérson. Não deu outra. O "canhotinha de ouro" abaixou a cabeça e a bola morreu no canto esquerdo da meta de Sérgio.

A importância daquela vitória foi tanta que muitos torcedores alvinegros creditam o gol marcado por Oldair no Mineirão como o gol do título, já que no duelo seguinte, frente ao Botafogo, o Galo só precisava de um empate. Uma semana depois, acabou vencendo os cariocas por 1 a 0.

Renato relembrou com detalhes a volta eufórica da Delegação Alvinegra à Belo Horizonte e como foi a recepção calorosa dos atleticanos.

Foi uma loucura, chegamos no aeroporto, ainda no Rio de Janeiro, e parecia que já estávamos em Belo Horizonte. Só tinha atleticano. Quando chegamos em BH, então, nem se fala. Foi muito especial, pois eu não tinha sido campeão de nada ainda. Tinha 27 anos, já estava experiente.



Renato (à esquerda) com a delegação atleticana ao lado do atacante Dadá Maravilha (à direita) na campanha vitoriosa de 1971. Fonte: Arquivo de Renato.

Com nomes mais conhecidos no grupo como Dario, Lôla, Oldair, Vantuir e Humberto Ramos, Renato sabia que não seria o astro do time ou o mais assediado pela torcida. Mesmo não sendo uma figura tão requisitada pela mídia, como alguns de seus ex-companheiros, Renato negou qualquer tipo de ostracismo e ressaltou que já recebeu homenagens do Atlético em algumas ocasiões. "Eu tenho diversas homenagens do clube, tenho a medalha do centenário de 2008, o Galo de Prata. Sempre fui chamado para todos os eventos lá em Belo Horizonte. Ano passado [2011], recebi o título de cidadão honorário de Uberlândia e do Atlético, um quadro lindo".

O ex-goleiro disse que seu único lamento durante o tempo em que defendeu o clube foi ter perdido o contato com o grupo atleticano após sua saída em 1972, mas justificou essa história.

Não tenho mais contato com os jogadores daquela campanha, até porque já tem mais de 13 anos que moro em Uberlândia. A única exceção é o Dario, pois joguei com ele no Bahia pouco tempo depois, além dele ser muito amigo da minha família.

A conquista de 1971 representou o auge da carreira de Renato, mas também marcou o início de sua saída do clube alvinegro. Já nas rodadas finais do Campeonato Brasileiro, a diretoria atleticana estudava a contratação do badalado goleiro uruguaio de ascendência polonesa Ladislao Mazurkiewicz. Considerado o melhor do mundo na posição no início da

década de 1970 e trazendo na “bagagem” três participações em Copas do Mundo (1966, 1970 e 1974), Mazurka veio para o Galo na temporada seguinte, causando furor na imprensa e entusiasmando os torcedores.



Renato em seus tempos áureos como goleiro do Atlético, de 1970 a 1972. Ele fez parte do time campeão brasileiro de 1971.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Na época, Renato, em entrevista à revista *Placar*, disse que seria difícil tirar a titularidade dele, mesmo com todo o estrelismo de Mazurka. Para o ex-goleiro, o que mais lhe incomodou não foi a contratação da lenda uruguaia junto ao Atlético, mas sim, os meses que antecederam à chegada do estrangeiro. Em pleno regime de concentração para os jogos no Campeonato Nacional, Renato era abordado por jornalistas de veículos distintos, mas com perguntas nada distintas. A pauta era a de sempre: “Qual seria o futuro de Renato após a vinda de Mazurkiewicz?”. Em resposta, o ídolo atleticano contou que a impaciência muitas vezes dava lugar a piadas: “Quem só pode comprar Volks, nunca poderá comprar um Mustang. Quando ele vier, veio, mas agora ele não está aqui”, ironizava à imprensa, mas sempre levando para o humor.

Dotado de uma memória minuciosa, o ídolo atleticano relembrou, com boas risadas, mais casos folclóricos da campanha do título brasileiro de 1971.

Na época, o preparador físico do Atlético era o Roberto Campos, filho do Kafunga, e ele tinha que nos mandar parar de treinar, de tanto comprometimento. Teve uma vez que a gente foi treinar em Poços de Caldas durante quinze dias e o hotel ficava a três quilômetros de onde treinávamos. No primeiro dia, o ônibus nos levou, mas acabou demorando para retornar e todo mundo voltou correndo para o hotel.

A cena mais inusitada para Renato foi nos primeiros dias daquele mês de setembro, treinando junto com o grupo do Atlético, às vésperas da partida de estreia da antiga Taça de Prata. O ex-goleiro conta que na hora da preleção para o jogo, ele não estava acostumado com o comportamento peculiar de Telê Santana.

O Oldair foi chamar todo mundo que ia jogar, a pedido do Telê. Eu fiquei lá sentado, e, de repente, vi o Telê vindo falar comigo. “Vem logo, você acha que eu mandei te contratar para você não jogar? Você é meu titular e acabou”.

Sobre Telê, ao relatar sua relação com ele, Renato, emocionado, descreveu a amizade dos dois:

Ele era uma referência, uma pessoa muito aberta e inteligente. Eu tive a oportunidade de trabalhar com grandes técnicos do futebol brasileiro, e ele, com certeza, foi um deles. Além de ter sido um cara sério e comprometido, Telê tinha seu lado enérgico. Com ele não tinha brincadeira durante os treinamentos. Mas fora de campo era outra pessoa, muito amigo. O Telê aceitava opinião, havia diálogo. Ele era o comandante mesmo, tinha o time sempre na mão.



Renato, um ídolo invisível: uma carreira de causos, títulos e condecorações.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No período da tarde, me reencontrei com Renato, em sua residência, para ouvir as outras “novas velhas histórias”. E as que mais me impressionaram foram as que vieram logo em seguida em nossa conversa. Histórias que não estavam na minha pauta, à margem de qualquer imprensa, de memórias há muito recolhidas por Renato, postas à deriva, invisíveis às narrativas oficiais daquele tempo do futebol brasileiro.

As histórias dos encontros e duelos de Renato frente a frente com o Rei Pelé. E foram épicos. As lembranças minuciosas e agradáveis, como o título brasileiro com o Atlético e as conquistas estaduais com Flamengo, Fluminense e Bahia, haviam entusiasmado Renato no papo, mas a emoção veio quando ele recordou os momentos inesquecíveis e extraordinários de sua carreira com Pelé.

O primeiro encontro deles foi justamente a sua estreia na categoria profissional defendendo ainda as cores do Flamengo. Era o dia 19 de dezembro de 1964 e o clube carioca precisava de um milagre para se sagrar campeão brasileiro pela primeira vez em sua história. O grande problema era o adversário: o imbatível Santos do trio Coutinho, Pelé e Pepe. Na primeira partida da final, Pelé havia feito três gols no estádio do Pacaembu e os santistas golearam os cariocas por 4 a 1.

E foi nestas circunstâncias, precisando vencer por três gols de diferença no Maracanã e diante de 52 mil pessoas que aquele jovem, de apenas vinte anos de idade, entrou em campo pela primeira vez, ao substituir Marcos Aurélio no segundo tempo.

O Pelé tentou umas três vezes fazer aquele golzinho por cima que gostava de fazer, mas não conseguiu. O Santos jogava pelo empate e a partida acabou 0 a 0. No final do jogo, Pelé me cumprimentou, me deu parabéns pelo desempenho e disse que eu tinha futuro.

Mesmo depois daquela decisão, Renato não conseguiu se firmar no Flamengo. A política da cúpula rubro-negra era favorável a contratações bombásticas em detrimento de dar chance às suas revelações. Sem espaço, o goleiro acabou rodando durante cinco anos pelos interiores do eixo Rio-São Paulo, até se destacar no time de Uberlândia. O contexto desfavorável em que vivia Renato levava a crer que a chance de um reencontro com a lenda santista era pequena. Mas o então garoto cresceu,

adquiriu experiência e mal esperava que seus embates com Pelé estavam prestes a acontecer novamente. A ida para o Atlético acabou sendo determinante para isso.

Mais maduro, com o voto de confiança de Telê Santana e já titular do Galo, Renato voltou a enfrentar Pelé em outubro de 1970. O duelo, válido pela primeira fase do antigo Troféu Roberto Gomes Pedrosa, aconteceu no estádio Parque Antártica e terminou em 1 a 1. Ao falar daquele jogo, Renato não apaga da memória o único gol sofrido para o Rei.

Não tem como eu me esquecer daquele gol. O Santos atacou e nós pegamos a bola e contra-atacamos, só que na saída da defesa, o Pelé ficou mais atrás, como se tivesse na posição de impedimento. Falei para o Vantuir prestar a atenção no Pelé e ele me deu um sinal de 'ok' sem se preocupar muito. Só que, neste mesmo momento, o Carlos Alberto Torres pegou a bola e lançou direto para o Pelé na frente. Ele correu, deu uma volta no Vantuir, ficou cara a cara comigo e tocou no canto. Foi o único gol que sofri dele em muitos jogos.

Na temporada vitoriosa com o Galo de 1971, Renato duelou contra Pelé outras três vezes, sendo uma pela fase inicial e outras duas durante o mata-mata. O Atlético venceu a primeira por 2 a 1, perdeu a segunda pelo mesmo placar e voltou a ganhar a terceira, por 3 a 1. No jogo em que valia vaga para o triangular final do campeonato, Renato se emocionou ao relatar como parou o melhor do mundo e qual foi a defesa mais difícil que fez contra ele.

Minha defesa mais marcante contra Pelé foi no ano seguinte, no Mineirão. Nós ganhamos o jogo. Teve uma jogada, em um *corner*, que teve uma confusão e eu saí do gol. O Pelé apareceu na frente e deu uma 'chilena' na bola no lado direito da trave e espalmei para o *corner*. O Pelé também tinha uma mania de bater as faltas e colocava a bola para quicar em cima do goleiro. Era uma estratégia só para o Edu pegar o rebote. Na vez que isso aconteceu, eu encaixei direto e o Edu até brincou comigo pedindo para eu soltar uns dois dedinhos.

Após as respectivas aposentadorias, Renato e Pelé trilharam caminhos distintos e tiveram pouco contato fora das quatro linhas. Enquanto o ex-goleiro se enveredou pelo mundo do rádio, como comentarista, o Rei tentava de tudo: foi modelo, ator, garoto-propaganda e até político.

Apesar de não terem construído uma amizade sólida, Renato demonstrou admiração pelo antigo rival e, quando comentou sobre Pelé, fez referência ao seu famoso apelido.

Tenho um carinho muito grande pelo Negão. Em 1987, tive uma aproximação maior com ele, porque participamos de um jogo do time do Luciano do Valle. Ele só jogou a partida de abertura contra a Itália. Tivemos um treino antes do jogo e peguei três vezes o pênalti dele.

A carreira de Renato não ficou apenas marcada por lances incríveis, atuações memoráveis e títulos importantes. Até hoje, as mãos que venceram Pelé e foram responsáveis pela maior glória da história atleticana carregam as marcas da profissão em forma de cicatrizes.

Um ano após subir para o profissional, Renato foi emprestado pelo Flamengo e defendia a modesta equipe de Taubaté, do interior de São Paulo. Em uma partida válida pelo Campeonato Paulista, Renato sofreu uma grave lesão no dedo mindinho esquerdo. Na época, por pouco o movimento do membro não ficou comprometido devido à ausência de recursos médicos mais eficientes e a falta de um cuidado mais adequado.

Foi no começo de 1965. Não esqueço nunca. Na época, não existia luva direito, o campo era ruim e tinha aquela bola de couro. Eu estava jogando com o Taubaté-SP contra o Estrada Sorocabana-SP, aí teve uma bola que o cara chutou, bateu no zagueiro e foi sair na linha de fundo. Eu fui correndo para evitar o *corner*, mas eu deslizei na hora e o dedo 'ficou' no chão. Subiu aquela dor horrorosa e quando olhei, meu dedo estava completamente virado. Quando acabou o jogo, cheguei em casa e pus gelo, porque ainda estava meio inchado, e um esparadrapo. Só depois que eu fui saber que havia arrebentado os ligamentos. Com o passar do tempo, o osso foi calcificando e por isso ficou torto deste jeito.



Renato e suas cicatrizes que fizeram história. Na foto, a grave lesão no dedo mindinho esquerdo quando defendia as cores do Taubaté-SP, em 1965.
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Hoje, aos 80 anos, pai de três filhos, Renato segue residindo em Uberlândia e, até a realização daquela entrevista de 2012, morava em um apartamento de três quartos no centro da cidade. Nos corredores de sua casa, um acervo de fotos e condecorações formam um belo mosaico. Desde medalhas, troféus, pôsteres, até times de futebol de botão, remetem aos clubes por onde passou. Preocupado com a forma física e sua saúde, Renato até hoje não larga mão de suas caminhadas matinais aos domingos.

Há mais de vinte anos no Triângulo Mineiro, Renato já circulou em praticamente todas as rádios locais como comentarista esportivo. Quando concedeu esta entrevista, auxiliava na candidatura do vereador André Goulart à prefeitura de Uberlândia na função de assessor de gabinete. O ex-goleiro também trabalhava no IPREMU (Instituto de Previdência Municipal de Uberlândia), mostrando que a versatilidade é também uma de suas virtudes, mesmo longe dos gramados.

Experiências didáticas e educativas no Museu Brasileiro do Futebol

Anderton Taynan Rocha Fonseca

Os reis e as rainhas do Mineirão

Aberto ao público em 2013, o Museu Brasileiro do Futebol (MBF) apresenta-se como uma opção de lazer em Belo Horizonte. Sediado no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), o MBF possui a potencialidade, a partir do seu acervo, de proporcionar diversas experiências de aprendizado ao expor, pesquisar e preservar artefatos do futebol brasileiro.

A equipe de educadores do MBF explora as múltiplas facetas da exposição e do estádio Mineirão de forma lúdica, crítica e criativa, podendo propiciar ao público visitante uma compreensão do futebol em seu contexto social, cultural e político. A partir de exposições interdisciplinares e interativas estimula-se a reflexão em torno da cultura do futebol, transcendendo a esfera meramente esportiva, realizando uma leitura ampla desse fenômeno sociocultural¹.

¹ ABDO; AUGUSTO. Futebol e memórias indígenas entram em campo no museu brasileiro do futebol, p. 145.



Sala do Museu Brasileiro do Futebol denominada "Futebol e outras artes".

Fonte: <http://estadiomineirao.com.br/museu-e-visita/>

Ao todo, o museu possui 14 salas interativas que buscam apresentar e problematizar como o futebol se tornou um dos elementos centrais da cultura brasileira². Cada sala possui a sua peculiaridade, mas aqui voltarei as atenções exclusivamente para a sala denominada "Futebol e outras artes"³, a partir de um relato de experiência.

Na sala "Futebol e outras artes", apresenta-se o futebol na cultura brasileira e a sua integração às linguagens artísticas. É exibido para o público visitante como o futebol pode dialogar e ser representado a partir da música, da dança, da literatura, da escultura, etc⁴. Nessa sala, encontra-se uma exposição de caricaturas de jogadores marcantes na história do futebol mineiro, dentre elas, uma ilustração do jogador José Reinaldo de Lima, mais conhecido como Reinaldo, ídolo do Clube Atlético Mineiro. Essa caricatura foi desenhada pelo publicitário, jornalista e ilustrador André Fidusi. Destaco esse desenho de Fidusi, para então relatar uma das várias experiências incríveis que pude vivenciar durante o período em que realizei um estágio extracurricular no MBF.

² COSTA. A exposição do museu brasileiro do futebol: escrita da história e cultura do esporte, p. 282.

³ Para maiores descrições das demais salas do Museu Brasileiro do Futebol, acessar: <https://mineirao.com.br/salas>.

⁴ COSTA. A exposição do museu brasileiro do futebol: escrita da história e cultura do esporte, p. 288.



Caricatura do
Jogador José
Reinaldo de
Lima. Ilustração
de André Fidusi
exposta no MBF.
Fonte: Acervo do autor.

Enquanto estagiário, foram muitos os aprendizados a partir de mediações em visitas, assim como no planejamento e desenvolvimento de atividades e projetos educativos que exploravam diversas temáticas a respeito do futebol, tais como: “História do futebol em Minas Gerais”, “Futebol e machismo”, “Futebol e homofobia”, “A presença feminina no futebol”, “Futebol e profissão”, entre outros.

Durante esse estágio, pude acompanhar visitantes de diferentes locais do Brasil e de outros países, de diversas faixas etárias e classes sociais. Decerto, é intrigante e muito especial receber um público vasto, em média duzentas pessoas diariamente, em um estádio de futebol em dias sem partidas de futebol. Em uma situação específica, fiquei responsável em mediar a visita de um grupo com cerca de vinte pessoas. Era uma excursão escolar composta por estudantes de 12 a 14 anos, oriundos de um colégio público localizado na periferia. De imediato, senti uma forte identificação, pois toda a minha trajetória escolar foi em instituições públicas, onde a maioria dos alunos também era residente de favelas.

Após me apresentar e conhecer esses ilustres visitantes, os direcionei para a sala “Futebol e outras artes” e lá apresentei a caricatura do jogador Reinaldo. Mencionei que o que aquela obra ilustrava não era só a imagem de um atleta que fez história com a camisa do Atlético-MG e que se consagrou como o maior artilheiro de todos os tempos do Mineirão, mas também de um jogador que comemorava os seus gols erguendo um

punho cerrado, que simbolizava seus posicionamentos contra a Ditadura Militar no Brasil e contra o racismo.

Em seguida, percorremos todas as salas do museu com muito entusiasmo. A cada sala, os estudantes demonstravam estar muito empolgados com as exposições e com a partilha de conhecimentos. Para além do percurso no museu, os educadores do MBF também mediavam as visitas nos bastidores do estádio do Mineirão. Nessa dinâmica, os visitantes exploram os espaços da sala de aquecimento, dos vestiários, da sala de coletiva de imprensa, da zona mista, até a emocionante experiência de chegarem à beira do gramado. Desse modo, terminando o passeio dentro do museu, direcionei o grupo para a visita aos bastidores.

Ao chegarmos à zona mista, a expectativa era palpável, todos estavam tomados pela ansiedade de finalmente contemplar a imensidão do gramado do Gigante da Pampulha, como o estádio é afetuosamente conhecido. De costas para o grupo, prestes a subir as escadas que levam ao campo, fiz o convite que marcaria aquele momento: chamei os estudantes para vivenciarem juntos essa experiência inesquecível. Até aquela ocasião, aquelas crianças só tinham visto um estádio de futebol pela televisão. Assim, quando me virei de frente para aqueles jovens de escola pública, crianças negras, moradoras de favelas, lá estavam com os seus braços erguidos e seus punhos cerrados, prontos para brilhar, dar um espetáculo no Mineirão. E foi assim que o grupo subiu as escadas da zona mista até chegar à beira do gramado, fazendo o mesmo gesto que Reinaldo fazia ao comemorar seus gols.

A experiência de estágio no MBF, certamente, foi uma oportunidade que me proporcionou uma valiosa formação humana e profissional. Compreende-se o museu como um espaço de lazer, assim como a sua grande potencialidade de compartilhamento de conhecimentos. Nesse sentido, entende-se o lazer como um fenômeno que pode aguçar as sensibilidades e estimular o pensamento crítico e emancipatório. Decerto, os esportes, os museus e o futebol são meios que podem trazer positivas mudanças sociais.



Fonte: Acervo do Museu Brasileiro do Futebol.

Futebol, câmera e ação

Entende-se a importância de apresentar o futebol na perspectiva da cultura corporal do movimento, ou seja, como conteúdo que deve ser abordado a partir da vivência prática do movimento, como também, refletido, contextualizado e redimensionado⁵. Sendo assim, compreende-se que ao tratar sobre conteúdos esportivos, é possível ir muito mais além do ensino sobre as regras, técnicas e táticas. Contextualizar as práticas esportivas na realidade sociocultural em que se encontram pode colaborar para a produção de conhecimentos de maneira ampla, crítica e transformadora, potencializando uma forma de aprendizado emancipatória⁶.

Dessa maneira, o futebol deve ser entendido como uma forma de manifestação da cultura. Portanto, pode ser representado por meio da prática de um jogo, ou brincadeira popular e/ou um fenômeno esportivo. A sua presença é bastante notável nas mídias, no mercado de consumo, no lazer, nas políticas, nas artes e no comportamento dos indivíduos e grupos sociais. Dado o exposto, compreende-se que o futebol é capaz de

⁵ SILVA; CORDEIRO; CAMPOS. Por que ensinar futebol para além da bola rolando?

⁶ DAOLIO. *Cultura, educação física e futebol*.

intervir e promover o cruzamento entre várias áreas do conhecimento, trazendo à luz os temas transversais que permeiam esse fenômeno⁷.



“Futebol na TV” -
Fotografia produzida
por Sandro Vox⁸.
Fonte: <https://www.ludopedio.com.br/futebol-arte/futebol-na-teve/>

Desse modo, entende-se que o futebol enquanto prática cultural é capaz de influenciar diversas manifestações artísticas, e abordar o futebol a partir das artes também possibilita compreendê-lo de forma mais abrangente, ou seja, para além das “quatro linhas”⁹. É importante salientar que as manifestações artísticas certamente podem colaborar no desenvolvimento de características como criatividade, espontaneidade,

⁷ ARAUJO; RIBEIRO FILHO. Futebol e cultura.

⁸ Sandro Vox é fotógrafo e cineasta. Estudou fotografia no Instituto Nacional de Ensino em 1998, e na escola Ateliê da Imagem em 2001 e 2002, e Cinema Documental na PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A fotografia “Futebol na TV” faz parte do projeto documental fotográfico (Chão de Barro: O Sonho de Todos) que foi exibido no Carrousel du Louvre em Paris e no Musée de la Palmeraie em Marrakesh.

⁹ ABRANTES; SILVA. Futebol e artes.

improvisação, comunicação, integração social, concentração, imaginação, entre outras.

Decerto, variadas formas de arte podem retratar o futebol. Esse fenômeno pode ser representado por meio da pintura, escultura, gravura, cinema, poesia, literatura, colagem, fotografia, arte digital, entre outras manifestações. Também é interessante observar que uma jogada brilhante, um lance genial, ou um gol espetacular tal qual o gol de placa, são considerados por muitas pessoas envolvidas no universo futebolístico, como “verdadeiras obras de arte”¹⁰.

Compreendendo as diversas potencialidades de aprendizado em abordar o futebol por meio das manifestações artísticas, algumas educadoras do MBF desenvolveram a oficina “Futebol, câmera e ação”. Essa oficina explorou a prática futebolística e sua relação com a produção cinematográfica a partir da elaboração de um material audiovisual. A atividade consistiu em uma criação dramatúrgica improvisada com um grupo de 16 crianças que tinham entre 9 e 12 anos de idade.



Fonte: Ilustração de autoria própria.

¹⁰ ARAUJO; RIBEIRO FILHO. Futebol e cultura.

A partir de elementos como roteiro, produção, direção, montagem e edição, as crianças que participaram dessa oficina exploraram de forma bastante criativa o diálogo entre o futebol e o cinema. A oficina “Futebol, câmera e ação” foi desenvolvida para o projeto “Estúdio MBF” que englobava uma série de atividades realizadas pelos educadores do museu que atendiam crianças no período de férias escolares. Para a participação dessas atividades era realizada uma inscrição prévia¹¹.

No dia da realização da oficina, após o acolhimento das 16 crianças, realizaram-se algumas brincadeiras para a interação do grupo. Tratava-se de alguns jogos de observação e improvisação, para estimular a comunicação e o conhecimento do grupo e do ambiente.

Depois de uma breve apresentação do grupo e do objetivo central da oficina, dentro de uma sala bastante espaçosa, os participantes tiveram um tempo para observar todo o local (os objetos, a estrutura, as cores, ou seja, todos os detalhes daquele lugar). Após isso, as crianças tiveram seus olhos vendados e a seguir foram desafiadas a responder algumas perguntas relativas ao espaço que observaram (por exemplo: “qual a cor da lixeira?”).

Após essa dinâmica, realizamos a “brincadeira do espelho”. Nela, o grupo foi dividido em duplas, com os participantes posicionados frente a frente. O objetivo era que um dos integrantes da dupla iniciasse movimentos, e o outro os imitasse de forma precisa e simultânea, replicando desde os gestos dos pés até as expressões faciais.

E por fim, para esse momento inicial da oficina, foi feita a brincadeira da “história coletiva”. Nessa dinâmica os participantes ficaram em roda e uma das educadoras iniciou uma história. A partir daí a criança do lado direito da educadora tinha o desafio de continuar a história de onde ela parou, e assim sucessivamente com os demais integrantes da roda.

Após esse primeiro momento de interação, as crianças tiveram a oportunidade de explorar os bastidores do estádio Mineirão, com ênfase

¹¹ Não foi possível encontrar nenhum registro de viés quantitativo que apresentasse informações relacionadas a idade, sexo, gênero, cor ou nível socioeconômico das crianças que participaram desse projeto. Mas sabe-se que a participação ocorria a partir de uma inscrição prévia e de forma gratuita e, que diversas crianças de diferentes classes sociais estiveram presentes nas variadas dinâmicas do “Estúdio MBF”.

nas áreas destinadas aos profissionais de comunicação, como a sala de credenciamento, a sala de coletivas de imprensa, a zona mista e a tribuna de imprensa. O objetivo dessa visita foi familiarizar os participantes com os espaços onde seriam filmadas a maioria das cenas que comporiam a produção.

A partir de um roteiro pré-estabelecido, todas as crianças, de forma coletiva, tiveram a liberdade de opinar e fazer algumas alterações na história que seria posteriormente encenada. O enredo girava em torno da expectativa gerada nos bastidores de um estádio de futebol minutos antes para o início de uma partida de Copa do Mundo. Durante as encenações os atores e atrizes também tinham permissão e autonomia para improvisar.

Utilizando uma câmera, uma claquete, um tripé e alguns adereços para compor o cenário e os figurinos (uniformes esportivos, coletes, bolas, um microfone falso, entre outros), a brincadeira foi acontecendo e as crianças puderam explorar o futebol a partir de outra perspectiva para além da bola rolando. Ao final da oficina todos os participantes tiveram acesso ao material final, o filme da oficina “Futebol, câmera e ação”, o qual produziram coletivamente.

Certamente a possibilidade de aventurar-se na sétima arte “fazendo cinema”, ou seja, na escrita de roteiros, na produção de audiovisuais, na edição fílmica, possui o potencial de ampliar conhecimentos e experiências, aguçar sensibilidades, favorecer a apropriação coletiva e propiciar releituras éticas e estéticas de mundo¹². Assim sendo, a oficina “Futebol, câmera e ação” foi uma rica experiência didática e educativa organizada pela equipe do Museu Brasileiro do Futebol.

¹² GOMES; GONÇALVES. “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”: instigando o olhar por meio do cinema.

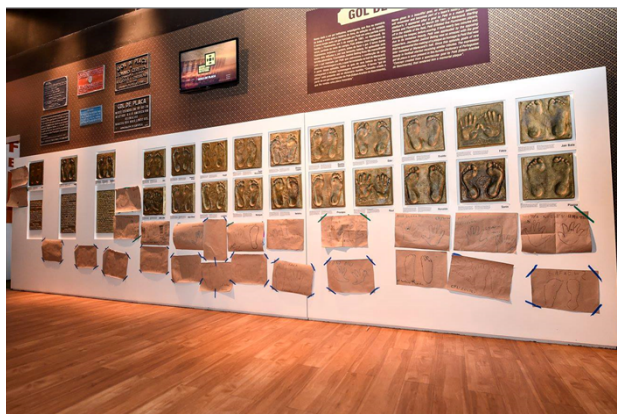
Brincando no Museu e Ateliê esportivo



Fonte: Acervo do Museu Brasileiro do Futebol.

Outras duas ações desenvolvidas para o projeto “Estúdio MBF” foram as oficinas “Brincando no Museu” e “Ateliê esportivo”. Certamente, ambas as ações tiveram um caráter lúdico, didático e educacional, com a potencialidade de ampliar a visão sobre o futebol e sua relação com a cultura, as artes e as interações sociais.

Na oficina “Brincando no Museu” os participantes exploravam todas as salas do Museu Brasileiro do Futebol a partir de brincadeiras desenvolvidas pelos educadores. Destaco a dinâmica que era praticada na sala denominada “Campos Gerais”, um espaço totalmente dedicado ao futebol mineiro. Nesse ambiente, encontram-se placas em bronze cravadas com pés e mãos de jogadores renomados, atletas que fizeram parte da história futebolística de Minas Gerais. A dinâmica realizada nesse local consistia nas crianças desenharem suas mãos em um pedaço de papel *craft*. Em seguida, os desenhos de cada participante eram expostos juntamente às placas que contêm as marcas dos jogadores que fizeram história no futebol mineiro. É interessante destacar o sentimento de pertencimento à história do futebol, assim como ao espaço do museu, que pôde ser gerado por meio dessa simples dinâmica.



Fonte: Acervo do Museu Brasileiro do Futebol.

Outra brincadeira praticada nessa oficina era uma versão bastante lúdica de um antigo jogo com bola, o *Kemari*. Em um dos espaços do museu são apresentados alguns jogos ancestrais de bola praticados ao longo da história da humanidade. Nesse local é possível instigar uma reflexão sobre as origens históricas do futebol, na perspectiva de entendê-lo como esporte e representação cultural¹³. Nesse ambiente, podem-se observar ilustrações de algumas práticas realizadas na antiguidade, tais como, o *Ts'u-chü*, o *Episkyros*, o *Soule*, o *Kemari*, entre outros¹⁴.

O *Kemari* popularizou-se no Japão há mais de mil anos atrás e o objetivo desse jogo é manter a bola no ar o maior tempo possível, usando os pés ou qualquer outra parte do corpo que não seja as mãos¹⁵. Nesse jogo a bola era feita de couro de veado, mas na oficina “Brincando no Museu” foi feita uma pequena adaptação. No MBF o *Kemari* foi ludicamente praticado com um balão de festa infantil. Assim sendo, de forma criativa e divertida era possibilitada uma interessante partilha de conhecimento relacionada ao futebol e sua perspectiva histórica e sociocultural.

Uma outra brincadeira bastante educativa realizada na oficina “Brincando no Museu” era o “Super Trunfo do Futebol Feminino”, desenvolvido pela educadora Tábata Ferreira. Foram elaboradas cartas de

¹³ COSTA. A exposição do museu brasileiro do futebol: escrita da história e cultura do esporte.

¹⁴ Para maiores descrições desses antigos jogos com bola destaco a seguinte referência bibliográfica: MAYOR; NETO. História do futebol.

¹⁵ MAYOR; NETO. História do futebol.

Super Trunfo com a imagem de grandes jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino. Quando as crianças se deparavam com esse material, era interessante observar e problematizar o desconhecimento que elas tinham em relação às atletas representadas nas respectivas cartas do jogo. Em contrapartida, quando questionadas sobre quem eram os jogadores da seleção de futebol masculino, as crianças apontavam vários nomes, até mesmo do técnico.

O “Super Trunfo do Futebol Feminino” certamente possibilitava interessantes reflexões em relação às barreiras enfrentadas pelas mulheres na nossa sociedade, inclusive no esporte. É fundamental perceber que ideias construídas social e historicamente em uma sociedade machista contribuíram para a invisibilidade e a falta de apoio ao futebol feminino. Problematicar e refletir questões relativas ao futebol, gênero e sexualidade são essenciais para que haja importantes mudanças comportamentais.

</

Cartas do
Super Trunfo do
Futebol Feminino
produzidas no
Museu Brasileiro
do Futebol.

Fonte: Acervo do Museu
Brasileiro do Futebol.

Já na oficina denominada “Ateliê Esportivo”, os participantes eram divididos em times e tinham que criar coletivamente um nome, um escudo, um uniforme e um grito de incentivo para a equipe do qual eram integrantes. Seguindo essa dinâmica, tendo os materiais disponíveis (camisas lisas, tinta e pincel), as crianças confeccionavam juntas o uniforme do time. Feito isso, passavam pelos bastidores do Mineirão. No vestiário, de maneira lúdica e criativa, discutiam todos os detalhes táticos que iriam utilizar na partida que fariam logo mais. Na sala de aquecimento, faziam exercícios de alongamento, polichinelos e os últimos preparativos físicos antes de entrarem em campo. Por fim, os times se enfrentavam, as crianças jogavam futebol, deixando registrado esse momento na memória e na história de cada uma delas, assim como na do Gigante da Pampulha.



Fonte: Acervo do Museu Brasileiro do Futebol.

Certamente é possível reconhecer que a partir de experiências fomentadas no Museu Brasileiro do Futebol, buscou-se promover o diálogo entre o patrimônio, o museu, a escola, a comunidade e a cidade de forma a potencializar a experiência museal, cultural e turística dos cidadãos e cidadãs. Por meio de visitas mediadas, oficinas e brincadeiras, identifica-se a estimulante proposta de fomentar a temática do futebol, impulsionando reflexões sobre esse fenômeno sociocultural de forma abrangente e interdisciplinar.

Esse trabalho foi desenvolvido com apoio financeiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Referências

- ABDO, Lucas Mendes; AUGUSTO, Marcus. Futebol e memórias indígenas entram em campo no museu brasileiro do futebol. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER*, 2, 2016, Belo Horizonte. *Anais do II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*. Belo Horizonte: EEEFTO, 2016.
- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Thiago José. Futebol e artes. *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila (Org.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- ARAUJO, Amarildo da Silva; FILHO, Carlos Coelho Ribeiro. Futebol e cultura. *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila (Org.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- COSTA, Thiago Carlos. A exposição do museu brasileiro do futebol: escrita da história e cultura do esporte. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER*, 2, 2016, Belo Horizonte. *Anais do II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*. Belo Horizonte: EEEFTO, 2016.
- DAOLIO, Jocimar. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.
- GOMES, Christianne Luce; GONÇALVES, Mariana Mól. "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": instigando o olhar por meio do cinema. *In: GOMES, Christianne Luce; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SILVA, Luciano Pereira da (Org.). Lazer, práticas sociais e mediação cultural*. Campinas: Autores Associados, 2019.
- MAYOR, Sarah Soutto; NETO, Georgino Jorge de Souza. História do futebol. *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila (Org.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila. Por que ensinar futebol para além da bola rolando? *In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila (Org.). O ensino do futebol: para além da bola rolando*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

Marcelo Gomes Dolabela: três poemas futebolísticos entre o rigor e a circunstância

Gustavo Cerqueira Guimarães

Rafael Castro de Souza

Reconhecimento do campo

*Sem grandes esperanças, espero seguir,
pelos próximos 60 anos, jogando bola,
fazendo música e poesia.*

Lira dos 60 anos, Marcelo Dolabela.

Marcelo Gomes Dolabela nasceu em Lajinha/MG, em 1957, e faleceu em 2020, em Belo Horizonte, capital do estado, aos 62 anos. Sua estreia na literatura se deu com o livro *Através das paredes*, em 1978. Publicou cerca de 60 livros e livretos independentes, destacando-se *Coração malasarte* (1980), *Radicais* (1985), *Hai Kaixa* (1993), *Poeminhas & outros poemas* (1994), *Amônia* (1997), *Letrolatria* (2000), *Batuques de limeriques* (2005), *Lorem ipsus* (2006), *Acre ácido azedo* (2015) e *Lira dos 60 anos* (2017).

Atento, já em 1981, o poeta Glauco Mattoso, grande conhecedor da poesia em língua portuguesa, incluiu Dolabela no clássico livro *O que é Poesia Marginal* como uma das vozes especiais deste movimento artístico e sociocultural brasileiro efervescente da década de 1970. “Na verdade, *marginal* é simplesmente o adjetivo mais usado e conhecido para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados *independentes* ou *alternativos*”¹. Além de Dolabela, entre tantos outros, Mattoso cita os artistas marginais: Paulo Leminski, Torquato Neto, Bráulio

¹ MATTOSO. *O que é poesia marginal*, p. 8.

Tavares, Nicolas Behr, Paulo Bruscky, Daniel Santiago, Ulisses Tavares, Leila Míccolis, Chacal, Charles e os mineiros, de Cataguases, Joaquim Branco e Ronaldo Werneck.

Multiartista, o poeta lajinhense também foi letrista e vocalista da banda Divergência Socialista, lançando os trabalhos *Christiane Keeler* (1986) e *Lilith lunaire* (1990), e corroteirista dos curtas-metragens *A hora vagabunda* (1998), um dos filmes mais significativos do cinema mineiro, *Uakti* (1987), de Rafael Conde, e *Maldito Popular Brasileiro: Arnaldo Baptista* (1991), de Patrícia Moran.

Em 1984, Dolabela se graduou em Letras pela UFMG, em Belo Horizonte, consolidando-se como professor de algumas faculdades de Comunicação da capital por cerca de três décadas. Entre 1998 e 2001, realizou mestrado na Universidade São Marcos, em São Paulo, com a dissertação intitulada *A poesia do slogan*. Na capital paulista, pela editora Estrela do Sul, publicou o *ABZ do Rock Brasileiro* (1987), derivado do seminal livreto *ABC do rock brasileiro 1970-1979* (1985). Também organizou e/ou editou arte postal, carimbo, zine, panfleto e diversas antologias e coleções de poesia, além da exposição *Rock Brasileiro em 1000 discos* (2012), no Centro Cultural UFMG. Foi grande pesquisador de músicas e poesias brasileiras, com coluna semanal sobre o tema por mais de dez anos no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte. Foi também um grande colecionador de discos e livros da cena “independente”, deixando um respeitável acervo.

Hoje, graças ao coletivo Musas & Moiras, podemos conferir praticamente todos os títulos de sua discoteca e, sobretudo, os livros de Marcelo Dolabela em seu portal² e constatar que, embora ele tenha surgido a partir da Poesia Marginal e tenha se mantido bravamente às margens, o conjunto de sua obra vai muito além deste movimento, merecendo estudos mais aprofundados sobre o tema.

Neste capítulo, analisaremos três dos quatro poemas que compõem a série “Futebol & Cia”, de Marcelo Dolabela (1957-2020), lançada

² marcelodolabela.com.br

pela revista eletrônica *Em Tese*, da Faculdade de Letras da UFMG³, em uma das raras publicações online do poeta. Para tanto, junto com Glauco Mattoso, exploraremos os aspectos formais dos poemas, demonstrando ainda a habilidade de Dolabela ao relacionar poesia, futebol e cultura.

Adiante, apresentaremos uma breve contextualização desta publicação lançada pouco antes das manifestações de junho, em 30 de abril de 2013. A série é composta por quatro poemas: “Conversa no Xok-Xok”, “Brasil é o planeta do futebol”, “Depois do jogo” e “Lajinha revisited #17”. Os dois primeiros são poemas animados, eufóricos, que conectam o futebol ao clima tropical e festivo do Brasil. Já o terceiro tem um tom mais melancólico, trazendo reflexões sobre certas mazelas das ruas do país. Estes serão aqui analisados. O último poema, que traz a cidade natal do autor no título, foi tema de um estudo específico, publicado pela revista *FuLiA/UFMG*, em 2024⁴.

Em conjunto, essas poesias exploram o esporte mais praticado no mundo, tomando-o como um potente elemento performativo do nosso cotidiano. Com maestria lírica, o poeta encontra habilmente um equilíbrio entre a trivialidade desse jogo e a precisão do poema. Afinal, segundo Johan Huizinga, no clássico *Homo Ludens*, tanto a poesia quanto o futebol têm a ludicidade em suas raízes⁵.

³ DOLABELA. *Em Tese*, p. 356-361. A série foi publicada na seção Poéticas da revista *Em Tese*, no dossiê “A literatura e a vida: formas de usar”, organizado por Cleber Cabral, Gustavo Cerqueira, João Rocha et al. Promovida pela pós-graduação da Fale/UFMG, a *Em Tese*, que se destaca no cenário acadêmico há mais de uma década, inovou à época pela qualidade do seu conteúdo artístico publicado em diálogo com os dossiês temáticos, buscando estabelecer um maior contato entre a pesquisa acadêmica e a sociedade através de temáticas contemporâneas relevantes, além de oferecer uma boa experiência ao leitor por meio da cuidadosa diagramação.

⁴ GUIMARÃES. *FuLiA/UFMG*, 2024. Intitulado “Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol (estudos dolabólicos #1)”, o artigo aborda as transformações sociais vivenciadas pelo poeta nos anos 1970, enfatizando sua mudança de Lajinha, na região da Serra do Caparaó entre Minas Gerais e Espírito Santo, para a capital mineira, e destaca a importância dessa conexão geográfica e histórica para uma compreensão mais ampla de sua poética.

⁵ HUIZINGA. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura, p. 193.

Poema 1: Conversa no Xok-Xok

*viver não tem drama:
pés nus irradiam luz
no campo sem grama.*

"11 haicais", Marcelo Dolabela.

O poema "Conversa no Xok-Xok", de Marcelo Dolabela, já começa indicando o estilo coloquial no título. Trata-se de um papo de bar, espaço recorrente em sua obra. O futebol, aqui, é introduzido da maneira mais comum possível: "Quem escala a seleção ideal?"⁶. A escalação do melhor time é um exercício que, além de ter sido explorado por outros poetas, como o itabirano Carlos Drummond de Andrade e o formiguense Jovino Machado, por exemplo, é assunto da cultura de massa e está presente nos papos entre os frequentadores de bares pelo país, onde ocorrem transmissões de partidas pelas televisões. O Xok-Xok, no caso, é um deles, localizado no térreo do tradicionalíssimo Edifício Maletta, na região central de Belo Horizonte. Vale dizer que, desde os anos 1970, nosso poeta era frequentador assíduo desse e de outros botecos da redondeza. Eis as duas primeiras estrofes:

A seleção ideal,
quem escala no Brasil?
Parece que é bem banal,
março vir antes de abril.

No gol, ninguém é goleiro,
na hora do chute fatal;
Gilmar é nosso primeiro,
Mas Félix foi bem legal.⁷

⁶ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 360.

⁷ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 360.



Dolabela em “sua mesa” no bar Xok-Xok, Edifício Maletta, Belo Horizonte, 2015.
Fonte: Túlio Travaglia.

A banalidade desse tema é reforçada nos dois versos seguintes: “Parece que é bem banal,/ março vir antes de abril”. Mas, essa vulgaridade é desafiada e, na verdade, é apenas superficial, como o verbo “parece” sugere no terceiro verso. Nas mãos de um poeta habilidoso, nenhum assunto é fortuito. Nesse sagaz poema, o contraponto à aparente trivialidade do assunto é a própria forma como ele foi composto: rigorosamente escrito em redondilhas maiores, ou seja, todos os seus 72 versos (divididos em dezoito estrofes) são compostos por sete sílabas poéticas cuja acentuação varia de acordo com os pés, combinações de jambos (sílabas fracas seguidas de sílabas fortes), troqueus (sílabas fortes seguidas de sílabas fracas) e anapestos (duas sílabas fracas seguidas de uma forte). Ao longo do poema, várias combinações desses três tipos de pés são usadas para formar as redondilhas maiores. Por exemplo, o verso “Torres, Cafu e Nelinho”⁸ é uma sofisticada combinação de nomes próprios que resulta em uma sequência de um pé trocaico, um jâmbico e um anapéstico. É importante lembrar que, apesar da rigidez da composição, o metro escolhido é o mais popular, pois se adequa com facilidade à oralidade, sendo muito usado pelos repentistas e escritores de cordel.

⁸ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 360.

Glauco Mattoso, em seu “Soneto barbarizado”, nos lembra o caráter popular da redondilha maior em oposição aos versos decassílabos:

[...] Isso explica a redondilha como porta aberta
no cantar dos repentistas, na feroz contenda,

à bazófia descarada, onde é melhor a emenda
que o soneto decassílabo, no qual se enxerta
entre termos eruditos a falácia esperta,
lei de todo bom poeta que seu peixe venda.⁹

As rimas cruzadas empregadas em “Conversa no Xok-Xok” acentuam ainda mais a oralidade e, conseqüentemente, a coloquialidade do poema, que transita refinadamente e “naturalmente” entre os polos do rigor e das circunstâncias.

Quanto ao seu conteúdo, o poema é, até a antepenúltima estrofe, uma montagem da seleção brasileira ideal, como anunciado nos primeiros versos. Nele figuram nomes de jogadores de diferentes épocas, desde Pelé até Neymar, mencionando alguns craques do futebol mineiro, principalmente cruzeirenses – Dida, Nelinho, Luizinho, Luizão, Dirceu, Zé Carlos, Piazza, Tostão, Reinaldo, Ronaldinho e Éder. Mesclado entre a escalação ideal, também há espaço para a típica conversa de botequim entre fãs de futebol, como na estrofe:

E o melhor preparador
sabe sempre seu lugar;
deixar cada jogador
entrar no campo e jogar.¹⁰

É nas duas últimas estrofes, porém, que o inesperado se anuncia. O futebol é comparado a outros três elementos estéticos “fundadores” da cultura brasileira: a antropofagia de Oswald de Andrade, o cinema de Glauber Rocha e a pluralidade da Tropicália de Caetano, Gil, Tom Zé, Torquato e Os Mutantes.

⁹ MATTOSO *apud* CRUZ FILHO, 2009, p. 249-250.

¹⁰ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 361.

O Brasil é Gláuber Rocha,
Oswald e Tropicália;
quem chama a gente de trouxa,
no futebol, se atrapalha.¹¹

Por fim, Dolabela acrescenta ainda mais um item à sua estética lista: o *rock'n'roll*, deixando claro o seu *background* e sua enorme capacidade poética de transitar entre esses elementos da cultura popular.

O futebol é assim,
A busca sempre do gol,
Eu completo, aqui, pra mim:
Brasil, bola, Rock'n'Roll.¹²

Poema 2: Brasil é o planeta do futebol

*domingo de sol –
besteira – segunda-feira?!... –
lembrarei do gol.*

"11 haicais", Marcelo Dolabela

Em "Brasil é o planeta do futebol", de Marcelo Dolabela, poema também aparentemente simples, podemos perceber as diversas camadas de significado. O Brasil é apresentado como o "planeta do futebol", uma metáfora vívida para expressar a identidade brasileira. O jogo é retratado como uma constante, presente desde o nascer até o pôr-do-sol, conectado ao sol, sua energia e sua cor. Eis a primeira estrofe:

Futebol ao nascer do Sol
Futebol sem guarda-Sol
Futebol com girassol
Futebol ao pôr-do-Sol¹³

É um futebol que se ilumina pela luz do Sol, encontrando harmonia no "Tao do Sol" e até mesmo no "Rock and Sol". Ao optar por uma estrutura de soneto em redondilha maior, Dolabela utiliza a métrica e o ritmo para criar uma dança poética que reflete a vitalidade e ressalta a

¹¹ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 361.

¹² DOLABELA. Futebol & Cia., p. 361.

¹³ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 358.

relevância desse esporte em nossa cultura, o mais praticado no Brasil e no mundo. A constante repetição da palavra “Sol” ao longo do poema cria um efeito luminoso, reforçando a associação do Brasil com o clima tropical e a energia que a prática do(s) futebol(óis) traz para o país.

A escolha cuidadosa dos vocábulos “futebol” e “Sol” no início e no final dos versos revela a preocupação de Dolabela com a musicalidade e a sonoridade da poesia. Ao enfatizar as terceiras e quintas sílabas poéticas, reforça um ritmo que é capaz de capturar até atenção de leitor desatento, como na última estrofe:

Futebol é sal, é Sul, é Sol
Futebol de muito Sol
Football – goal – uau – ao – Sol.¹⁴

Esse poema, escrito em 2010, assim como o analisado anteriormente, “Conversa no Xok-Xok”, de 2012, sem dúvida, reflete a euforia do “poeta popular” com os jogos da Copa das Confederações que ocorreriam na capital mineira em 2013 e com os jogos da seleção na Copa do Mundo em 2014. Além disso, desde 2006, devido à euforia do penta em 2002, nosso poeta vinha participando da *Pelada poética*, organizada pelos editores Mário Alex Rosa e Welbert Belfort, o Betinho da livraria e editora Scriptum. Essa publicação em ano de Copa consistia em uma reunião de poemas em diálogo com o jogo da bola, sempre com a participação especial, no evento de lançamento, de artistas/jogadores homenageados – Tostão, Reinaldo, Éder, Sorín e Nelinho.

Marcelo Dolabela havia participado das edições das plaquetes de 2006, com o poema “Futebol? O elixir do poeta”, e de 2010, com “11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra”, e também da reunião dessas duas publicações em livro na Copa das Confederações, intitulado *Pelada poética: antologia*¹⁵.

No entanto, no primeiro semestre de 2013, o governo de Dilma Rousseff foi alvo de intensas manifestações populares e o problema maior surgiu quando os manifestantes começaram a usar a camisa da seleção brasileira. Esse cenário criou um dilema para Dolabela, que

¹⁴ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 358.

¹⁵ ROSA; ABREU. *Pelada poética: antologia*.

sempre vinha colaborando com as antologias em prol da estetização do futebol. Mas, dessa vez, o nosso “camisa 10” se afastou de vez, informando aos editores que estava “contundido”. Na verdade, ele tomou a decisão deliberada de não participar. E, mesmo diante do clima político desfavorável e da desistência de alguns escritores, a *Pelada poética* de 2014 resistiu e foi lançada.



A capa verde e a amarela dos livros *Pelada poética* de 2013 e 2014.

Já em 2018 e 2022, não houve movimentação suficiente para impulsionar a publicação. Os poetas se recuaram e deixaram de propagar o futebol, a seleção e a “amarelinha”. Para ampliarmos um pouco este assunto, na visão do alemão Marcel Vejmelka, no recente artigo “A camisa canarinho: um mito moderno em disputa”, que traz pesquisas instigantes sobre o tema, é muito interessante perceber:

[...] que o processo de apropriação da camisa canarinho por parte de um conglomerado não muito bem definido na direita do leque político mostre paralelos e analogias centrais com histórias de apropriação ou sequestro de determinadas marcas de roupas “significativas” no âmbito da cultura popular e das subculturas¹⁶.

Hoje, arriscamos dizer que, para resgatar a camisa da seleção e associá-la a valores progressistas e, digamos, também poéticos (e dolabelianos), talvez seja a hora dos editores também olharem para a camisa da seleção de futebol que as mulheres vestem, como bem nos sugere Vejmelka:

[...] seria de esperar que o próprio futebol sofresse a próxima transformação, se posicionasse de forma progressista no espectro político e que uma seleção brasileira portadora de valores positivos; que uma seleção desligada das elites de direita, socialmente consciente e responsável – e de repente nem a masculina e sim a feminina – conquistasse um título internacional jogando um futebol corajoso, corajoso, “artístico”. Porque assim talvez seria possível reverter partes dos danos causados pela apropriação anti-futebolística e conservadora dessa camisa que já foi símbolo da alegria do povo e mito global¹⁷.

Em 2027, o Mundial de Futebol Feminino será no Brasil, com jogos na capital mineira. Quem sabe isso não seria um bom motivo para os amantes da literatura e do futebol se reunirem? Acreditamos que as jogadoras teriam grandes chances de agregar novos valores à camisa da seleção brasileira de norte a sul do país, assim como fizeram as jogadoras da Espanha na última Copa. Afinal, como também sugerem os versos finais do poema “Profissões para mulheres & outros esportes feministas”, de Tatiana Pequeno: “mulher também assina/ gol e tem nome inscrito/ em caixa alta na camisa”¹⁸.

Poema 3: Depois do jogo

*quem gosta de gol,
na verdade, tem saudade
só de futebol.*

“11 haicais”, Marcelo Dolabela.

¹⁶ VEJNELKA. A camisa canarinho: um mito moderno em disputa, p. 20.

¹⁷ VEJNELKA. A camisa canarinho: um mito moderno em disputa, p. 22.

¹⁸ PEQUENO. Profissões para mulheres & outros esportes feministas, p. 242.

Enquanto nos poemas “Conversa no Xok-Xok” e “Brasil é o planeta do futebol” vimos um tom eufórico de Marcelo Dolabela e uma composição rigorosa dos versos – apreço pela forma e pelas normas da versificação tradicional – que têm como centro um assunto tipicamente popular, em “Depois do jogo” transitaremos ainda entre os polos do rigor e da circunstância, porém de maneira diferente dos poemas anteriores, pois este traz “cenas noturnas ruidosas protagonizadas por frequentadores da Avenida Santos Dumont, região boêmia de Belo Horizonte, após uma partida de futebol”¹⁹.

Em “Depois do jogo”, escrito em 2011, a partida não é temática central, mas a ignição de um discurso que, a princípio circunstancial, vai se tornando cada vez menos ordinário. Embora menos explícito que nos poemas compostos em redondilhas, o rigor formal ainda existe. Há versos de três sílabas poéticas (“garçonetes”) e versos que extrapolam as dez sílabas (“a junkie-box toca o que o dinheiro pedir”, que pode ser lido de maneiras diferentes, como um verso de onze a treze sílabas). No entanto, não é a extensão da métrica que mais importa nesse poema, visto que a forma é um detalhe sutil e as rimas são apenas nuances do discurso, não pretendendo dar à composição um ritmo definido – o vocábulo “tipo” rima com “filhos”; “chegado” rima com “centavos”; “estacionamentos” com “centro”. As estrofes não são divididas em função de uma forma pré-definida, elas são núcleos discursivos que gradualmente se tornam mais graves.

O apelo ao cotidiano e o caráter popular e circunstancial desse poema nos são apresentados desde o título. “Depois do jogo” nos informa o momento em que se passa o que é narrado no poema, criando uma submersão amarga, porém não menos poética. À medida que avançamos para as primeiras estrofes, somos introduzidos a essa mesma circunstância, que, por sua natureza, é cotidiana:

jovens prostitutas
com as unhas no sabugo
circulam de shortinho e
camisa de time de futebol

¹⁹ ALVIM; GUIMARÃES. Scoring a brace for Dolabela | Dois do Dolabela, p. 231.

falsos gigolôs
querem seduzir as garçonetes
para comer e beber de graça²⁰

Com essas duas primeiras estrofes, já notamos que se trata de um contexto urbano. As três estrofes seguintes só confirmam essa expectativa e nos apresentam outros personagens da cidade: o falso malandro e o pasteleiro. E na sexta estrofe há uma ruptura no discurso:

todas as canções
se chamam saudade

a escuridão dos estacionamentos
ensina como parar
e seguir a vida no Centro²¹

Essa estrofe já não é tão trivial como as anteriores. Nela, há indícios do tom grave que o poema ganhará ao se encerrar. As canções tocadas, propositadamente chamadas de “*junkie-box*” na estrofe seguinte, chamam-se saudade, esse sentimento tão distinto da lírica portuguesa.

Chegamos, por fim, às três últimas estrofes. São elas as responsáveis por transformar toda a cena cotidiana em poesia. É nelas ainda que nos é apresentada a chave de compreensão do texto, o nome Santos Dumont, que sabemos ser a avenida homônima (local do baixo centro belo-horizontino). Ali, nesse lugar, com seus bares, prostitutas e malandros, não existe nenhuma metafísica possível – “nenhuma igreja”²². Há o asfalto sanguíneo, adjetivo esse que nos coloca no plano humano, baixo, contrário ao dos deuses. Não existe ingenuidade nessa avenida, e o Criador não protege os ingênuos.

Por fim, se apelarmos à lógica, não protegeria, então, Deus os frequentadores da Santos Dumont? A resposta enfática é a última estrofe e o último verso, que vêm responder à pergunta anterior: “Deus não circula na Santos Dumont”. Nesse fechamento, mais uma vez, Dolabela transita entre a circunstância e o rigor, com uma maestria que, como demonstrado, nos é mesmo “extraordinária”. Afinal, a poesia e o futebol têm a ludicidade em sua raiz, sendo processadas dentro “de certos

²⁰ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 359.

²¹ DOLABELA. Futebol & Cia., p. 359.

²² DOLABELA. Futebol & Cia., p. 359.

limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas, e fora da esfera da necessidade ou da utilidade material”²³. Sabedores disso, grandes poetas como Dolabela, Drummond e Jovino compreendem que “[...] toda poesia surge do jogo: o jogo sagrado do culto, o jogo festivo da corte amorosa”²⁴.

Referências

- ALVIM, Renato de Souza; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. *Scoring a brace for Dolabela* | Dois do Dolabela. *FuLiA/UFMG*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 227-232, 2023.
- CRUZ FILHO, José de. *História e teoria do soneto*. Anotado por Glauco Mattoso. Rio de Janeiro: Elos, 2009 [1961].
- DOLABELA, Marcelo. 11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra. In: ROSA, Mário Alex; ABREU, Júlio. *Pelada poética*: antologia. Belo Horizonte: Scriptum, 2013, p. 71-72.
- DOLABELA, Marcelo. *Acre ácido azedo*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2015.
- DOLABELA, Marcelo. *Amônia*. Belo Horizonte: Poesia Orbital, 1997. (Coleção Poesia Orbital).
- DOLABELA, Marcelo. *Através das paredes*. Belo Horizonte: proVERbo dois, 1978.
- DOLABELA, Marcelo. *Batuques de limeriques*. Ilustração: Clô Paoliello. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Esconde-esconde).
- DOLABELA, Marcelo. *Coração malasarte*. Belo Horizonte: Cemflores, 1980.
- DOLABELA, Marcelo. Futebol & Cia. *Em Tese*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 356-361, abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3QHMT7P>. Acesso em: 17 set. 2023
- DOLABELA, Marcelo. *Hai Kaixa*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1993. (Livro-objeto).
- DOLABELA, Marcelo. *Letrolatria*. Belo Horizonte: Associação Cultural Pandora; Fahrenheit 451, 2000.
- DOLABELA, Marcelo. *Lira dos 60 anos*: meus poemas favoritos. Belo Horizonte: [s.n.], 2017.
- DOLABELA, Marcelo. *Lorem ipsus*: antologia poética & outros poemas. Belo Horizonte: Editora Minimemória, 2006.
- DOLABELA, Marcelo. *Poeminhas & outros poemas*. Seleção: Ana Caetano. Belo Horizonte: Fahrenheit 451, 1994.
- DOLABELA, Marcelo. *Radicais*. Belo Horizonte: Edições Dadalabela, 1985.
- GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Marcelo Gomes Dolabela: Lajinha revisitada, poesia e futebol (estudos dolabólicos #1). *FuLiA/UFMG* [Dossiê: Futebol, língua global do século XXI], Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 2024.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2019. Edição do Kindle.
- MARCELO DOLABELA (portal do autor): <https://marcelodolabela.com.br>.

²³ HUIZINGA. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura, p. 193.

²⁴ HUIZINGA. *Homo Ludens*: o jogo como elemento da cultura, p. 189.

- MATTOSO, Glauco. *Tratado de versificação*. São Paulo: Annablume, 2010.
- MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PEQUENO, Tatiana. Profissões para mulheres & outros esportes feministas. *FuLiA/UFMG*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2023, p. 242-244.
- ROSA, Mário Alex; BELFORT, Welbert (Org.). *Pelada poética: Copa do Mundo no Brasil*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.
- ROSA, Mário Alex; ABREU, Júlio (Org.). *Pelada poética: antologia*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.
- ROSA, Mário Alex; BELFORT, Welbert; MORAES, Fernanda (Org.). *Pelada poética* [plaquete]. Belo Horizonte: Scriptum, 2010.
- ROSA, Mário Alex; BELFORT, Welbert (Org.). *Pelada poética* [plaquete]. Belo Horizonte: Scriptum, 2006.
- VEJMEKA, Marcel. A camisa canarinho: um mito moderno em disputa. *FuLiA/UFMG*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2024.

Sobre os autores

Anderton Taynan Rocha Fonseca é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2023). Licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Foi membro do Programa Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, vinculado ao Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, no período de 2015 a 2017. Foi integrante do Programa Educativo do Museu Brasileiro do Futebol de 2017 a 2019. Foi professor de educação básica na Rede Estadual de Educação de Minas Gerais. Atua como professor da educação básica na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras (FuLiA/UFMG), do Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA/UFMG), e do Projeto de Extensão Escola em Duas Rodas: Bicicleta, Direito à Cidade, Mobilidade Ativa e Educação, vinculado a Faculdade de Educação da UFMG.

Gabriel Canuto Nogueira Gama é mestre em Estudos Literários (UFMG), graduado em Jornalismo e em Letras (ambos pela PUC-Minas) e graduado em Psicologia (FUMEC-MG). Tem larga experiência no jornalismo esportivo com destaques para os seguintes trabalhos: foi cofundador e editor-chefe do Observatório do Esporte, portal de notícias premiado em 2º lugar na versão online do programa O aprendiz, da *Rede Record de Televisão*, em 2011; atuou como repórter correspondente do *Grupo Estadão* durante a Copa do Mundo de 2014, em Belo Horizonte/MG; foi editor de texto da equipe do Globo Esporte, da TV *Globo Minas* (2018-2020). Já participou como membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da UFMG (2016-2018), e como editor de seção da revista FuLiA/UFMG (2018-2020). Atualmente, é produtor, revisor e consultor textual autônomo, atua como roteirista e editor do canal da psicóloga Aidda Pustilnik e trabalha como psicólogo clínico. É autor de dois livros de poesia: *Nós dois: mais cedo que antes, mais tarde que depois* (CBJE, 2015) e

Para não desistir (Patuá, 2019). É coautor da antologia poética *Coletânea Prosa & Poesia* – 2018, primeiro livro digital da Academia Mineira de Letras. Veicula seus escritos poéticos no Instagram (@paranaodesistir) e YouTube. Outros trabalhos de destaque: assessor de comunicação e artístico da Instituição Monte Tabor, com produção de documentário sobre o projeto social “Missão Barra”, no sertão da Bahia (2019); consultor textual da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia durante a criação do Selo de Humanização do SUS/BA (2020).

Gustavo Cerqueira Guimarães é poeta, editor, professor e pesquisador. Graduado em Psicologia e Letras pela PUC-Minas, possui mestrado e doutorado em Estudos Literários pela UFMG, ambas universidades situadas na capital de Minas Gerais. Atuou como professor de literatura na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo/Moçambique, pelo Leitorado Guimarães Rosa/MRE (2019-2023), e na UFMG, pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado/CAPES (2013-2018), com a pesquisa intitulada “A tabelinha entre o futebol e outras práticas poéticas no Brasil”. Nesse período, fundou a FuLiA/UFMG, revista científica sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes (Qualis/CAPES: A4), da qual é coeditor. Realizou os videodocumentários *El Minero na Libertas: 13 atos* (PeDRa LeTRa; 2025) e *Um goleiro, uma garantia: guarda-redes de Moçambique* (IGR-Maputo, 2022), além do curta-metragem *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (Leite Filmes, 2018), selecionado no 9º CineFoot e no 14º Festival Taguatinga de Cinema. Entre outros, organizou os livros, *Jogo que jogo* (Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2024), antologia poética de Marcelo Dolabela, e coorganizou *Estórias para além do tempo: Paulina Chiziane entre Moçambique e Brasil* (Maputo: IGR, 2023) e *Futebol: fato social total* (Belo Horizonte: Labed, 2020).

Luciana Cirino Lages Rodrigues Costa possui Graduação em Educação Física, pela UFMG (1998). Mestre (2010) e doutora (2019) em Estudos do Lazer (UFMG) e especialista em Política para Juventude (Newton Paiva, 2012). Atua na docência do curso de Educação Física da UNIFEMM e na Educação Física/EJA da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. É analista de Políticas Públicas da Secretaria Municipal de Esportes da PBH. Compôs

o quadro de formadores do Ministério do Esporte no Programa PELC. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, Educação e Juventude e Políticas Públicas de Esporte e Lazer, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, políticas públicas, lazer, formação profissional, esporte e espaço urbano.

Letícia Costa Marcolan é doutoranda e Mestra em História, Política e Bens Culturais pela CPDOC-FGV. Historiadora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É Técnica Florestal pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Desde 2019 é membro pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras da UFMG. É colunista do portal acadêmico Ludopédio. Áreas de interesse: Futebol no campo das Ciências Humanas; Dirigentes esportivos; Identidade clubística.

Marcelino Rodrigues da Silva é doutor em Estudos Literários: Literatura Comparada pela UFMG, docente da Faculdade de Letras da UFMG e líder do FuLiA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes. Desenvolve pesquisas sobre a cultura esportiva brasileira e as relações entre futebol, jornalismo e literatura. Entre seus trabalhos, estão os livros *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho* (Editora UFMG, 2006) e *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura* (Relicário Edições, 2014).

Marcus Vinícius Costa Lage é doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020), mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013), possui Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010). Realizou pesquisa de pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021). Atualmente é Professor Adjunto I do Curso de História da PUC Minas. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: futebol, política, clubes de futebol, Copa do Mundo de Futebol e imprensa.

Rafael Castro de Souza é mestre em Literaturas Modernas e Contemporâneas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com a dissertação *A vida sensível do mito na literatura Huni Kuin*. Licenciado em Alemão/Português pela mesma universidade.

Raphael Rajão Ribeiro é doutor em História, Política e Bens Culturais pela Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisador do FuLiA/UFMG – Núcleo de estudos sobre futebol, linguagem e artes. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). É autor do livro *A bola, as ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*, pela Editora Multifoco e, em parceria, organizador dos livros *História Oral e Futebol*, pela editora Letra e Voz, e *Futebol Popular*, pela editora Ludopédio.

Thiago Carlos Costa é doutor em Estudos do Lazer (UFMG), mestre em Estudos Literários (UFMG), Bacharel e Licenciado em História (PUC-Minas). Professor de História, Membro pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FuLiA), da UFMG, e também do GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Foi curador do Museu Brasileiro do Futebol (2013-2019), no Mineirão.

Verônica Toledo Saldanha é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021). Professora Substituta no Departamento de Educação Física na Universidade Federal de Pernambuco. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes da Faculdade de Letras (FuLiA/UFMG) e do Grupo de Pesquisas em História do Lazer (HISLA/UFMG). É vice-coordenadora no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFFuT-PE). Seus maiores interesses como pesquisadora são os estudos históricos do lazer, do cinema e do esporte.



Publicações Viva Voz

As Copas do Mundo de futebol na literatura, na música e no cinema

Elcio Loureiro Cornelsen (Org.)

Marcel Vejmelka (Org.)

Futebol, Linguagem e Cultura

Elcio Loureiro Cornelsen (Org.)

Marcus Vinicius Costa Lagez (Org.)

Futebol: fato social total

Elcio Loureiro Cornelsen (Org.)

Francisco Ângelo Brinati (Org.)

Gustavo Cerqueira Guimarães (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.laped-letras-ufmg.com.br

P962

Problemáticas e solucionáticas do futebol em Minas Gerais /
Organização: Gustavo Cerqueira Guimarães, Luciana Cirino
Lages R. Costa, Marcelino Rodrigues da Silva. – Belo
Horizonte : FALE/UFMG, 2026.

140 p. : il., fots., color. (Viva voz).

ISBN: 978-85-7758-404-8 (digital)

978-85-7758-403-1 (impresso)

Inclui bibliografias.

1. Futebol – História – Minas Gerais. 2. Futebol – Minas Gerais
– Aspectos sociais. I. Guimarães, Gustavo Cerqueira. II. Costa,
Luciana Cirino Lages R. III. Silva, Marcelino Rodrigues da, 1965-.
IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V.
Série.

CDD : 796.334098151

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFG em sistema digital, papel marfim 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

